MONSENHOR DE SÉGUR

PERGUNTAS E RESPOSTAS CONCISAS E FAMILIARES

ÀS

OBJECÇÕES MAIS VULGARES CONTRA A RELIGIÃO

MACHADO & RIBEIRO, L.DA
LIVRARIA MODERNA E LIVRARIA CATÓLICA PORTUENSE
48, Largo dos Loios, 50
PORTO

Nihil obstat.
Porto, 14 de Junho de 1946.

Cónego Manuel José de Sousa.

Pode imprimir-se.
† *A. Bispo do Porto.*

CORRIGENDA

Pág.	*linha*	*onde se lê*	*deve ler-se*
81	Nota 2	hebraica	aramaica
85	Nota 1	vinte e cinco ou trinta anos	alguns anos
100	Nota 1	a disciplina geral à liturgia	a disciplina geral, a liturgia
128	Nota 1	A última canonização teve lugar em 1839; o Papa Gregório XVI declarou santos o Beato Afonso de Liguori e quatro outros Servos de Deus.	A última canonização teve lugar em 1946; o Papa Pio XII declarou santa a Beata Francisca Xavier Cabrini.

PREFÁCIO DO AUTOR

Eis aqui um livrinho, meu querido leitor, que expressamente compus para a vossa pessoa. À primeira vista talvez vos desagrade; permiti-me todavia que vo-lo ofereça; porque é isto um sinal certo de que dele tendes particular necessidade.

Um bom livro, dizem vulgarmente, é um amigo.

Conto actualmente, qualquer que seja a vossa opinião a este respeito, apresentar-vos um desses amigos. Recebei-o pois como se recebem os amigos, com benevolência e franqueza do coração. Quanto a mim, ofereço-vo-lo do mesmo modo.

Com quanto fale de coisas um pouco sérias, tenho bem fundadas razões para crer que não vos enfastiará. Eu tive o cuidado de lho recomendar, e ele prometeu-me não «pregar», mas simplesmente «conversar» — depois de haverdes lido o último capítulo, dir-me-eis se cumpriu a palavra.

Sem dúvida atendereis a que as preocupações, a que oponho respostas, são de três espécies. Umas provêm «da impiedade», e estas são as piores; assim comecei por elas: as outras provêm «da ignorância»; e outras, enfim, «da cobardia».

Apraz-me supor que a maior parte destas objecções vos são estranhas, e que jamais vo-las propusestes sèriamente.

Não obstante, notei-as como um preservativo para o futuro. É um contra-veneno que, por precaução, antecipadamente vos ministro.

Rogo a Deus que estas simples conversações vos sejam úteis, e que cativem o vosso coração.

Sabendo, por uma suave experiência, que a verdadeira ventura consiste em conhecer, amar e servir a Deus, o meu mais ardente desejo é ver essa mesma ventura, tão pura e sólida, tornar-se igualmente vossa...

A intenção é boa; isto já é alguma coisa, atento o tempo que corre. Será o livro tão bom como a intenção? Eu assim o desejo, posto que reconheça a minha diminuta habilidade.

Naturalmente achareis muitas questões tratadas com demasiada concisão; porém, tive receio de vos fatigar, meu querido leitor; e antes quis ser incompleto, que causar-vos sono. Inútil será o livro que faz adormecer o leitor!...

Quanto a este, convido-vos a que não leais muito de uma vez, mas também «a lê-lo todo, do princípio ao fim». Lede com reflexão, ponderando cuidadosamente as razões que exponho. «Rogo-vos, sobretudo, que busqueis a verdade com a boa fé», e que não a repulseis, uma vez que esta se patenteie ao vosso espírito. Quando o coração é recto e sincero, a convicção opera-se depressa.

I

Para que me serve a religião? É coisa que eu não tenho, e nem por isso deixo de passar bem.

Resposta. — Também eu não vo-la proponho como um meio de crescer ou de passar bem.

Porém, falando sinceramente, estaremos nós neste mundo ùnicamente para isso? não teremos mais alto destino que os nossos bois, cães e gatos?... Todos os povos, em todos os tempos, e em todos os lugares, sempre estiveram convencidos do contrário, e parece-me difícil que tenhais razão contra a torrente de todas as gerações.

Pois é deste destino, que é o vosso, o meu, e o de todos os nossos semelhantes, que se ocupa a Religião. Não há coisa alguma que mais nos deva interessar, não há coisa alguma que mereça mais a atenção do homem razoável.

E, com efeito, à proporção que a Religião se encontra verdadeira ou falsa, tudo experimenta mudança na direcção prática da nossa vida, em nossas ideias, em nossos sentimentos mais íntimos e mais importantes.

Ora não sòmente é *possível* que a Religião seja verdadeira, mas há mui graves pressupostos em seu favor, tanto nos seus imensos benefícios da civilização que difiniu por toda a terra, como no acatamento que lhe tributou uma multidão

de homens eminentes em virtudes e talentos, tais como Bossuet, Fénelon, S. Luís Fayard, Duguesclin, Turenne, o grande Condé, Napoleão, S. Vicente de Paulo, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Sales e muitos outros.

Deixai-me pois discutir convosco a causa da Religião.

Acreditai-me: vós só a rejeitais por isso que não a conheceis... Tal como vo-la representam, concebo sem dificuldade que vos há-de causar repugnância. Mas é ela realmente assim? Nisto cifra-se toda a questão. — Ah! que preconceitos, que estranhos erros correm comummente a seu respeito!

Nestas símplices conversações, meu querido leitor, não me será difícil demonstrar-vos que estes preconceitos são injustos; que a Religião não é como se pretende inculcar; que esta além de não ser absurda, é soberanamente racionável, bela e harmoniosa, e que repousa sobre as mais sólidas provas.

Vou mostrar-vos que esta é feita para vós, e vós sois feito para ela!...

Se, como eu, vísseis todos os dias esta abençoada Religião enxugar as lágrimas do pobre, transformar os corações viciosos, suspender o mal, reparar as injustiças, acalmar os ódios, derramar por toda a parte a resignação, a verdade, a paz, a esperança, a alegria das almas... decerto mudaríeis de linguagem, e eu não teria precisão de instar a este respeito.

Porém, desgraçadamente, esta prova *prática e experimental* da Religião é mais eficaz sentindo-se que expondo-se. É a experiência, e não a palavra, que lhe fez compreender a força invencível.

Permiti-me, todavia, que antes de dar recomeço às nossas maiores ou menores práticas,

escolha entre mil acções afectuosas, que se apresentam ao meu espírito, um facto mui recente, de que posso afiançar a absoluta veracidade, visto que dele fui testemunha e quase o actor. Parece-me que este falará com mais energia em favor da minha tese do que o mais eloquente discurso.

Fora condenado à morte, há alguns anos, um infeliz sargento, e aguardava na prisão militar de Paris a execução da fatal sentença.

O seu crime era grave: havia tirado a vida, com premeditação, ao seu tenente, para se vingar de certa punição com que este o ameaçara.

Eu, como capelão desta prisão, fui ter com o sargento Herbuel para lhe ministrar os socorros da Religião. Este já arrependido do seu crime recebeu-os sem dificuldade. Ao segundo ou terceiro dia, depois de sentenciado, recebeu o Sacramento, e a partir deste momento, mostrava-se o preso inteiramente mudado.

«Agora, me dizia ele, agora considero-me ditoso. Estou pronto: faça Deus de mim o que for da sua vontade. Desfruto profunda paz; não deploro a vida senão para ter ocasião de fazer penitência... Cofessava-se e comungava quase todos os oito dias.

No 1.º de Novembro de 1848, passados dois meses de prisão, notificou-se-lhe a execução da sentença. Ele ouviu-a com a tranquilidade de um cristão. Eu estava então em sua companhia. Conquanto o seu corpo experimentasse uma espécie de tremor convulsivo, a sua alma dominava esta comoção violenta, e conservava a paz do coração. «Seja feita a vontade de Deus», disse ele ao comandante.

Eu continuei a fazer-lhe companhia, recebi pela derradeira vez a confissão dos seus pecados, e depois ministrei-lhe o sagrado Viático. Esteve

em oração a maior parte da noite, conversando de quando em quando com os dois soldados que o vigiavam.

A lúgubre carruagem que nos devia conduzir a Vincenes chegou pelas seis horas. Herbuel abraçou o carcereiro e o comandante; nenhum deles podia suster as lágrimas. Eu entrei com o preso na carruagem celular.

Mostrou-se tranquilo, e até alegre, durante o trajecto.

«Não fazeis ideia, senhor capelão, me dizia ele, que excelente dia passei ontem! Como estava cheio de júbilo! Era um pressentimento permitido pela divina providência. Eu bem sabia que era a festa de Todos os Santos; todo o tempo que tive empreguei-o na oração... *e agora ainda o estou mais. Não é posssível exprimir o sossego que gozei esta noite: disfrutava um júbilo de que se não pode fazer ideia...»*

—E todavia caminhava para a morte!...

«A morte, acrescentava ele, já me não assusta.—Eu bem sei para onde vou; lá para cima, para casa de meu Pai, para *nossa casa*... Dentro em breve lá chegarei.—Sou grande pecador, o maior de todos os pecadores. Humilho-me a todos; ofendi a Deus; pequei... porém, Deus é misericordioso, e eu tenho imensa confiança na sua bondade...»

E lendo uma oração que lhe trazia à memória a comunhão: «Deus está comigo», murmurava ele em voz baixa, e com efeito mostrava-se por extremo alegre.

«Oh! como creio firmemente, ajuntava ele ainda, todas as verdades da Igreja! *Oh! quanto estou tranquilo!* QUE BELO DIA!—Brevemente estarei com Deus!...» E, voltando-se para mim com um sorriso: «Meu padre, eu lá vou esperar-vos; também concorrerei para que ali

entreis, ou então não poderei nada».—Depois, tornando a si: «Quanto a mim não sou nada, só Deus é tudo. Tudo o que tenho de bom é dele, vem só dele... Eu nada mereço; sou grande pecador!»

Mostrava-me o seu *Manual Cristão*: «Os soldados deveriam sempre ter este livrinho, e nunca o largar. Se eu o houvera lido toda a minha vida, nem faria o que fiz, nem estaria onde estou...»

Chegáramos à planície de Vincenes havia algum tempo. O momento da execução aproximava-se. Ofereci ao pobre condenado o crucifixo; ele recebeu-o com transporte; e, olhando-o com inexprimível ternura, disse-lhe repetidas vezes: «Meu Salvador! meu Salvador! Sim, ei-lo aqui morto por minha causa! Eu também vou morrer com ele!...» E durante estes colóquios beijava a santa imagem.

Tudo estava pronto. Apeámo-nos. Herbuel pediu que se lhe permitisse dar a voz de fogo, o que se lhe concedeu, EU TIVE CORAGEM PARA O CRIME, DIZ ELE, É NECESSÁRIO QUE A TENHA PARA A EXPIAÇÃO!

Recebeu de joelhos a última bênção, e colocou-se na frente do piquete que o devia espingardear. — «Camaradas, exclamou ele com voz vibrante, eu morro cristão! Eis aqui a imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo! Reparai bem, eu morro cristão!» E mostrava a todos o crucifixo. — «Não façais o que eu fiz; respeitai os vossos superiores!»

Abracei-o pela última vez. A terrível detonação fez-se ouvir um momento depois... e Herbuel compareceu diante de Deus, que tudo perdoa ao arrependimento!

Ora, dizei-me, que pensais de uma Religião que faz morrer deste modo um grande crimi-

noso? Não há aqui motivos bem próprios para vos fazer reflectir?

II

Não há Deus

Resposta. — *Estais bem certo disso?* — Então quem fez o céu, a terra, o sol, as estrelas, o homem, o mundo? Fez-se acaso tudo isto a si mesmo? — Que direis se qualquer pessoa, mostrando-vos uma casa vos afirmasse que esta se fizera a si mesma? que direis até mesmo se pretendera persuadir-vos que isto era possível? — Que zombava convosco, ou que estava louca, não é assim? pois neste caso teríeis muita razão.

Assim, se uma casa se não pode fazer a si mesmo, quanto menos ainda as maravilhosas criaturas que povoam o universo, a começar pelo nosso corpo, que é a mais perfeita de todas?

Não há Deus? — Quem vo-lo disse? Sem dúvida algum estouvado que, não tendo visto a Deus, concluía daí que não existia? — Mas porventura não haverá entes reais senão os que se podem ver, ouvir, tocar e sentir? — O vosso pensamento, isto é, a vossa alma, que cogita, não existe? Existe, e tendes da sua existência um sentimento tão íntimo, tão evidente, que nenhum raciocínio no mundo seria capaz de vos persuadir do contrário. — Todavia, já vistes, tocastes ou ouvistes a vossa alma? — Vêde, pois, como é ridículo dizer: Não há Deus, porque eu ainda o não vi.

Deus é *puro espírito*, quero dizer, é um ente que não fica ao alcance dos sentidos materiais

do nosso corpo, e que se não percebe senão pelas faculdades da nossa alma. — A nossa alma é igualmente *puro espírito;* Deus a criara à sua imagem.

Refere-se que, no último século, em que a impiedade era da moda, se encontrara um homem de bom juízo a cear com alguns pretendidos filósofos, que falavam de Deus, e negavam a sua existência. — Quanto ao nosso homem, guardava silêncio.

Sucedeu estar o relógio a dar horas quando se lhe perguntou a sua opinião sobre a matéria. Este contentou-se com apontar para o relógio, recitando-lhe estes versos, cheios de finura e bom senso:

Quanto mais nisto cogito,
Mais longe estou de pensar.
Que, sem ter relojoeiro,
Possa este relógio andar.

Não se diz o que os seus amigos responderam. — Cita-se ainda um dito muito picante de certa senhora a um célebre incrédulo da escola voltaireana. Havia este tentado inùtilmente converter a mesma dama ao seu ateísmo. Despeitado pela resistência: «Custa-me a acreditar, disse ele em uma reunião de pessoas sensatas, ser eu aqui o único a não crer em Deus».

«Vós não sois o único, senhor, lhe respondeu a dona de casa; os meus cavalos, o meu cão e o meu gato contam também essa honra; só com a diferença, que estes pobres brutos têm a discreção de não se gabarem disso».

Sabeis o que quer dizer em bom portugues a grosseira expressão: «Não há Deus?» — Ei-la aqui fielmente traduzida: «Eu sou um perverso, e temo que haja lá em cima alguém para me punir».

III

Quando se morre, tudo morre

Resposta. — Isso é verdade, falando-se dos cães, gatos, jumentos, canários, etc. Porém, sereis excessivamente modesto se vos incluis nesse número.

1.º — Vós sois homem, e não bruto; é coisa bem estranha que seja necessário lembrar-vo-lo. Tendes *uma* ALMA, capaz de refletir, de praticar o bem ou o mal, e essa alma é imortal; os brutos não a têm.

O que constitui o *homem* é a *alma;* quero dizer, o que em nós pensa, o que nos faz conhecer a verdade e amar o bem. É isto o que nos distingue dos brutos. E eis aqui o motivo por que se torna grave injúria dizer a qualquer: sois um bruto, sois um animal, etc. É recusar-lhe a sua primeira glória, a de ser *homem*.

Logo, dizer: «Quando eu morrer, tudo em mim terá morrido», é dizer: «Eu sou um bruto, um verdadeiro bruto, um animal. E que inferior animal! Eu valho muito menos do que o meu cão; porquanto, ele corre mais do que eu, dorme melhor, tem vista mais aguda, olfacto mais fino, etc., etc.; menos do que o meu gato, que vê às escuras, que não tem que cuidar no seu vestuário, no seu calçado, etc. Em uma palavra, sou um bruto pobríssimo, e o mais indigente de todos os animais».

Se isto vos agrada, dizei-o; dai-lhe crédito, se podeis; porém, permiti-nos que sejamos um pouco mais orgulhosos que vós, e que altamente declaremos que somos *homens*.

2.º — E que seria o mundo se a vossa asserção fora fundada? Seria um verdadeiro covil de assassinos! O bem e o mal, a virtude e o vício, não seriam mais que palavras vazias de sentido, ou antes mentiras odiosas! Porquanto se, por uma parte, nada tenho a temer de uma outra vida, e se, por outra, me conduzo com suficiente destreza para nada recear nesta, por que razão não roubarei, não matarei, quando o meu interesse a isso me impelir? Porque não me entregarei a todos os requintes da libertinagem? Porque reprimirei as minhas paixões? Eu nada tenho a temer; a minha consciência é uma voz mentirosa, a que imporei silêncio... Uma única coisa atrairá a minha atenção: será evitar as vistas das autoridades de polícia. — O *bem* para mim, assim como para todo o homem sensato, será escapar-lhe, o *mal* ser por elas colhido.

«Que estranha linguagem! — dizeis vós: só estando louco se poderia sustentar sèriamente».

Sem dúvida. Todavia, se tudo estivera para nós terminado no dia da nossa morte, desafiar-vos-ia para que refutásseis esta mesma linguagem, conquanto tão odiosa e absurda.

Se não houvera uma vida futura, desafiar-vos-ia para me demonstrar em que é S. Vicente de Paulo mais estimável que Cartuche!

Julgai da árvore pelos frutos, como o ensinam o bom senso e o Evangelho. — Julgai o princípio por suas horríveis consequências... E ousai repetir: «Quando se morre, tudo morre». — Ficaremos sabendo, de hoje em diante, o que isto quer dizer...

3.º — O materialismo, já contrário ao bom senso, ainda o é ao sentimento geral e invencível de todos os homens. Sempre e por toda a

parte se acreditou numa vida futura: sempre e por toda a parte o inocente injustamente perseguido, o homem de bem desgraçado, esperam em uma outra vida a justiça e a ventura que lhes eram recusadas na terra; sempre e por toda a parte se acreditou em um Deus vingador do crime impune!...

Sempre e por toda a parte, enfim, se rogou pelos mortos, e se esperou encontrar além da campa, em um mundo melhor, aqueles que na terra se haviam amado.

«Para que é chorar? dizia a sua esposa e filhos, Bernardin de Saint Pierre moribundo. O que em mim vos ama, viverá sempre... Isto não é mais que uma separação momentânea; não a torneis tão dolorosa!... *Eu conheço que deixo a terra, mas não a vida*».

Tal é a voz da consciência; tal a voz, a doce, a consoladora voz da verdade!

Tal é igualmente a solene palavra do Cristianismo. Mostra-nos este a presente vida como uma *atribulação* passageira, que Deus coroará com a ventura eterna. Incita-nos a merecer esta ventura pelo sacrifício, e pelo desempenho do dever. O Cristão, chegado à hora derradeira, entrega confiadamente a alma nas mãos de seu Criador; e a uma vida pura, santa e tranquila, sucede uma eternidade ditosa!...

Longe de nós, pois, longe de nações esclarecidas, esse horrível materialismo que tentara roubar-nos tão sublimes esperanças! Longe de nós essas mentiras que aviltam o corpo, que destroem tudo o que é respeitável e grato sobre a terra!

Longe de nós a doutrina que não deixa por partilha ao pobre que padece e chora, ao inocente vexado e oprimido, senão a desesperação.

A consciência humana repele-a com desprezo!

IV

É o acaso que dirige tudo; a ser de outra maneira, não haveria tanta desordem no mundo. Quantas coisas inúteis, imperfeitas, ruins! É claro que Deus não se ocupa de nós.

Resposta — Se um ignorante, que não soubesse ler, abrisse um volume de Corneille ou de Racine, e, vendo tantas letras desconhecidas, dispostas de mil maneiras diferentes, umas reunidas às outras, algumas vezes oito, outras seis, outras três, ou sete, ou duas para compor as palavras, vendo muitas linhas que se seguem umas a outras, esta no princípio de uma página, aquela no fim; muitas folhas dispostas umas no princípio do livro, outras no meio, e outras na extremidade; descobrindo lugares em branco, outros, carregados de impressão; aqui letras maiúsculas, ali letras pequenas, etc.; se, vendo tudo isto, de que nada compreendia, perguntasse porque razão se achavam estas letras, estas folhas, estas linhas antes colocadas num lugar, do que em outro; por que motivo o que se achava no princípio, não estava no meio ou no fim; por que causa não era a vigésima página antes a quinta, etc., responder-se-lhe-ia: Meu amigo, foi um grande poeta, um homem de remontado engenho que dispôs a obra desta maneira para exprimir os seus pensamentos, e se lhe pusessem uma página em lugar de outra, se lhe transpusessem, não sòmente as linhas, mas as palavras ou as letras, haveria grande desordem nesta bela obra, e o desígnio do autor ficaria aniquilado.

E se o ignorante quisesse fazer-se passar por entendido, metendo-se a censurar a disposição deste volume; se começasse a dizer: «Mas parece-me que seria muito melhor ter ajuntado todas as letras que se assemelham, as grandes com as grandes, e as pequenas com as pequenas; seria melhor ordem fazer todas as palavras do mesmo temanho, e compô-las do mesmo número de letras; por que motivo são estas aqui tão compridas, e aquelas acolá tão curtas? etc. Por que razão há-de haver este claro aqui, e não ali? Tudo isto está mal coordenado; aqui não há boa ordem. Quem fez esta obra não entendia nada dela: lançou tudo ao acaso». — Nós lhe responderíamos: «Quanto sois ignorante! vós é que não entendeis nada disto. Se as coisas estivessem aqui dispostas conforme as vossas ideias, não haveria neste livro nem sentido nem razão. Uma inteligência cem vezes maior que a vossa presidiu e preside sempre a esta disposição: e se não sabeis a razão, conspirai-vos contra a vossa própria ignorância»!

Assim fazemos nós quando criticamos as obras de Deus!

É o *seu grande Livro* que nós observamos quando lançamos os olhos no universo. Os séculos são semelhantes às páginas, que se seguem uma a outra: os anos são como as linhas; e as diferentes criaturas, desde o anjo, desde o homem até o mais diminuto raminho e ao mais pequenino grão de areia, são como as leiras, dispostas cada qual em seu próprio lugar pela mão desse Supremo Compositor, único conhecedor de suas eternas concepções e da totalidade da sua obra.

Se me perguntardes porque razão é uma criatura mais perfeita que outra; porque está esta neste lugar; e aquela noutro; porque há

frio de inverno e calor no verão; porque chove neste momento, e não em outro; porque sobreveio tal acidente de fortuna de saúde; porque se desenvolveu tal enfermidade; porque morre o mancebo na flor dos anos, e lhe sobrevive o velho decrépito; porque rouba a morte o homem beneficente, e continua a viver o malfeitor? etc.; responder-vos-ei que uma inteligência *infinita*, que uma sabedoria *infinita*, que uma justiça e bondade *infinitas*, assim dispuseram estas coisas, e que é certo que tudo está em boa ordem, conquanto o não parece ao nosso modo de ver.

Responder-vos-ei que, para julgar sensatamente qualquer obra, é mister conhecê-la *inteiramente;* é preciso abrangê-la no seu todo, e em suas partes, e comparar os meios com o fim que devem atingir. Ora, qual é o homem, qual é a criatura que jamais entrou no segredo dos conselhos eternos do Criador?

Isto seria principalmente necessário para apreciar a sabedoria e a justiça da Providência relativamente aos homens racionáveis e *livres*, destinados a uma vida imortal, capazes de fazer o bem e o mal, e como tais susceptíveis de merecer e desmerecer.

Deus, acomodando-se à nossa fraqueza, digna-se algumas vezes justificar-se neste mundo por factos, ou consoladores ou terríveis. Não há século em que se não observem destes efeitos assinalados da justiça ou da bondade divina; crimes ocultos com uma arte infernal se descobrem por meios os mais inesperados e mais extraordinários; blasfemadores audaciosos são fulminados na mesma ocasião em que desafiam esse Deus invisível em que não crêem. — Em 1848, nas imediações de Tolosa, tratando-se das eleições da Assembleia Constituinte, começara

um ímpio demagogo a arengar à multidão dos eleitores, procurando destruir em seu espírito todo o respeito, toda a atenção para com a religião, obstáculo sempre formidável para os projectos dos maus.

O orador atacava tudo, tudo negava, até a existência de Deus — «Fale, pois, esse Deus, exclamava êle mostrando o punho ao céu, fale, se acaso me ouve!...»

Palavras não eram ditas, ainda bem não tinha acabado de falar, um raio se despede das nuvens, e com ruidoso estrondo atira com o blafesmo ao centro daquela turba espavorida! — Todos o julgavam morto; todavia, passadas duas horas recuperou os sentidos; eu duvido que este homem, de aí em diante, provocasse novas provas da providência de Deus.

Outro miserável, sem dúvida mais culpado ainda, foi também castigado com maior rigor, em 1849, numa pequena aldeia próxima a Caen. Era um domingo, na ocasião da Missa. Achava-se este homem em companhia de um amigo numa taberna, que ficava contígua à igreja. O toque dos sinos desafiou o seu furor. Depois de mil horrorosas blasfêmias contra a religião e contra os padres, arrebatado por uma espécie de raiva, pegou no copo, levantou-se diante de seu companheiro e do taberneiro, que em vão pretendiam sossegá-lo: «Se há Deus, bradou êle, que me impeça de beber este copo de vinho!» — Dito e feito, caíu no mesmo instante atacado de uma apoplexia fulminante! — Poder-se-iam aduzir muitos outros exemplos semelhantes da justiça divina ainda neste mundo. Isto são amostras e como *arras* da justiça futura.

Deus dá igualmente penhores da sua providência aos bons. Quantas misérias encontram alívio, sem que tal se esperasse! Quantas vezes

vem o homem a descobrir que serviu de instrumento à santa bondade de Deus! Os pobres, e os cristãos que socorrem os pobres, aí estão para o atestarem. A sua vida é a Providência em acção; é a prova viva da Providência.

2.º — Mas, por que motivo não justifica Deus sempre de idêntica maneira a sua justiça, a sua bondade e a sua santidade mesmo neste mundo?

— A razão é mui simples. — É porque a vida presente não é senão o germe, o começo do que nos diz respeito, e porque o complemento da obra de Deus em nós está mais convenientemente colocado na eternidade; só ali chegaremos ao perfeito desenvolvimento do nosso ser. É porque o tempo presente é o tempo da fé, que deve crer sem ver, que deve crer, mesmo a despeito das aparências contrárias, o que clara e distintamente verá logo que o véu se levantar.

É mister não perder jamais de vista a eternidade, quando se trata de julgar as coisas humanas. Ela decifra maravilhosamente as desordens aparentes deste mundo. — Diz-se frequentemente: «Porque não pune Deus este tão mau, tão cheio de prosperidades, e aquele homem de bem verga sob o pêso de tantos males? Que interêsse, que cuidado toma Deus por tudo isto? Onde está a sua justiça, onde a sua sabedoria, onde a sua bondade?

Eis como a *Eternidade* que explica o mistério! Bem próprio é da justiça e da sabedoria recompensar pelas transitórias prosperidades da terra o pouco bem que fizera esse ímpio, esse grande pecador, que a Eternidade devia punir. E esses justos, que o mundo reputava tão desgraçados, expiavam por aflições passageiras as ligeiras faltas escapadas à humana fraqueza; a Eternidade bem-aventurada era a recompensa da sua virtude!

É em relação à Eternidade que devemos considerar tudo o que acontece ao homem neste mundo. Sem isto impossível será compreender coisa alguma dos desígnios de Deus a nosso respeito.

Reformemos pois de ora avante a nossa maneira de ver. Não julguemos o Juiz Supremo! — Acreditai-me, nem vós, nem eu, temos a vista tão perspicaz como ele.

Tudo quanto ele obra é bem feito, e, se permite o mal, é sempre para maior bem.

Não vos recordais do jardineiro da fábula? — Achava-se ele no jardim, junto de uma grande abóbora:

«Em que pensava
«O Autor de tais amanhos? Esta abóbora
«Eu punha-a nesta enzinha,
«Arrazoado gancho
«Para tal dependura; e vinha a pêlo
«Para pêssego tal tal pessegueiro...
Foi pena lá não 'stares
C'o Criador no Conclave.

Tudo iria melhor.

— «Certo que iria!
«Laivos tenho de ouvir contá-lo ao Cura,
«Um domingo ao sermão. — Vamos ao ponto.
Quando muito, a bolota
«Orça c'o meu meminho.
«Porque pôs n'uma enzinha? Deus deu cincas.»
Quanto mais cisma nos mal postos frutos,
Mais porfia o Bieito
Que houve erro ali nos pousos.

Estava o dia calmoso, e Bieito um pouco fatigado; deitou-se pois junto de um daqueles carvalhos. Começava a adormecer, quando uma bolota se despegou do ramo, e, do cume da árvore, lhe caiu sobre o nariz. Bieito, acordando

em sobresalto, soltou um grito e reconhecendo a causa daquele acidente:

Fez-lhe mudar de lingua o piparote,
E o sangue rebentar pelos narizes.
«E se em vez de bolotas
«Me chovessem cabaças,
«Que as queixadas, caindo, m'estroncassem!
«Deus, que o não quis assim, andou com juízo.
«Agora é que eu atino
«C'o motivo acertado».
Louvado a Deus do bem que obrara tudo,
Veio de volta a casa o nosso Bieito. (1)

Praticai pois como este homem; e, longe de negar a divina Providência, abstende-vos mesmo de vos queixar dela.

V

A Religião é boa para as mulheres

Resposta. — E porque não para os homens? Ou ela é verdadeira ou falsa. Se é verdadeira, é tão verdadeira (e desde logo tão *boa)* para os homens como para as mulheres. Se é falsa, não é melhor para as mulheres do que para os homens; porque a mentira não é boa para pessoa alguma.

Sim, decerto, «a Religião é boa para as mulheres», mas também, e absolutamente pelas mesmas razões, é boa para os homens.

---

(1) Tradução de Francisco Manuel do Nascimento: entre os Arcades Filinto Elísio.

Os homens, bem como as mulheres, têm muitas vezes paixões violentas a combater; e do mesmo modo que as mulheres, não as podem vencer sem o temor e o amor de Deus, sem os meios que *ùnicamente* a religião lhes oferece. A vida, tanto para os homens como para as mulheres, está cheia de deveres difíceis e penosos; deveres para com Deus, deveres para com a sociedade, deveres para com a família, deveres para consigo mesmo.

Tanto para os homens como para as mulheres, há um Deus a adorar e a servir, uma alma imortal a salvar, vícios a reprimir, virtudes a praticar, uma bem-aventurança a ganhar, um inferno a evitar, um juízo a temer, e uma morte contìnuamente ameaçadora, para a qual é forçoso preparar-nos.

Jesus Cristo expirou na Cruz tanto por um como por outros, e os seus mandamentos dizem respeito a todos.

A Religião portanto é tão boa para os homens como para as mulheres; e se nisso alguma diferença se achar, será que é ainda mais indispensável aos homens que às mulheres. E, com efeito, estes encontram-se expostos a mais perigos; podem fazer o mal com a maior facilidade; e estão mais cercados de maus exemplos, especialmente pelo que respeita aos maus costumes, à intemperança e à negligência dos deveres religiosos.

A Religião é boa para todos; e é especialmente necessária a todos aqueles que dizem que não é feita para eles. Tanto maior é a precisão que dela têm, tanto menos a querem.

VI

É bastante ser o homem honrado; esta é a melhor das religiões; isto é suficiente

Resposta. — Sim, senhor, para não ser enforcado: mas não para ir para o Céu. — Sim, senhor, perante os homens mas não perante Deus, perante o Soberano Juiz.

1.º — «É bastante ser o homem honrado?» Dizeis vós. — Seja: mas entendamo-nos. A quem chamais vós *homem honrado?* — Expressão é esta que me parece demasiadamente elástica, muito cómoda, e que se presta a todos os gostos.

E, com efeito, perguntai a um mancebo de costumes dissolutos, se, com o procedimento mais que leviano que tem, se pode ser *homem honrado?* «Que pergunta! vos responderá ele; as loucuras da mocidade por modo nenhum me inibem de ser homem honrado. Eu tenho a pretenção de o ser, e comigo se haveria quem viesse contestar-me este belo título».

Perguntai depois ao mercador, que compra estofos de qualidade inferior, e os vende como sendo de primeira qualidade; ao operário que trabalha menos de metade quando lhe pagam a dias, do que quando lhe pagam por obras; ao mestre, proprietário, ou administrador, que abusa da miséria dos tempos para extorquir a seus oficiais uma parte da remuneração de seus trabalhos, e até o necessário repouso do Domingo; perguntai-lhes, digo, se tudo isto os priva de serem *homens honrados?* Nenhum deles hesitará em responder-vos que é homem honrado, e

que estes ténues ardis, estas habilidades nada têm com a honra.

Perguntai ainda ao dissipador se a sua prodigalidade, ao velho se a sua avareza sórdida, ao freguês constante da taberna se a sua embriaguez, destrói a sua *honra?* E cada qual falará a favor da sua paixão válida, proclamando-se homem honrado, honradíssimo!

Portanto, pela própria confissão da *gente honrada,* de que aqui se trata, o homem dissoluto, enganador, bêbado, ávaro, usurário, pródigo e libertino, está no caso de ser *homem honrado,* e ninguém pode negar-lhe este título, a menos que ele não tenha ou roubado dinheiro, ou assassinado alguém!

Ora dizei-me, não achais esta nova moral bem cómoda? Quem nada tiver a deslindar nos tribunais criminais, também não terá de dar contas a Deus. — Assim de hoje em diante não será já ao coração que se deva atender para julgar as pessoas, mas aos ombros; e quem ali não trouxer o T. F. ou o T. P., [1] será reputado bom para o Céu!

Que bela *religião* não é a do homem honrado! — E dizeis que é a vossa religião? Que é a melhor das religiões? Uma religião que permite tudo, a não ser o roubo ou o assassínio! Vós, porém, tal não pensais? Isto é uma perversão, uma doutrina abominável, e não uma religião.

2.º — «Mas, direis talvez: então ficarei entendendo por *homem honrado* mais alguma coisa do que comummente se entende. Chamarei HOMEM HONRADO *àquele que preenche bem todos os seus deveres, que pratica o bem e evita o mal...*

---

(1) Trabalhos forçados — Trabalhos perpétuos.

E eu respondendo a isso, afirmo-vos, estribado na experiência, que se fordes tal qual dizeis, sem o poderoso socorro da Religião, sereis a oitava maravilha do mundo; porém há cem a apostar contra um, que tal não sois.

Porquanto, vós jamais me fareis acreditar que não tendes paixões, inclinações desordenadas; todos os homens as têm, e muitas. — Se pois fordes inclinados à libertinagem, à gulotoneria, aos prazeres sensuais, quem vos moderará? — Se fordes incitado à violência, ou à preguiça, ou ao *orgulho*, quem dominará essas paixões? Quem suspenderá o vosso braço? Quem deterá a vossa língua? Será o temor de Deus? — Mas nessa tal religião do homem honrado não se faz conta com isso: — Será a voz da razão? — Porém nós bem sabemos quanto vale um raciocínio quando tem a lutar com uma paixão violenta. — Então, quem obstará a isso? Na verdade, não vejo outra coisa senão o temor da polícia, da fôrça bruta. Mas nesse caso, que nobre religião!... Felicito-vos por tão belo achado. — Todavia eu prefiro a minha.

A Religião Cristã é a única que oferece remédios eficazes às nossas paixões, e põe freio a seus ímpetos. A menos que não tenhamos o homem por impecável, por anjo (o que não é) devemos concluir que, sem os poderosos auxílios que o Cristianismo nos dá, não podemos ser CONSTANTEMENTE *fiéis a* TODOS *os deveres cujo pontual desempenho constitui o verdadeiro homem honrado.*

Sem o Cristianismo não nos é possível desempenhá-los com aquela recta intenção que lhes transmite toda a beleza moral.

Ainda os mais virtuosos Cristãos (tão grande é a fraqueza humana, de que pretendeis estar isento!) faltam algumas vezes a seus deveres,

apesar da força sobre-humana que lhes presta a fé. E vós, privado deste freio onipotente, entregue às inclinações da natureza, exposto aos mil perigos do mundo, pretendeis ser sempre fiel?

Eu afirmo com segurança, que aquele que, não sendo cristão, se diz *homem honrado* (no sentido que há pouco indicámos), ou cria para si mesmo uma grosseira ilusão, ou mente à sue própria consciência.

3.º — Porém, ainda vou mais longe; e conquanto vos visse desempenhar os vossos deveres de cidadão, de pai, de esposo, de filho, de amigo, em uma palavra, todos os deveres que formam o *homem honrado* segundo o mundo, ainda vos diria: «Isso não basta!»

Não, *isso não basta.* — E porquê? — porque há um Deus que reina nos Céus, que vos criou, que vos conserva, que vos chama a si, que vos impõe uma lei determinada, que nenhum homem tem poder de aniquilar. — Porque tendes para este soberano Deus *deveres* determinados de adoração, de acção de graças, de oração, tão rigorosos, tão necessários, e mesmo mais essenciais, mais imprescritíveis que os deveres para com os vossos semelhantes.

Um ingrato, um rebelde pode acaso dizer: «Eu som bom; nada tenho a exprobrar-me?» — Não, decerto! — Pois bem, vós homem honrado do mundo, sois um ingrato, um rebelde, que olvidais a Deus! — É ele vosso Pai, deveis-lhe o ser, a vida, a inteligência, a dignidade moral, a saúde, os bens, tudo: ele criou o mundo para vós, para vossa utilidade, para vossa distracção. — Ensinou-vos pessoalmente a sua lei; abriu-vos o caminho da salvação; prepara-vos no Céu imperturbável ventura. — É vosso Senhor, e vosso Mestre; abençoa-vos; perdoa-vos; ama-vos; espera-vos!

E vós, que lhe ofereceis? Que amor, que respeito, que homenagem? Discutis com frieza os pretextos que os seus inimigos inventam para vos subtrairdes ao seu serviço. Não tendo talvez mais que sarcasmos, ódio, desprezo para tudo quanto diz respeito ao seu culto! Não lhe dirigis orações; não o adorais; não lhe agradeceis os benefícios. Zombais da fé prestada à sua palavra, da prática da sua lei...

Ingrato. — E não tendes nada a exprobar-vos? E desempenhais TODOS *os vossos deveres?...*

Cessai pois de vos criar essa ilusão! Para que serve iludir-se cada qual a si mesmo? Para que serve dissimular os próprios erros?

Reconheçamos antes que o jugo da Religião, isto é do dever, nos assustará e que, para nos desembaraçarmos dele sem grande impudência, imaginamos essa *religião do homem honrado.*

Não só esta religião não basta, mas não é, a falar com exactidão, mais que uma palavra sonora, vazia de sentido, destinada a paliar, aos olhos do mundo e aos nossos próprios olhos, as desordens, as fragilidades de que a prática do Cristianismo é o único remédio.

VII

A minha religião consiste em fazer bem aos outros

RESPOSTA. — Não há nada melhor. É isso mesmo o que a Religião cristã nos ordena com a maior insistência; chega até a assemelhar este dever à grande e fundamental obrigação de

amar a Deus: «Amarás, nos diz ela, o Senhor teu Deus de todo o coração, é o primeiro mandamento. E eis aqui o segundo, *que é semelhante ao primeiro:* amarás ao teu próximo como a ti mesmo».

Estas são as próprias palavras de Jesus Cristo (Ev. de S. Math., cap. 22); mas ele ainda acrescenta alguma coisa a que atendais: *Nestes dois mandamentos* se encerra toda a lei...

Vós, cuja religião, segundo dizeis, consiste ùnicamente em fazer bem aos outros, suprimis um dos dois mandamentos, o principal, aquele que, ordinàriamente, faz nascer o outro, que o desenvolve, alimenta, e faz subir até ao heroísmo; aquele que só o eleva até à iminência de um dever *religioso:* o mandamento do amor de Deus e a obrigação de o servir.

Para caminharmos desembaraçadamente carecemos das duas pernas, não é verdade? Pois do mesmo modo, para preenchermos o nosso destino sobre a terra e chegarmos ao Céu, é mister a prática dos dois fundamentais mandamentos:

1.º — Amarás ao Senhor teu Deus.

2.º — Amarás os teus irmãos como a ti mesmo.

O segundo mui raramente subsiste onde não domina o primeiro; a experiência de dezanove séculos aí está para o atestar. Os cristãos que firmam o amor de seus semelhantes sobre o amor de Deus são os únicos que os amam *verdadeira, eficaz, pura e constantemente.*

Quem foram os maiores benfeitores da humanidade atribulada? Os *Santos,* isto é, uns homens abrazados no amor de Deus.

Para não citar mais que um entre todos, atentai em *S. Vicente de Paulo,* esse herói da caridade fraternal, esse pai de todos os desgraçados, que ainda faz bem por toda a terra,

mediante os institutos de beneficência que fundara! Que era S. Vicente de Paulo? Um padre, um homem pertencente à Igreja! Onde foi ele buscar essa prodigiosa dedicação para com seus semelhantes? Ao amor de Deus, à prática da Religião de Jesus Cristo.

Quais são as instituições de beneficência que prosperam mais (por não dizer as *únicas* que prosperam)?

Quais são as que subsistem através dos séculos? Aquelas que a Igreja fundara; as que repousam sobre um pensamento religioso; as que são coroadas pela cruz de Jesus Cristo!

Quem fundou os hospícios? A Igreja.

Quem recolheu em todos os tempos, quem recolhe (ainda em nossos dias, apesar dos esforços que governos cegos lhe suscitam) todas as misérias, tanto da alma como do corpo, da infância, da idade viril, da velhice? A Igreja.

Quem criou, para aliviar cada uma destas misérias diferentes ordens religiosas de homens e de mulheres, aplicadas, umas à infância abandonada, outras à educação dos pobres, outras ao cuidado dos enfermos, estas para tratar dos loucos, aquelas para a redenção dos cativos, para dar pousada aos peregrinos, etc., etc.? A Igreja, e ùnicamente a Igreja.

É ela que gera a mais perfeita dedicação à humanidade; é ela que cria a *irmã de caridade*, bem como produz o *missionário* e o *monge de S. Bernardo!* — Sempre o amor de Deus, como o mais sólido fundamento do amor dos homens!

Em nosso tempo fala-se muito, talvez como nunca se falara, de humanidade, de fraternidade, e de amor para com os pobres. Fundam-se sistemas; palavras bonitas que nada custam: e impõem-se livros; recitam-se discursos. Por que razão tem tudo isto tão poucos resultados?

Porque a Religião não vivifica estes esforços. Um efeito não pode existir sem causa; a causa, o princípio mais fecundo da caridade fraternal, é a caridade divina ou o amor de Deus.

Desconfiai pois desses aéreos sistemas de fraternidade que fazem abstração da Religião. Sem Nosso Senhor Jesus Cristo não há amor dos homens *eficaz, puro, sólido* e *duradouro.*

VIII

A Religião, em vez de falar tanto da outra vida, devia antes ocupar-se desta, e nela destruir a miséria.

RESPOSTA. — A Religião fala muito da outra vida porque a outra vida, sendo eterna, é de imensa importância, e por conseguinte merece que dela se ocupe de preferência. E, com efeito, é lá que para sempre se decide a grande questão da ventura ou da desgraça: nós, sobre a terra, não fazemos mais que preparar esta solução.

Se, porém, a Religião fala muito da vida eterna, nem por isso deixa de atender à vida transitória. Todos os interêsses do homem lhe são presentes: a sua alma, o seu corpo, a sua vida passageira, a sua vida futura e imutável; ela nada esquece.

Se não destrói inteiramente a miséria, é porque *a miséria* NÃO PODE *ser destruída;* — e a miséria não pode ser destruída, porque as causas que a produzem não podem ser suprimidas.

A primeira é a desigualdade das forças físicas, das saúdes, dos talentos, da inteligência, da

actividade entre os homens. Se, em virtude de qualquer acidente, ou simplesmente pelo facto da velhice, eu vier a perder a força necessária para desempenhar o meu ofício, não cairei na miséria? — Se, a despeito de meus esforços, eu for de tal modo inepto, que trabalhe muito pior que os meus colegas, não irão os meus fregueses de preferência aos artistas mais hábeis; e não cairei eu na miséria? — E todavia, que nos pode preservar da doença, de qualquer acidente, e da velhice? Quem pode dar inteligência àquele que a não tem? Quem pode tornar todos os homens iguais em forças, em engenho, em boa vontade?... Eis aqui pois uma causa bem fecunda da miséria, e que é impossível, mesmo à Religião destruir.

A segunda causa da miséria, não menos profunda que a primeira, são os vícios da nossa própria natureza corrompida pelo pecado: a preguiça, a devassidão, a embriaguez, o amor do prazer, a vingança, o orgulho, etc. Quantos desgraçados há entre os pobres, que o são *por sua própria culpa?* Dezanove em cada vinte. Estes acusam a Deus do seu mal, quando só deveriam queixar-se de si mesmos. Os pobres bons encontram prontamente socorro; Deus e os amigos de Deus jamais os abandonam!

A pobreza é, bem como a doença e a morte, a punição do pecado. É impossível destruí-la, porque é impossível destruir o pecado original, que é um facto consumado, e tornar o homem impecável. — Mas o que é possível, e que a Religião admiràvelmente faz, é diminuir a miséria, aliviá-la, adoçá-la, a torná-la suportável e, enfim, santificá-la.

A Religião venera em nosso corpo o templo dessa alma imortal, que é em si mesmo o templo vivo de Deus. Ela industria-se a curá-lo, mesmo

a evitar-lhe todas as dores, por meio dessas mil instituições de caridade, mediante esses hospícios de todo o género, que cobrem o mundo cristão.

Em toda a parte, em que a sua voz é atendida, o rico converte-se em amigo, irmão, e às vezes servo do pobre. Este deposita de boa vontade o seu supérfluo nas mãos dos desgraçados. O pobre, por seu turno, aprende a ter esperança; aprende, na escola de Jesus Cristo, a sofrer com paciência, e algumas vezes até a amar os seus próprios padecimentos, os quais conhece serem destinados, nos desígnios adoráveis de seu Pai celeste, a experimentar a sua fidelidade, a purificá-lo das suas faltas, a torná-lo mais semelhante ao seu Salvador, pobre e crucificado, e a fazer-lhe acumular inefáveis tesouros de ventura na pátria eterna!... Quantos bons pobres não tenho eu visto agradecerem a Deus suas desditas, e alegrarem-se no meio de suas privações?

A Religião faz portanto o que deve, ocupando-se de nós nesta vida, e ocupando-se ainda mais em relação à nossa vida futura.

Ninguém pode justamente queixar-se dela. Sejam os ricos bons cristãos, e para logo serão caridosos; sejam os pobres bons cristãos, e para logo serão pacientes: nisto é que se cifra todo o mistério.

IX

Convem gozar da vida, importa passar bem; porque Deus não nos criou senão para nos tornar felizes.

RESPOSTA. — Oh, sim! Deus, em sua bondade, não nos criou senão para nos tornar felizes! Mas a grande questão funda-se em nos não enganarmos acerca da FELICIDADE.

Vós quereis ser feliz. Tendes razão. Mas acautelai-vos para vos não enganardes na escolha dos meios! Tendes na vossa frente muitos caminhos abertos; mas atentai a que *um só* é o verdadeiro... ai daquele que segue pela falsa estrada!

Este erro é em nossos dias mais fácil do que nunca; porque, a meu ver, jamais o mundo se viu tão inundado de doutrinas mentirosas acerca deste objecto — Homens culpados ou desvairados derramam por toda a parte, e pelos mil meios que a imprensa *lhes* fornece, doutrinas que, lisonjeando todas as paixões, penetram fàcilmente no espírito das populações.

Buscam eles persuadir-nos de que nós não permanecemos sobre a terra senão para gozar; que as esperanças da vida futura são quimeras; que a felicidade consiste na prosperidade material, que o dinheiro proporciona. — Esta é a doutrina do *prazer*.

É a doutrina que actualmente procura prevalecer ao Cristianismo e materializar a ventura. No século passado chamava-se a isto *Filosofia;* em nossos dias denomina-se SOCIALISMO.

Não vos farei a injúria de provar que esta ventura de gozar é aviltadora. Isto salta aos

olhos. Ela aniquila tudo o que nos distingue dos brutos, o bem, a virtude, a dedicação, a ordem moral. O homem não fica diferindo do seu cão mais que pela epiderme e pela figura; a *felicidade* é a mesma coisa tanto para um como para outro; satisfação de todos os apetites, o gozo!

Mas aquilo de que se não está suficientemente convencido, e sobre que quero despertar a vossa atenção, é da *impossibilidade prática* da doutrina socialista, é do *absurdo* da sua ventura universal.

Eu quisera fazer-vos tocar com o dedo *a sua oposição absoluta com a natureza das coisas, com os factos existentes, que ninguém pode mudar*; convencer-vos de que não é mais que um sonho, uma perigosa e ridícula utopia, e que debaixo dos palavrões com que se decora, depara-se com a exclusão de todas as coisas — zero.

Se acaso há um facto verificado, e tão claro como a luz do sol, é sem contradição a triste necessidade em que nos vemos neste mundo de sofrer e de morrer; é esta a condição de todos os homens sobre a terra; é a situação em que eu estou, em que vós estais, em que estiveram nossos pais, e em que estarão nossos filhos, de onde nenhum esforço humano nos poderá arrancar.

Não há neste mundo, pergunto eu, não haverá *sempre, sempre e sempre*, enfermidades, aflições, dores? Não há, e não haverá sempre viúvas e órfãos? mães chorando inconsoláveis diante dos berços vazios de seus filhos?...

Não há, e não haverá sempre conflitos de caracteres, embates de vontade, decepções profundas?

Não será possível mudar este estado de coisas? *Uma organização nova na sociedade*, QUALQUER QUE ELA SEJA, evitará acaso que tenhamos

doenças, sofrimentos, fluxões de peito, febre, gota e cólera-mórbus? Impedirá que experimentemos a perda daquelas a quem amamos?... Obstará às intempéries tão desagradáveis das estações, ao rigor do frio de inverno, à calma abrasadora de verão? Impedirá que o homem tenha vícios? Que tenha orgulho, egoísmo, ira, ódio? Obstará principalmente à MORTE?

Existe tudo isto, ou não existe? E não é igualmento tão certo EXISTIR, como é certo ter de *existir sempre?* Seria necessário ter perdido o juízo para o negar.

Ora dizei-me agora, na presença deste *facto*, em que se converte, no meio de tantos males inevitáveis, esse *decantado gosto constante*, ESSA FELICIDADE TERRESTRE PERFEITA, que nos promete o Socialismo? — A aproximação da doença, do pezar e da morte bastará para a aniquilar!... E estes terríveis inimigos estão sempre à nossa porta.

Portanto, o vosso Comunismo, o vosso Socialismo (chamai-lhe como quiserdes) é um sonho, uma vã utopia, contrária à natureza das coisas.

E, por consequência, engana-se, ou me engana, quando me promete o repouso da felicidade sobre a terra, onde esta não pode existir, e quando faz consistir esta mesma felicidade em um estado de gozo permanente, impossível de realizar.

Isto posto, devo procurá-la noutra parte; porquanto, eu bem sei que existe nalguma parte; a sabedoria, a bondade e o poder de Deus me dão disto segura fiança...

Porém onde? — onde o Cristianismo no-la mostra — *em germe sobre a terra, em perfeição no Céu.*

O Cristianismo está perfeitamente de acordo com o grande facto da nossa condição mortal.

Explica-nos o temeroso problema do sofrimento e da felicidade.

Ela toma o homem com todas as suas qualidades, e *tal qual é;* atende aos *factos* essenciais que o Socialismo desconhece (a degeneração original, a condenação à penitência, a Redenção de Jesus Cristo, a necessidade de imitar o Salvador para ter parte em sua redenção, a vida eterna que nos está esperando, etc.). Não forma raciocínios aéreos, nem suposições quiméricas, como faz o Socialismo.

O Socialismo não vê em nós senão a casca, esquece o miolo, a alma. — O Cristianismo não olvida a casca, o corpo, mas atenta também no miolo e acha que o miolo vale incomparàvelmente mais que a casca. — Ele considera tudo em relação à alma, à eternidade, a Deus.

Mediante uma acção tão suave quanto poderosa, purifica a *alma* pouco a pouco do seu orgulho, da sua cobiça, de suas concupiscências, de seus excessos, de seu egoísmo, em uma palavra, de todos os seus vícios e penetra desta arte até à raiz mais profunda da maior parte dos males que há pouco mencionámos. E, com efeito, os nossos males quase sempre provêm das nossas paixões; e o Cristianismo acalma, contém e doma estas paixões.

Dá ao nosso coração essa alegria, essa paz amena que produz a pureza de consciência.

A fé claramente nos mostra a vereda que conduz à felicidade: a esperança e o amor nos fazem correr por esse caminho, e tornam grato e amável o jugo do dever!

Se o Cristianismo se mostra tão solícito a respeito da *alma,* já dissemos que também não esquece o *corpo.* Mais acima tivemos ocasião de ver os cuidados de que este o cerca.

Ocupa-se dele, não como do principal e do senhor; porque isto seria uma desordem, mas como do acessório e do companheiro. Conserva-o pela sobriedade e castidade: santifica-o pelo culto exterior, pela recepção dos Sacramentos, e principalmente pela união com o corpo sagrado de Jesus Cristo na Eucaristia...

Recolhe os seus últimos suspiros; acompanha-o decorosamente até à sua derradeira morada; e, ainda ali mesmo, lhe não diz um eterno adeus!... Bem sabe ele que um dia, esse corpo cristão, purificado pelo baptismo da morte, surgirá radioso de entre o seu pó, ressuscitará para a glória, será reunido à sua alma, e com ela gozará inefáveis delícias no Paraíso!...

Tal é o Cristianismo.

Ele conhece, promete, e dá com efeito a felicidade.

Dá sobre a terra o que na terra é possível dar-se, e, se não dá tudo, é porque nem tudo deve, nem tudo pode dar-se sobre ela.

Funda as suas promessas nas provas mais irrefragáveis. O Cristão *sabe* e *está bem perto* de que, o que ainda não possui, um dia o virá a possuir...

Por consequência, *todo o verdadeiro cristão é* FELIZ. Comporta às vezes, é verdade, pezares, sofre atribulações... impossível seria que fosse isento delas; mas o seu coração está sempre saciado, sempre tranquilo e contente.

Trata acaso assim o Socialismo os pobres desvairados que acalenta com as suas quimeras? Ele promete o que nenhum poder humano pode dar; promete o *impossível*... Provas não conta outra além da audaciosa afirmativa de seus caudilhos; mas porventura serão seus caudilhos idóneos para nos inspirar confiança?

«O mundo será feliz, dizem eles, *quando tudo estiver mudado»* — Sim; mas QUANDO *estará tudo mudado?* — Se, como julgamos ter já demonstrado, esta mudança é contrária à natureza das coisas, o mundo corre grande risco de não conhecer jamais essa felicidade!

O Socialismo faz como o barbeiro gascão que pôs na tabuleta este dístico:

«*Aqui, amanhã,* faz-se a barba de graça».

O *amanhã* ficava sempre *amanhã;* e o *hoje* nunca chegava.

O Socialismo quer a recompensa sem o trabalho; o Cristão quer a recompensa depois do trabalho.

Um diz como os maus artistas costumam dizer, o outro fala como os bons costumam falar. Assim, não é de admirar que todo o vadio, todo o preguiçoso abrace de boa vontade as doutrinas do Socialismo, e repulse instintivamente a voz da Religião.

Resguarde-se pois a nossa pátria destas promessas ocas, mas sedutoras, com que os seus inimigos enchem os jornais, os romances e os folhetos.

Rejeite-as; faça justiça, por meio de seu desprezo, aos homens que se não pejam de propor a seus irmãos a ignóbil ventura dos brutos — o gozo!

Ergamos a cabeça! reanimemos a nossa fé entibiada; sejamos, tornemos a ser cristãos! É sòmente nisto que reside o remédio dos nossos males. Aprendamos a compreender, como nossos pais, as celestiais lições que o DIVINO MESTRE nos deixou sobre a FELICIDADE:

«BEM-AVENTURADOS, diz ele: «*bem-aventurados os pobres de espírito* (isto é, aqueles a quem os bens frágeis da terra não fascinam): *porque deles é o Reino do* CÉU!

«BEM-AVENTURADOS *os que são mansos e pacíficos; porque serão chamados filhos de Deus!*

«BEM-AVENTURADOS *os que choram; porque serão consolados!*

«BEM-AVENTURADOS *os que são puros de coração; porque eles verão a Deus!*»

Instruamo-nos, pois, penetremo-nos bem dessa Religião católica em que fomos criados, associemo-la ao nosso espírito, ao nosso coração, aos nossos hábitos, às nossas instituições, às nossas leis!... Desta arte conseguiremos *a felicidade* POSSÍVEL neste mundo, e a *felicidade* PERFEITA no outro.

Quem pretende mais, é um insensato que não terá nem uma, nem outra.

X

Os Apóstolos e os primeiros cristãos eram Comunistas. Eles eram pobres, punham os nossos haveres em comum, e eram perseguidos e presos pela autoridade, precisamente como Comunistas.

RESPOSTA—«*Ou como os malfeitores*» poderíeis acrescentar. — E isto é suficiente para vos fazer sentir por onde claudica o vosso raciocínio.

Mas desde quando, vos pergunto eu, é bastante ser pobre, viver em comum, e ser perseguido e preso para ser cristão?

O que constitui o *cristão* não é a pobreza exterior, mas o desapego dos bens passageiros da terra; não é o facto material da vida em comum, mas o laço invisível da caridade frater-

nal, que reune os corações como se foram um só.

Tais eram os primitivos cristãos; anjos vestidos de carne mortal, homens mortos para o mundo e para si mesmos não vivendo senão em JESUS CRISTO, não suspirando senão por uma eternidade bem-aventurada...

E é a estes homens de oração, de penitência, de doçura e de paz celeste que se ousa comparar os de estáveis bandos de nossas modernas sociedades secretas!

Dão-se por irmãos a estes homens da eternidade, homens que até não crêem na eternidade, e que só aspiram aos prazeres deste mundo!!! Santo Deus, que desvario!

Sim, é verdade, perseguem-se os socialistas; prendem-se, desterram-se. Mas porventura, repetimos, basta ser perseguido, preso, morto, para ser discípulo de JESUS CRISTO?

A concluir deste modo, todos os facinorosos, todos os assassinos seriam excelentes cristãos!

Os Apóstolos e seus discípulos eram perseguidos por causa das suas virtudes; quanto a vós, anarquistas, sois perseguidos por causa dos vossos furores. Eles pretendiam santificar o mundo, vós procurais incendiá-lo. As suas armas eram a oração e a doçura; caminhavam para o martírio perdoando a seus verdugos; e vós, de punhal na mão, só albergais no coração a inveja, o ódio e a vingança!...

Não, vós não sois cristãos, sois *anti-cristãos!* Vós, blasfemais do que os cristãos adoram, e amais o que eles detestam.

Além de que, essa perfeita vida primitiva, em que os homens são *irmãos*, em que tudo é comum, em que reina a pobreza e a santidade, existe, nem jamais deixou de existir. Entrai em

os nossos mosteiros. Aí tendes o que procurais; aí tendes os verdadeiros *Falanstérios*, de que as utopias comunistas não são mais que uma vergonhosa e impossível imitação.

Não se atrevam, pois, os socialistas, doravante, a usurpar o nome sagrado do Salvador; não falem mais de *perseguições*, de *martírio*, de *Calvário*. Eles estão, é verdade, no Calvário; porém, figuram aí como o mau ladrão crucificado por seus crimes, e não como o divino Filho de MARIA!

XI

Há sábios e pessoas de talento que não acreditam na Religião.

RESPOSTA.—E que devemos concluir daí senão que para ser cristão, para receber de Deus o dom da fé, que é mister, além disso, ter coração recto, puro, humilde, bem disposto; e pronto a fazer os sacrifícios que o conhecimento da verdade lhe impuser?

Ora, eis aqui o que falta ao pequeno número de sábios que são irreligiosos.

1.º — Esses homens são indiferentes e ignorantes em matéria de Religião; porquanto, absortos em seus estudos matemáticos, astronómicos e físicos, não pensam em Deus, nem em sua alma: e então não é maravilha que nada entendam das coisas da Religião. Em relação à Religião são ignorantes, e o seu juízo sobre ela não tem mais valor do que o de um matemático sobre a música ou pintura.

Há *sábio* tal mais ignorante em matéria de Religião, do que um menino de dez anos, que é assíduo ao Catecismo.

2.º — Ou, o que com mais frequência acontece, tais homens são uns orgulhosos que querem julgar de Deus, tratar com ele como de igual para igual, e medir a sua palavra pelas dimensões de sua acanhada razão. O orgulho é o mais profundo dos vícios. Por isso são estes justamente repelidos como temerários, e privados das luzes que só são dadas aos corações símplices e humildes. Deus não gosta das sublevações.

3.º — Ou, o que ainda é mais vulgar, e o que, habitualmente, anda de companhia com os dois outros vícios, estes sábios tem paixões ruins, que não querem abandonar, e bem sabem que estas são incompatíveis com a Religião cristã.

Além de que, se atendermos ao peso, número e valor dos testemunhos, a dificuldade desaparece inteiramente.

Pode-se afirmar que, há dezoito séculos, entre os homens iminentes de cada um deles, não tem havido um incrédulo em cada vinte.

E, entre este pequeno número de incrédulos, ainda se pode afirmar que a maior parte deles não foram constantes em sua incredulidade, e se refugiaram, antes de morrer, nos braços dessa Religião de que haviam blasfemado. — Tais foram entre outros, não poucos dos cabeças da escola voltaireana do último século, *Montesquieu*, *Buffon*, *la Herpe*, etc.

O mesmo *Voltaire*, enfermo em Paris, mandou chamar o cura de S. Sulpício um mês antes do seu falecimento. — O perigo passou, e, com o perigo, o temor de Deus. Veio, porém, uma segunda crise; os amigos do ímpio acorreram. O seu médico, testemunha ocular nos atesta, que

Voltaire pediu de novo os socorros da Religião... mas desta vez foi em vão; não se consentiu que o padre penetrasse até ao moribundo, o qual expirou em horrível desespero!

D'Alembert quis igualmente confessar-se; mas foi impedido, como o havia sido seu mestre, pelos *filósofos*, que lhe cercavam o leito — «Se nós aqui não estivéssemos, dizia um deles, ter-se-ia retratado, como os outros!»

Que valor *moral* tem pois estes homens? E que prova a sua irreligião, principalmente se lhe opusermos a fé esclarecida dos maiores sábios, dos mais profundos engenhos, dos homens mais veneráveis que tem aparecido sobre a terra?

A fé, notai-o bem, impunha-lhes, como a todos os homens, constrangimentos desagradáveis, deveres a que era mister submeterem-se. Só a evidência da verdade do Cristianismo pôde determinar a sua adesão.

Sem falar desses admiráveis doutores a que a Igreja chama *os Santos Padres*, e que quase foram os únicos filósofos, os únicos sábios dos quinze primeiros séculos, tais como Santo Atanásio, Santo Ambrósio, S. Gregório, o grande, S. Jerónimo, Santo Agostinho, S. Bernardo, S. Tomás de Aquino (o homem mais prodigioso talvez que jamais existiu), quantos nomes magníficos não conta a Religião na lista de seus filhos?

Rogério Bacon, Copérnico, Descartes, Pascal, Malebranche, d'Aguesseau, Lamoignon, Mathieu Molé, Cujás, Domat, de Maistre, de Fonald, etc... entre os grandes filósofos, jurisconsultos e sábios do mundo;

Bossuet, Fénelon, Bourdaloue, Massillon, entre os grandes oradores;

Corneille, Racine, Dante, Tasso, Boileau, Chateaubriand, etc., entre o literatos e poetas.

E as nossas glórias militares não são pela maior parte glórias religiosas? *Carlos Magno* não era cristão? *Godofredo de Bowllon, Tancredo, Buyard, Du Guesclin, Joana d' Arc, Grillon, Vauban, Catinat*, etc., não curvaram suas frontes gloriosas, cingindas nos lauréis de mil vitórias, diante da Religião? *Henrique IV, Luís XIV*, eram cristãos. Turenne era cristão; havia comungado mesmo no dia da sua morte. — O *grande Condé* era cristão. E sobranceiro a todos, S. Luís, esse verdadeiro herói, esse homem tão amável e tão perfeito, a glória da França e simultâneamente da Igreja.

Todos sabem os sentimentos do grande *Napoleão* relativamente à Religião. Nos transportes da sua ambição e poderio, bem sei que se desviou muito das regras e dos deveres práticos que a mesma Religião impõe; mas sempre conservava a crença e o respeito dela. «Eu sou cristão, católico romano, dizia ele; meu filho igualmente o é; grande pezar teria eu se meu neto deixasse de o ser. O maior serviço que fiz à França, acrescentava ele, foi restabelecer nela a Religião Católica. Sem a Religião que seriam os homens? Degolar-se-iam uns aos outros pela mulher mais formosa ou pela pêra mais grada!»

Quando, na ilha de Santa Helena, se achava, sòzinho, punha-se a meditar na fé em que fora instruído na infância; e Napoleão, em seu perspicaz engenho, julgava a fé católica verdadeira e santa.

Ele pediu à Religião as suas supremas consolações...

Mandou chamar um padre católico, e assistia à Missa celebrada na sua residência. Recomendava ao seu cozinheiro que não servisse alimentos de carne em dias de abstinência. Fazia

admirar os companheiros do seu desterro pela energia com que expunha as doutrinas fundamentais do Catolicismo.

Estando próximo à morte, despediu os médicos, mandou chamar o padre Vignali, seu capelão, e disse-lhe: «Eu creio em Deus; nasci na Religião católica; quero cumprir os deveres que ela impõe e receber os socorros que administra...

O imperador confessou-se, recebeu o sagrado Viático e a Extrema-Unção. — «Sou venturoso por haver cumprido os meus deveres, disse ele ao general Montholon. Desejo, general, que na vossa morte tenhais igual ventura... Durante o tempo que estive no trono, não pratiquei a religião, porque o poder deslumbra os homens. Mas sempre conservei a fé. O toque dos sinos alegrava-me, e a vista de um padre comovia-me. — Eu queria fazer um mistério de tudo isto; mas creio que é fraqueza... Quero dar glória a Deus!...»

Depois ele mesmo ordenou que se lhe armasse um altar na câmara contígua, para a exposição do Santíssimo Sacramento, e se recitarem as preces das Quarenta-Horas.

Assim morreu Napoleão, como cristão.

Não receiemos, pois, enganar-nos a respeito de todos estes grandes homens, cujo número, ciência religiosa e principalmente valor moral, sobrepujam mil vezes o pequeno número de alguns outros que desprezaram o Cristianismo.

O orgulho; — a paixão da ciência profana que inteiramente os absorvia — outras paixões ainda mais violentas e mais vergonhosas — são razões mais que suficientes para explicar a sua incredulidade; ao passo que a veracidade da Religião pode, só por si, nós o repetimos, fazer inclinar a fronte dos outros sob o jugo sagrado do Catolicismo!

XII

Os padres fazem o seu ofício, eles não crêem aquilo que pregam.

Resposta. — Que ousais dizer? — Os padres de Jesus Cristo, impostores!... Que fundamentos tendes para tal afirmar? Como podeis ler no fundo de seus corações, se eles crêem ou não em seu sacerdócio? É ao acusador que pertence provar aquilo que avança; provai essa acusação; desafio-vos a que o façais.

Lançar-me-eis em rosto figurando de prova, o nome de algum mau Padre?

Mas não vedes que a excepção prova a regra? Ninguém notaria um mau Padre, se a maioria deles não fosse santa, pura e venerável.

Uma mancha de tinta torna-se mui notável em um vestido branco, mas se este fosse preto ou estivesse sujo, custaria a conhecer.

Assim acontece com o Sacerdócio católico, ao qual a impiedade aqui rende uma involuntária homenagem.

Que haja maus Padres não é coisa estranha. Lembrai-vos de que houve um Judas entre os Apóstolos! — E do mesmo modo que os Apóstolos, primeiros Padres, primeiros Bispos da Igreja, lançaram dentre si o Apóstolo infiel, e não foram responsáveis pelo seu crime, do mesmo modo a Igreja condena, ainda com mais energia e com mais horror do que vós outros, os Padres criminosos, que não desempenham os seus deveres! Cuida ela primeiro em os atrair pela doçura e pelo perdão: o Padre, como qualquer outro homem, tem direito à miseri-

córdia, porém se este se não emenda, se persevera no mau caminho, ela separa-o de seu seio, e fulmina-os com seus anátemas.

Os Padres, impostores! — E que interesse têm eles em vos confessar, em repreender-vos de vossos vícios, em pregar-vos a sã doutrina, em nutrir os pobres, em dar um conselho a este, uma consolação àquele, um bocado de pão aqueloutro? Diminuir-se-ia alguma coisa de sua modesta côngrua se acaso se calassem acerca das desordens da suas respectivas paróquias, se a todos admitissem aos Sacramentos sem se darem ao trabalho de examinar suas consciências, se abreviassem as catequeses a ponto de as reduzir a metade, etc.? Que interesse têm eles pois em desempenhar completamente o seu ministério?

Não, não; o Padre não é o que os ímpios pretendem que seja; e é por eles mui bem o saberem, que precisamente o detestam. Eles vêem no Padre o Representante de Deus que condena seus vícios, o Enviado de Jesus Cristo, de que blasfemam e que os há-de julgar. Vêem nele uma personificação dessa lei de Deus, que continuamente violam; e é justamente porque, não querendo o Mestre, rejeitam o Ministro.

XIII

Os Padres são uns mandriões: para que servem eles?

Resposta — **Para salvar as almas! Decerto, é este um emprego que vale bem qualquer outro.**

O obreiro trata de pulir a matéria; o Padre ocupa-se em pulir a *alma*. Tão superior é a alma à matéria, quanto a obra do Padre é superior a todos os trabalhos da terra.

O Padre continua o grande trabalho da salvação do mundo, Jesus Cristo, seu Deus e seu modelo, começou-a; os seus Padres prosseguem na sua obra através dos séculos.

O Padre, a seu exemplo, emprega a sua vida em fazer bem. Ele é homem de todos; o seu coração, o seu tempo, a sua saúde, os seus cuidados, a sua bolsa, a sua vida, pertencem a todos; e principalmente aos pequenos, aos meninos, aos pobres, aos desvalidos, aos que choram, e que não têm amigos.

Ele nada espera em troca desta dedicação; e ordinàriamente só recebe insultos, calúnias abomináveis e maus tratamentos. Porém, como verdadeiro discípulo de seu divino Mestre, só lhes responde continuando a fazer bem. Que abnegação sobre-humana!

Nas calamidades públicas, nas guerras civis, nas doenças contagiosas, no cólera-mórbus, quando os ministros protestantes e os filantropos fogem, aparece ele arriscando sua saúde e vida para aliviar seus irmãos. Assim praticou o Arcebispo Affre nas barricadas de Paris; assim se houveram Belzunce e S. Carlos Borromeu nas pestes de Marselha e Milão; assim procedeu, durante o cólera-mórbus em 1832 e 1849, todo o Clero de Paris e de muitas outras cidades, o qual se constituiu como servo público de todo o povo.

Eis aqui para que servem os padres! Bem desejara eu saber se aqueles que os atacam servem para alguma coisa melhor.

Ingratos! que não cessam de cumular de amarguras aquele a quem chamam para junto de

seu leito nos dias de atribulação, aquele que abençoou a sua infância, e que não deixa de orar por eles!

Todas as desgraças do nosso país provêm de se não praticar o que o Padre ensina. E à nossa pobre França, dilacerada pelas discórdias civis, e pelas desordens políticas, bem se pode aplicar o que em certa ocasião me dizia, em uma das prisões de Paris, um condenado à morte, convertido a Deus de todo o seu coração. Havia-lhe dado um *Manual do Cristão:* Ah! meu Padre, me dizia ele mostrando-me esse livro, se eu tivera sabido o que aqui está dentro e o houvera praticado toda a minha vida, nem fizera o que fiz, nem estaria onde estou!...

Se a França tivera conhecido, se conhecesse o que o Padre ensina, se ela tivera feito, se fizesse o que ele diz que se faça, não teria sido abalada por três ou quatro revoluções no espaço de cinquenta anos, e não estaria no caso de se perguntar ainda hoje: Estarei a ponto de perceber? Poderei ainda ser salva?

Sim, ela pode sê-lo, se quiser tornar a ser católica! Sim, ela pode sê-lo, se quiser atender os ministros daquele que SALVA o mundo.

Os Padres são a salvação da França! Sem a Religião fica a sociedade perdida.

Mais agora que nunca se deve honra, veneração e reconhecimento ao Padre. Todo aquele que o repele não possui nem a inteligência do nossso século nem da nossa pátria.

Longe de nós pois todas essas antigas preocupações! Longe de nós essas grosseiras e injuriosas alcunhas com que a cega impiedade do voltaireanismo infamara o Sacerdócio católico!

Respeitemos os nossos Padres. Se observarmos neles imperfeições, e mesmo vícios, lem-

bremo-nos que é necessário atender à fraqueza do homem.

Tratemos então de não olhar para o homem, e só ver o *Padre:* este, como *Padre* é sempre respeitável, e o seu ministério sempre santo; porquanto ele é o continuador de Jesus Cristo, soberano Padre através dos séculos, e é deste mesmo que o Salvador disse: *Quem vos escuta, escuta-me a mim; e quem vos despreza a mim despreza...*

XIV

Há Padres maus; ora, como podem estes ser ministros de Deus?

Resposta.—É porque tornando-se maus, nem por isso deixam de ser Padres.

Porventura deixais vós de ser cristão porque cometeste um pecado? Um juiz deixa de ser juiz, de dar sentenças obrigatórias, porque se tornou prevaricador? Um pai deixa de ser pai, porque falta a seus deveres? Um capitão perde o direito de comandar, porque cometera uma falta contra a disciplina?

Se isto é assim nas coisas humanas, em que os cargos públicos podem, no rigor da palavra, ser tirados aos culpados, quanto mais estável, mais inalienável ainda não deve ser, nas coisas divinas, esse carácter sagrado do sacerdócio sobre a vida dos fiéis!

Se os nossos Padres deixassem de ser Padres só pelo facto de um pecado grave, nós nunca saberíamos se realmente recebemos de suas mãos

as coisas santas; porquanto só Deus conhece e perscruta as consciências.

É para nós que eles são Padres, é para nós que eles o continuam a ser, mesmo quando olvidam a sua grandeza!

XV

Os Padres deveriam casar-se. O celibato é contra a natureza.

Resposta — Não contra a natureza, mas superior à natureza, que vem a ser a coisa mui diferente.

Por essas contas, a mesma castidade corria o risco de ser condenada, e o Cristianismo, que ordena essa castidade a todos os cristãos não casados, seria uma lei *culposa* e tirânica.

O celibato dos Padres nada tem de extraordinário. A Igreja, propondo-o a seus ministros, não tem outro fim mais do que estabelecê-los em uma perfeita liberdade que lhes permita entregarem-se inteiramente a seu santo ministério. É evidente que o homem não casado fica infinitamente mais disposto a dedicar-se ao serviço de Deus e de seus irmãos, a expor-se aos perigos, e mesmo a sacrificar-se pela salvação do próximo, do que o estaria o homem que tivesse a seu cargo mulher e filhos.

Em nossos exércitos, durante a guerra, quais são os soldados que marcham ao combate com mais energia? São os soldados e os oficiais casados? A experiência demonstra, o que, além disso, bem fàcilmente se concebe, que a lem-

brança de uma mulher e de um filho tem feito afrouxar mais de uma coragem.

Isto mesmo aconteceria com o Padre, se este fora casado, e é o que a Igreja compreendeu em sua profunda sabedoria. Os homens não veriam tanto nele o enviado de Deus, o ministro da Religião, da oração e do sacrifício. O Padre, além disso, guardando perfeita continência, não faz senão imitar Jesus Cristo, seu divino Mestre. Jesus, filho de uma Virgem, conservou-se virgem. O seu enviado não pode deixar de ganhar com esta imitação. *O discipulo é perfeito quando se parece com o mestre.*

A castidade sacerdotal circunda o Padre de uma espécie de auréola, que o eleva acima de seus irmãos, e lhe permite repreender mais livremente os seus vícios, e com particularidade a impureza e a libertinagem. Ela poderosamente o ajuda no ministério, tão puro e delicado, da confissão; é ela que lhe permite penetrar segredos de tal modo íntimos, que a filha não ousa dizê-los a sua mãe, o esposo a sua esposa, o irmão a seu irmão.

Os que bradam contra o celibato dos Padres muito bem o sabem: o poder moral do Padre católico reside em grande parte no celibato. Eles conhecem que estes homens, encarregados por ofício de ensinar e emendar seus irmãos, se tornariam mais condescendentes e mais fáceis, se tomassem mulher. Ocupados com os negócios domésticos, quase que lhes não restaria tempo para se empregarem nas coisas relativas à lei de Deus, e nas respectivas consciências de seus paroquianos.

Além disso, tratar-se-iam os negócios do céu no centro da família. Para se obter a indulgência do Pároco ou Cura, lisonjear-se-ia a *Senhora*, suspirar-se-ia junto da *Menina mais velha*, admi-

rar-se-ia, na presença do *papá*, o espírito, a formosura da santa progénie. O *marido-papá confessor* não resistiria, e concederia tudo quanto quisessem.

E a caridade! não é o celibato que torna possíveis essa dedicação heróica, esses admiráveis rasgos, que a história do Sacerdócio católico nos refere a cada página?

O Padre poderia enternecer-se com as desventuras do pobre e do órfão, mas não se dedicaria a todos eles, por isso que *devia* as primeiras economias da sua bolsa à manutenção, educação e futuro de seus próprios filhos.

O bocado de pão, que talvez tirasse da própria boca para nutrir o faminto que chorasse à sua porta, não ousaria todavia arrancá-lo das mãos do seu filho.

Essa vida que, em um flagelo público, em um contágio, ele sacrificaria à salvação de seus irmãos, devia conservá-la, conservá-la-ia à sua família. Em que se convertem as resoluções mais generosas ante as lágrimas de uma esposa amada e as carícias de um filho querido?

Se quisermos que os nossos Padres nos salvem (e só eles nos podem salvar) deixemo-los sós com Jesus Cristo!

Além de que, têm eles tão forte desejo de se casarem? Juro-vos que não. Quando se deixará de querer casar gente contra sua vontade?

XVI

Eu não creio senão aquilo que compreendo. O homem razoável pode acaso crer os mistérios da Religião?

RESPOSTA. — Então não acrediteis *nada*, absolutamente nada, mesmo que viveis, que vedes, que falais, que ouvis, etc.; porquanto posso desafiar-vos a que *compreendais* qualquer destes fenómenos.

E, com efeito, o que é a *vida?* O que é a *palavra?* O que é o *som?* O que é o *estrondo?* A *cor*, o *cheiro*, etc.?

O que é o *vento?* Onde é que ele começa? Onde, porquê, e como acaba? O que é o *frio*, o *calor?*

O que é o *dormir?* Como acontece que, durante o sono, tendo os ouvidos abertos absolutamente como quando estou acordado, não ouço nada? Porquê, e como acordo eu? Que se passa então?

O que é a *fadiga*, a *dor*, o *prazer*, etc., etc.?

O que é a *matéria*, esse não sei quê, que toma todas as formas, todas as cores, etc.? Quem *compreende* tudo isto?

Como é possível que com os meus olhos, que são duas pequenas esferas escuras por dentro, eu veja quantos objectos me cercam, e até milhões de léguas (por exemplo, as estrelas)?

Como se pode entender que a minha alma se separaria do meu corpo se, regularmente, eu não fizesse entrar nesse mesmo corpo, por meio da nutrição, bocados de animais mortos, de plantas, de legumes, etc.?

Tudo é *mistério* [1] em mim, até as coisas mais materiais, mais vulgares.

Qual é o sábio que *compreendeu* o como e o porquê dos fenómenos da natureza? Qual é o que compreendeu um só? Que *mistérios!!...* E mete-se-me na cabeça compreender AQUELE que criou todos os seres, que não posso compreender! Não compreendo a criatura, e quero compreender o Criador! Não compreendo o finito, e quero compreender o infinito! Não compreendo uma bolota, uma mosca, uma pedra, e quero compreender a Deus, e a todos os Mistérios!!...

Mas isto é *absurdo!* Nem merece outra resposta.

Os mistérios da Religião são como o sol. Impenetráveis em si mesmos, alumiam e vivificam aqueles que caminham com simplicidade através da sua luz; e só cegam os olhos audazes que buscam sondar o seu esplendor.

Os mistérios são *superiores à razão*, e não *contrários à razão*, o que é coisa mui diferente. — A razão não vê, é certo, com suas únicas forças a verdade que eles exprimem; mas também não vê a impossibilidade dessa verdade.

Não, a fé não é contrária à razão. Bem longe disso, ela é sua irmã e seu socorro. É uma luz mais brilhante que vem juntar-se a uma primeira luz.

A fé é para a razão o que o telescópio é para os olhos nus. Os olhos com o telescópio vêem

---

(1) Mistério é uma verdade cuja existência podemos conhecer com certeza, mas que não podemos compreender em si mesma senão de uma maneira imperfeita.

Mistério é tudo, para quem sabe reflectir, tanto na natureza como na Religião. É o selo das obras de Deus.

o que não podiam alcançar sem eles. Eles penetram em regiões que lhes seriam inacessíveis sem este socorro. Direis porventura que o telescópio é contrário à vista?

Tal é a fé. Ela não faz mais do que regular e alongar a esfera da razão. Deixa que esta se aplique a tudo quanto é do seu domínio; e no ponto em que expiram suas forças naturais, toma-a pela mão, levanta-a, e faz com que penetre em novas verdades, sobrenaturais e divinas, e até nos segredos de Deus.

Eu *creio* portanto nos mistérios da Religião, *como creio*, nos mistérios da natureza, porque sei que existem; e sei que existem os mistérios da natureza, porque testemunhas irrecusáveis mo atestam: *os meus sentidos e o meu senso comum.*

Sei que os mistérios da Religião existem, porque testemunhas mais irrecusáveis ainda mo atestam: *Jesus Cristo e a sua Igreja.* A minha razão serve-me para examinar e pesar o valor do seu testemunho. Porém, logo que, alumiado pela luz da filosofia, da crítica e do bom senso, hei examinado os factos que me provam a verdade, a divindade e a infalibilidade destes testemunhos, a minha razão terminou a sua tarefa; ela já me encaminhou à verdade; a fé deve suceder-lhe. Se esta fala, não me cumpre senão atendê-la, abrir a minha alma, crer e adorar.

Por conseguinte a minha fé para com os mistérios do Cristianismo é soberanamente racionável Ela prova um espírito sólido e lógico. A razão diz-me: «Estas testemunhas não podem enganar-te, nem enganar-se. Elas trazem do CÉU A VERDADE» — Eu ofenderia a minha razão se não acreditasse a sua palavra.

Não acreditar senão o que se pode compreender é uma deplorável fraqueza de espírito.

XVII

Bem quisera eu ter fé, mas não posso

Resposta. — Ilusão pura, que vos não desculpará no tribunal do Supremo Juiz, o qual nos declarou que «AQUELE QUE NELE CRÊ TEM A VIDA ETERNA, E O QUE NELE NÃO CRÊ ESTÁ JÁ CONDENADO».

Não podereis crer? Que meios tendes empregado para chegar à fé? Quem quer o fim, quer os meios, quem despreza os meios, mostra evidentemente que lhe não importa o fim.

Ora, se não tendes fé é esse o vosso caso. — Ou não haveis empregado os meios de a obter, ou os empregastes mal, o que quase vem a dar na mesma coisa.

1.º — *Tendes feito oração?* É esta a primeira condição de todos os dons de Deus, e por consequência da fé, que é o dom mais precioso e mais fundamental. Tendes pedido a Deus que vos conceda a graça da fé? Como lha pedistes? — Foi no meio de uma distracção sem vos importar o resultado, uma vez de passagem, e sem perseverança? — Tínheis vós quando fazeis oração, tendes actualmente um profundo, sincero e vivo desejo de crer e de ser cristão? Há cristãos que pedem as virtudes com grande medo de as obter.

2.º — Haveis estudado a Religião com sincero amor da verdade? Não tenho eu visto alguns incrédulos *estudarem* a Religião em Voltaire, Rousseau, etc.? Mais valia estudar a França em Inglaterra. — *Tendes procurado um Padre instruído* ou ao menos, um cristão ilustrado sobre a sua crença para expor e resolver as

vossas dificuldades? O orgulho com muita frequência se opõe a isto.

3.º — Estais resolvido, se Deus vos der a fé, a viver segundo as suas santas e austeras máximas, a combater as vossas paixões, a trabalhar para a vossa santificação, a fazer a Deus os sacrifícios que ele vos pedir?

Eis aqui, entre a maior parte dos incrédulos, a verdadeira razão do seu estado. No fim de tudo, é o coração, é a paixão, muito mais que a razão, que repele a fé como demasiadamente penosa e incómoda. «A luz veio ao mundo», diz JESUS CRISTO, e os homens preferiram as trevas à luz, *porque as suas obras eram más*». Quando o coração domina a cabeça, os raciocínios de nada valem; e neste caso não se busca a verdade. *Não há pior surdo do que aquele que não quer ouvir.*

Esta cegueira é voluntária e culpável em sua causa; e é esta razão pela qual Nosso Senhor Jesus Cristo declara que todo o incrédulo está antecipadamente julgado: ele resistiu à verdade.

Havei-vos de boa fé no exame das verdades religiosas; pedi a Deus as luzes necessárias com sinceridade e perseverança; *expondo as vossas dúvidas a um padre ilustrado*, estais disposto a viver em harmonia com a fé, logo que a luz divina esclarece a vossa alma; e afirmo-vos, em nome de Jesus Cristo, que não tardareis a crer e a ser bom católico.

XVIII

Todas as religiões são boas

Resposta. — Todas as religiões são boas no sentido de que vale mais ter uma, não importa qual, do que não ter nenhuma; mas não no sentido de que é indiferente professar esta ou aquela.

Vós pensais talvez que, contanto que cada qual seja quase homem honrado, importa pouco que seja Pagão, Judeu, Turco, Cristão, Católico, ou Protestante; que todas as religiões são invenções humanas, com que Deus se inquietará mui pouco?

Mas, dizei-me, onde aprendeste isso? Quem vos revelou que todos os cultos que se vêem sobre a terra são igualmente agradáveis ao Senhor?

Porque há religiões falsas, segue-se porventura que não haja uma verdadeira? Porque andamos cercados de enganadores, não será fácil, não será possível discernir um amigo sincero?

Descobriste que Deus acolhe com o mesmo amor o Cristão que adora Jesus Cristo, e o Judeu que nele não vê mais que um vil impostor? Que é bom e permitido adorar, em vez de Deus Supremo, nas regiões pagãs, Jupiter, Marte, Priapo, Vénus? Render no Egipto, honras divinas aos crocodilos sagrados e ao boi Apis? Entre os Fenícios sacrificar os filhos ao deus Moloch? Nas Gálias, ou no México, imolar milhares de vítimas humanas aos horrendos ídolos que aí se veneram? Noutras partes ajoelhar diante de um tronco de árvore, diante de

pedras, de plantas, de despojos de animais, restos impuros da morte? Repetir do fundo do coração, em Constantinopla, «Deus é Deus, e Mahomet é o seu profeta!» Em Roma, em Paris, aborrecer todos esses falsos deuses, e desprezar esse mesmo Mahomet como impostor? É impossível que vós acrediteis isto sèriamente! — Todavia, é isto mesmo que dizeis: «Todas as religiões são boas»

Porque não preferis antes o mérito da franqueza, e não confessais que não quereis dar-vos ao trabalho de buscar a verdade, que ela vos importa pouco, e que a tendes por ociosa?

A averiguação da verdade religiosa, inutil!... Insensato! E se, contra a vossa afirmação, que não tem fundamento algum, Deus houvera imposto ao homem uma determinada ordem de homenagens? Se, entre todas as religiões, *uma, uma só*, é a RELIGIÃO, a verdade religiosa, absoluta, como toda a verdade, rejeitando toda a mistura, excluindo tudo o que não é Ela?... a que sorte vos expondes? Acreditais que a vossa indiferença há-de desculpar-vos ante o tribunal do soberano Juiz? Acaso podeis, sem loucura, arrostar esta tremenda perspectiva?

Vede pois a miséria do homem sem uma Religião divina! Vede-o com os pálidos clarões da sua razão, entregue à dúvida, e muitas vezes mesmo à ignorância mais inevitável, mais perigosa, acerca das questões fundamentais de seus destinos, de seus deveres e de sua ventura! «De onde vim eu? Quem sou? Para onde vou? Qual é o meu fim último? Como devo para lá dirigir-me? Que há além de mim? etc., etc.».

Entregue a suas únicas forças que responde a razão a estes imensos problemas? Balbucia, fica muda; dá probalidades, *pode ser*, *talvez*, mil vezes insuficientes para nos fazer superar a

violência das paixões, para nos manter no austero caminho do dever!...

E pretendíeis que o Deus de toda a sabedoria, de toda a bondade, de toda a luz, houvesse desta maneira abandonado a sua criatura racional, o homem, a obra prima de suas mãos?

Não, não. Ele fez brilhar a seus olhos uma luz celeste, que respondendo às necessidades imperiosas do seu ser, lhe revela, com uma divina evidência, a natureza, a justiça, a bondade e os desígnios desse Deus, seu primeiro princípio, e seu derradeiro fim; uma luz que mostra o caminho do bem e o caminho do mal, ambos patentes diante dele, terminando um em eternas alegrias, outro em eternas penas; uma luz que, no meio do falso brilho de que a corrupção humana a cercara, se distingue pelo único esplendor da sua verdade; uma luz que ilumina, que vivifica, que aperfeiçoa tudo quanto penetra...

Esta luz é a *Revelação cristã*, o *Cristianismo*, a única religião que tem provas, a única que esclarece a razão, que santifica o coração, que, encaminhando toda a nossa perfeição moral ao conhecimento e amor de Deus, é digna de Deus e de nós mesmos.

Que língua humana poderia narrar todos os títulos que o Cristianismo tem à nossa crença?

Vede-o, desde o princípio, remontar ao berço do mundo pelas Profecias que o anunciam pela fé e esperança, pelo amor dos santos Patriarcas, pelas cerimónias dos cultos moisaico e primitivo, que o figuram!

Com efeito, este sempre foi uma só e mesma religião, bem que se haja desenvolvido em três fases sucessivas:

1.º Na religião patriarcal, que durou desde Adão até Moisés;

2.º Na religião judaica, que Moisés promulgou da parte de Deus, e que durou até à vinda de Jesus Cristo;

3.º Na Religião cristã ou católica, ensinada pelo mesmo Jesus Cristo, e pregada por seus Apóstolos.

Ele se desenvolvia, desde sua origem, com lentidão e majestade, como todas as obras de Deus: — como o homem, que passa pela infância, e depois pela adolescência, antes de chegar à perfeição da idade; — como o dia que passa pelo crepúsculo e aurora antes de deixar entrever a variedade e riqueza de seu seio.

E deste modo o Cristianismo, *e ele só,* abrange a humanidade inteira; domina tudo, o tempo, os séculos. Parte da Eternidade para tornar a entrar na Eternidade; sai de Deus para ir repousar eternamente em Deus!...

Nele tudo é digno do seu Autor. Tudo aí é VERDADE e SANTIDADE. E aqueles que o estudam descobrem-lhe uma maravilhosa harmonia, uma beleza, uma grandeza, uma evidência de verdade sempre crescente, à medida que lhe escrutam os dogmas.

Ele move e purifica o coração ao mesmo passo que esclarece o espírito. Satisfaz o homem completamente.

O carácter sublime, sobre-humano, incomparável de JESUS CRISTO, seu fundador:

A perfeição divina de sua vida;

A santidade da sua lei;

A sublimidade prática da doutrina que ensinava;

A sua linguagem, que seria uma loucura, se não fora divina.

O número e evidência de seus milagres, até reconhecidos pelos seus mais encarniçados inimigos;

O poder de sua Cruz;

As circunstâncias de sua inefável Paixão, todas anteriormente profetizadas;

A sua Ressurreição gloriosa, anunciada por ele mesmo *catorze vezes* a seus discípulos, e mesmo a incredulidade de seus Apóstolos, a quem a evidência obrigou a acreditar a veracidade da ressurreição de seu Mestre;

A sua ascensão ao Céu em presença de mais de quinhentas testemunhas;

O desenvolvimento sobrenatural da sua Igreja, a despeito de todas as impossibilidades naturais, físicas e morais;

Os pasmosos milagres que acompanharam por toda a terra a pregação de seus Apóstolos, pescadores ignorantes e tímidos, repentinamente transformados em doutores e conquistadores do mundo;

A força sobre-humana de seus nove milhões de mártires;

A sabedoria dos Padres da Igreja esmagando todos os erros pela simples exposição da fé cristã;

A vida santa dos verdadeiros cristãos, oposta à corrupção e à fraqueza natural dos homens;

A metamorfose social que o Cristianismo operou, e opera ainda em nossos dias, em todos os países onde penetra;

Enfim, a sua duração, a imutabilidade do seu dogma, de sua constituição, de sua jerarquia católica; sua indissolúvel unidade no meio dos impérios que baqueiam, das sociedades que se modificam: tudo nos mostra que o dedo de Deus anda nisto, e que não cabe no poder do homem nem conceber, nem produzir e conservar uma obra igual.

Portanto, bem vedes que há *uma Religião verdadeira,* UMA SÓ, a Religião cristã.

Ela ùnicamente é a RELIGIÃO, isto é, o laço sacrossanto que nos une a Deus, nosso Criador e nosso Pai.

Só ela nos transmite a verdadeira doutrina religiosa, o que Deus nos ensina relativamente a si mesmo, acerca de sua natureza, sobre suas obras, sobre nosso eterno destino, e sobre nossos deveres morais.

Todas as outras pretendidas religiões que ensinam o que o Cristianismo rejeita, que rejeitam o que ele ensina, paganismo, [1] maometismo, quaisquer que elas sejam, são por conseguinte falsas, e por isso más.

São *invenções humanas*, enquanto que a Religião é uma instituição divina. São imitações sacrílegas da verdadeira Religião, como a moeda falsa é imitação criminosa da moeda verdadeira.

Não seria pois uma loucura dizer: «Todas as moedas *são boas*», sem distinguir às verdadeiras das falsas?

---

(1) Quanto à religião judaica há uma dificuldade especial; porque tendo esta sido, nos desígnios de Deus a preparação para a vinda do Messias, e como a segunda fase da verdadeira religião, foi mas, depois de Jesus Cristo, já não é, a verdadeira religião. O judaísmo era como os andaimes dos pedreiros, necessário para construir o edifício. Uma vez concluído o prédio, os andaimes devem ser tirados; estes, daí em diante, não seriam mais que um obstáculo inútil e desagradável.

Os judeus, obstinados, abandonaram a casa para guardarem os andaimes: sacrificaram a realidade à figura. Desde a vinda do Messias, sem templo, sem altares, sem sacrifícios, dispersos pelo mundo, onde não podem ser destruídos, trazem consigo o seu cadáver de religião: eles subsistem através dos séculos, segundo a predição de Jesus Cristo; para servirem de testemunho perpétuo ao Cristianismo como a sombra de um corpo prova a existência do mesmo corpo.

Mais insensatez haveria ainda em repetir as palavras a que acabámos de responder: «Todas as religiões são boas».

Isto vem a ser, ou uma impiedade enorme, ou uma enorme parvoíce, segundo se diz por ignorância ou por indiferença.

XIX

É Jesus Cristo mais que um grande filósofo, que um grande benfeitor da humanidade, que um grande profeta? é verdadeiramente Deus?

RESPOSTA. — Ouvi-o responder por si mesmo: «SIM, VÓS O DISSESTES, EU O SOU. *Pois quê! há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheceis?* AQUELE QUE ME VÊ, VÊ A MEU PAI; EU E MEU PAI, SOMOS UM» !!! (1)

Seria necessário um livro inteiro para tratar convenientemente esta matéria. Nós já fizemos menção dela quando provámos a divindade da Religião cristã. Todavia, é mister insistir mais nisto, e desenvolver um ponto sobre o qual repousa toda a nossa fé.

1.º — JESUS CRISTO é o divino Ser de que o Evangelho nos fala. (2)

---

(1) S. Math. c. 26. v. 63 e 64 — S. Marc. c. 14. v. 61 e 62 — S. Luc. c. 22, v. 70 — S. João, c. 14, v. 10.

(2) O Evangelho é a história de Jesus Cristo, escrito por testemunhas oculares, diante de testemunhas também oculares, os Judeus e os primeiros Cristãos; narrada pelos

Primeiro atendei as proporções gigantescas desta personagem comparada a todos os outros homens, ainda mesmo aos maiores! Todos morrem *inteiramente:* fazem estrondo durante sua passagem, agitam o mundo... porém, depois que resta deles? O seu nome, louvado ou escarnecido primeiro, depois ouvido com indiferença, até que se recolhe aos livros. Estes já não *vivem* sobre a terra.

Só Jesus Cristo vive ainda, vive sempre, vive por toda a parte. Hoje como há 1800 anos, está presente ao mundo; em Paris, em Londres, em Roma, em S. Petersburgo, na Ásia, na América, por toda a parte o amam e o odeiam, por toda a parte o defendem e o atacam, por toda a parte o acolhem e o repelem, como nos dias da sua vida mortal. Ele se depara em todos os grandes movimentos que abalam o mundo; é a questão capital, o centro em que terminam, todas as questões que dizem respeito ao coração da humanidade.

Ele vive, fala, manda, ensina, defende, desenvolve sua vida poderosa no Cristianismo é a continuação da vida de Jesus Cristo no universo, através de todos os séculos...

Jesus Cristo, portanto, é um facto, universal, contínuo, presente, actuando há dezanove séculos, escrito nas gerações humanas, em todos os países, em todos os povos, com caracteres vivos. É uma vida excepcional que penetra o mundo. Tudo desaparece, tudo morre em torno dele; e só ELE, ELE só vive e subsiste!...

---

mais santos dos homens, os Apóstolos, que deram a vida para atestar a verdade da sua palavra.

A leitura do Evangelho só por si é a melhor prova da sua veracidade. O próprio incrédulo Rousseau o confessa: «Não é deste modo que se inventa, dizia ele e o inventor de semelhante livro ainda seria mais admirável que o seu herói».

Por conseguinte é mais que homem; e o grande Napoleão tinha razão ao dizer: «Eu reconheço-me como homem, e digo-vos que Ele era mais que homem».

2.º — E, coisa estranha, só particular a Jesus Cristo, esta vida que enche o universo desde a sua aparição sobre a terra, também encheu com o mesmo poder os séculos precedentes, até ao berço do mundo. Este mesmo Jesus, pelo qual vivem e viverão as gerações dos antigos fiéis, os discípulos de Moisés, dos Profetas e dos Patriarcas! É nEle que elas hão crido: é a Ele que hão amado! O sol em seu pleno meio dia, inunda com seus raios todo o espaço, tanto o que já percorrera, como o que ainda deve percorrer; assim Jesus Cristo, centro da humanidade, esclarece, vivifica tudo, o passado, o presente e o futuro...

3.º — Jesus Cristo, e ùnicamente Jesus Cristo, é o tipo da perfeição, o modelo pelo qual se copia o mundo moral civilizado, o exemplar pelo qual a humanidade emenda seus vícios. — Que é a virtude senão a imitação de Jesus Cristo?

Nada há de comum entre Ele e qualquer outro tipo de perfeição conhecido, seja judeu, seja grego, seja romano. Só Ele, Ele ùnicamente, é sobranceiro a tudo.

Na perfeição humana há sempre concorrência de virtude; uma excede a outra, há mais e menos. Jesus Cristo, e Jesus Cristo, ùnicamente, faz a isto uma excepção. Há solução de continuidade entre a sua perfeição e a dos outros homens.

Que nome se há-de colocar ao lado do seu? Quem ousaria comparar-se-lhe? Os Santos, sendo os heróis de virtude sobre a terra, apenas são suas pálidas cópias.

Ninguém pensa, ninguém jamais pensou em o *igular;* pois bem se vê que se não trata aqui de um êmulo possível. Tudo se eclipsa ante o fulgor da sua luz, bem como as luzes fictícias da terra desaparecem na presença da do sol. Ele mesmo disse: *Eu sou a* LUZ *do mundo.*

Esta perfeição sobre-humana é um fenómeno sem antecedentes; por coisa alguma é precedida, por coisa alguma preparada. Ela chega, bem como a sua doutrina, *logo completa.* Não participa de escola alguma filosófica ou teológica; aparece sem causa que a produza ou que a explique, senão a presença da mesma PERFEIÇÃO, que é Deus. Ela esclarece tudo, sem que seja esclarecida por esplendores alheios, é o próprio foco da luz.

Outra observação não menos notável, e só particular a Jesus: essa perfeição verdadeiramente divina, que parece tão sobranceira à humanidade, tão inacessível à nossa fraqueza, é todavia a mais prática, a mais imitável, a mais fecunda, a única fecunda em imitadores e em discípulos. Ela propõe-se a todos os homens, tanto ao moço como ao velho, tanto ao ignorante como ao sábio, tanto ao pobre como ao rico, tanto ao que começa como ao que acaba. Parece feita para cada qual em particular. Adapta-se a tudo e reforma tudo; é a perfeição para todos!

Quem não vê nisto o selo da divindade? Acaso tem o homem poder para semelhantes coisas?

Finalmente, o último carácter da perfeição de Jesus Cristo! *sobre-humano* como todos os outros, e, como todos os outros, *próprio a Ele só,* é o não ter a sua perfeição EXCESSO ALGUM.

O homem sempre tem excesso em suas qualidades. Sentindo-se fraco, prefere, receando cometer falta, exceder-se no bem.

S. Vicente de Paulo era humilde, mas parece exceder-se na baixa estima em que se tinha; S. Carlos era austero, mas a sua austeridade parece assustar-nos; S. Francisco, pobre, parece exceder-se em suas privações, etc.; a imperfeição humana penetra até no heroísmo da virtude. — O bem, em Jesus Cristo, é perfeitamente verdadeiro; nada é exagerado; a perfeição da natureza divina manifesta-se e combina-se com as comodações verdadeiras e boas da natureza humana. Nele aparece o homem todo. Deus e o homem acham-se aí completos.

E por esse motivo, não obstante ser o modelo tão perfeito, nem por isso devemos desesperar da sua imitação; porque, ao contrário, este é suave, brando e amável.

É a verdade de uma virtude perfeita e possível, proposta *a homens*, por um *Deus homem*, tão verdadeiro homem como verdadeiro Deus.

Que maravilha! que prodígio não é Jesus Cristo!... Quem não exclamará: «Aqui anda o dedo de Deus?»

4.º — E a sua doutrina! essa palavra, que, há dezoito séculos, é meditada, discutida, atacada, dissecada por todas as ciências, por todos os ódios, pelos maiores engenhos aplicada às sociedades, aos povos, aos indivíduos, sem jamais ter sido possível convencê-la de erro! — Sempre tem continuado a «luz do mundo»; e cada tentativa contra ela assaz verifica o que o divino Mestre predissera: *Os Céus e a terra passarão,* A MINHA PALAVRA NÃO PASSARÁ.

Onde ela soa, penetram a civilização, a vida intelectual e moral, o progresso, as luzes... onde ela não reina, ou à proporção que menos domina, surge o aviltamento, a inércia, o materialismo e a morte.

É ela, é a palavra de Jesus Cristo que fundou a nossa sociedade moderna; é ela que tem sido guia e facho condutor da razão humana e da filosofia; e de bom ou mau grado, é com o que Jesus Cristo lhe dera que os cristãos incrédulos argumentam contra ele.

«*Nunca homem nenhum*, diziam os Judeus, *falou como este homem!*»

E, com efeito, abri o Evangelho... Que poder inaudito! que autoridade! que serenidade! que ingenuidade celeste!... Jesus ensina a sua doutrina, sem discutir, nem pretender provar ou convencer: a sua palavra lhe basta; está bem seguro dela quando afirma. Só Deus feito homem e falando aos homens é capaz de tal linguagem.

5.º — A palavra de Jesus Cristo prova-se por si mesma; porque ele constantemente afirma a sua divindade. Diz-se *Deus, Filho de Deus,* (1) *Cristo, a Verdade, a Vida, o Salvador, o Messias.*

«Se és Cristo, lhe diziam os Judeus, dize-no-lo. — *Eu falo-vos,* respondia ele, *e vós não me acreditais. Os milagres que obro em nome de meu Pai dão testemunho da minha pessoa.* EU E MEU PAI SOMOS UM». Eles querem apedrejá-lo, em vez de dar crédito à sua palavra. «Por que motivo, lhes diz Jesus, quereis apedrejar-me?»

«Por causa da tua blasfêmia, e porque, *sendo um homem,* TE FAZES DEUS».

---

(1) Nem Jesus Cristo, nem os Judeus, a quem ele falava, entendiam por Filho de Deus um homem justo, filho de Deus, amigo de Deus. Ele e eles entendiam por isto o Verbo divino a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Filho eterno e único de Deus e Deus como o Padre e o Espírito Santo. Por isto, quando Jesus declara perante Caifaz «que é o Filho de Deus» o sumo sacerdote e os fariseus bradam que é blasfêmia, e o condenam à morte como blasfemador, por se haver feito Deus.

A Samaritana lhe fala do Cristo Redentor que deve salvar os homens e ensinar lhes toda a verdade: «EU SOU, lhe diz ele, *eu que te falo*».

Outra vez ensinando a multidão reunida em torno dele: «*Em verdade, em verdade* vos digo, do mesmo modo que o Pai ressuscita os mortos, *do mesmo modo dá o Filho a vida a quem quer*... AFIM DE QUE TODOS RENDAM AO FILHO UMA HONRA IGUAL ÀQUELA QUE É DEVIDA AO PAI. QUEM NÃO HONRA O FILHO, NÃO HONRA O PAI».

Instruindo um sábio Judeu que viera para o consultar. «*Ninguém*, lhe diz, *sobe ao céu a não ser* por meio DAQUELE QUE DESCEU DO CÉU, O FILHO DO HOMEM QUE ESTÁ NO CÉU».

«*Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe deu* SEU FILHO ÚNICO, *a fim de que todo aquele que nele cresse, não morresse, mas possuísse a vida eterna... Deus enviou ao mundo* SEU FILHO *para que o mundo fosse por ele salvo*».

«Aquele que nele crê não será condenado; MAS AQUELE QUE NÃO CRÊ ESTÁ ANTECIPADAMENTE JULGADO, PORQUE NÃO CRÊ NO FILHO ÚNICO DE DEUS».

Acabando de curar um cego de nascença, este, repelido da sinagoga pelos fariseus, porque dizia que o seu benfeitor era ao menos um profeta, vem outra vez ter com ele, e se lança a seus pés. «CRÊS TU NO FILHO DE DEUS?» lhe pergunta Jesus. — E quem é esse Senhor a fim de que eu creia nele? — Tu o vês; É AQUELE QUE TE FALA, É ELE MESMO. E este homem: «Eu creio, Senhor!» E prostando-se o adora.

É suficiente! Quereis ouvi-lo ainda? Abraão, vosso pai, diz ele aos judeus, se alegrava entrevendo-me antecipadamente. — Como! replicam estes, pois nem ao menos ainda tendes cinquenta anos, e vistes Abraão! (1)

---

(1) Abraão vivia vinte séculos antes de Jesus Cristo.

— «ANTES QUE ABRAÃO EXISTISSE, JÁ EU EXISTIA».

À irmã de Lázaro, que acabava de lhe pedir que ressuscitasse seu irmão: «EU SOU, lhe disse, A RESSURREIÇÃO E A VIDA. *Aquele que crê em mim viverá, mesmo depois da morte. E todo aquele que vive em mim e crê em mim não morrerá eternamente. Tu crês?»* — «*Sim, Senhor*, respondeu a fiel Marta: CREIO QUE SOIS CRISTO, FILHO DE DEUS VIVO, VINDO A ESTE MUNDO».

E chegando, alguns instantes depois, ao pé do cadáver já fétido de Lázaro, acrescenta estas divinas palavras:

«Meu Pai dou-vos graças por me ouvirdes. Quanto a mim, bem sei que me ouvis sempre. Mas é por causa deste povo que me cerca que eu falo assim, *a fim de que ele creia que sois vós que me enviastes*».

Seria mister citar todo o Evangelho. Lede principalmente o seu inefável discurso antes da Ceia (em S. João cap. 13 e seg.): «EU SOU, diz ele, O CAMINHO, A VERDADE E A VIDA. *Ninguém chega ao Pai senão por mim. Se vós me conhecels, conhecels a meu Pai;* AQUELE QUE ME VÊ, VÊ A MEU PAI.

Tudo quanto me pedirdes em meu nome, eu vo-lo farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Amai-me. Se algum me ama, guardará os meus mandamentos, e meu Pai o amará, e Nós viremos a ele, e nele permaneceremos».

Jesus Cristo até na cruz afirma que é Deus, e fala como Deus. O bom ladrão, crucificado a seu lado, exclama ilustrado pela fé: «Senhor, lembrai vos de mim no vosso reino. — Hoje, lhe responde Jesus, estarás comigo no Paraíso».

Enfim, porque é preciso limitarmo-nos, o incrédulo Tomé o vê e toca depois de sua ressurreição; vencido pela evidência, lança-se a

seus pés e exclama: *«Meu Senhor*, E MEU DEUS!» Jesus não o repreende, e lhe diz: «TU CRESTE, *Tomé, porque viste.* BEMAVENTURADOS AQUELES QUE SEM VEREM CRERAM!»

Notai que linguagem! que procedimento! que omnipotência!... Como se faz chamar *Deus!* como dele possui o tom e o acento! como reinvindica os direitos da divindade, a fé, a adoração, a súplica, o amor e o sacrifício!... Ora o raciocínio, neste caso, é mui simples: *Ou Jesus Cristo diz a verdade, ou não diz a verdade. Aqui não há meio termo.*

1.º — Se diz a verdade, é com efeito o que diz ser, é Deus. É o filho eterno de Deus vivo, abençoado nos séculos dos séculos, e todas as suas palavras, suas acções, seus milagres, seu triunfo se explicam fàcilmente. A Deus nada é impossível.

2.º — Se não diz a verdade (blasfêmia que apenas ouso escrever, conquanto seja para a confundir), é um louco ou um impostor.

Sim, *um louco,* se não tem a consciência de suas palavras e de seu procedimento; — *um detestável impostor,* se mente com conhecimento de causa.

Ousareis vós dizê-lo jamais? Jesus Cristo, o sábio por excelência, um louco!!! Jesus Cristo, o mais virtuoso, o mais santo dos homens, um mentiroso, um impostor sacrílego!!! Seria mister ter perdido o uso da razão, e todo o sentimento moral para proferir semelhante disparate. Logo é DEUS. Jesus Cristo acha se ante a razão humana como esteve diante de Caifaz, no dia da sua Paixão. *«Eu te conjuro,* lhe dizia o sumo sacerdote, *em nome de Deus vivo, para que nos digas* SE ÉS CRISTO O FILHO DE DEUS. SIM, responde Jesus, TU O DISSESTE E EU O SOU».

É preciso crer ou não crer esta afirmação; aqui não há meio termo. É necessário ou admitir Jesus Cristo inteiramente, ou também inteiramente rejeitá-lo. Quem não é por ele, é contra ele; quem não *o adora*, não pode sem inconsequência, sem loucura, louvá-lo admirá-lo, celebrá-lo como *um sábio*, como *um grande homem*, como um profeta.

«Porém, talvez alguém pense que Jesus Cristo somente dizia ser Deus para mais fàcilmente fazer admitir a sua doutrina»?

Ainda assim a dificuldade subsiste inteira; porque nenhuma intenção, qualquer que ela fosse, poderia jamais desculpar tão grande e constante impostura, não podendo deixar de concluir-se que tendo sido toda a sua vida a afirmação de sua divindade, fora toda ela um tecido de loucuras e blasfêmias.

Mas, além desta razão, tal suposição é absolutamente inadmissível. E com efeito:

1.° — Semelhante ficção destruiria toda a sua obra, aniquilaria toda a sua doutrina. — Jesus Cristo não tem mais que um fim: destruir a idolatria, restabelecer por toda a parte o *reinado da verdade*; *pela verdade* reconduzir a virtude e a santidade à terra; dar a Deus o que é só de Deus, o coração do homem, a sua fé, a sua dedicação e o seu amor. Poderia ele com este pensamento, a não ser verdadeiramente Deus tomar-lhe o título e reinvindicar-lhe os direitos, sem arruinar por a base todos os seus desígnios?

2.° — Este pretendido *meio* destinado a sustentar a sua doutrina teria para ela sido o mais temível inimigo.

O *impossível*, humananamente falando, na pregação de Jesus Cristo e dos seus apóstolos, consistia principalmente em fazer admitir aos povos a divindade deste mesmo Jesus, pobre, humi-

lhado, cheio de atribulações, e morto em uma cruz. Acaso não é isto o que mais indigna a razão no ensino do Cristianismo? Não é esta precisamente a pedra de escândalo para o incrédulo? E seria este o meio que Jesus Cristo escolheria para fazer receber a sua religião? Isto seria o cúmulo da loucura! É bem singular isca a que amedronta cem vezes mais que o próprio anzol!

Concebo que a divindade de Jesus Cristo, uma vez admitida, se torna mui poderoso meio para fazer acreditar a sua doutrina. Mas quem havia de fazer admitir esta mesma hipótese, e de que modo poderia Jesus Cristo ser tido como Deus, sem uma manifestação *evidente e irresistível* da omnipotência divina?

Não, não, repito, ante o carácter sobre-humano de Jesus Cristo, ante suas palavras e afirmações, à vista de suas acções, e de sua obra, que é o Cristianismo, não há, para o homem razoável e sincero, mais que um partido a tomar: é ajoelhar, adorar o amor infinito de um Deus que amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho único, e exclamar com S. Tomé já convencido: «MEU SENHOR E MEU DEUS! — DOMINUS MEUS ET DEUS MEUS»!

XX

É melhor ser protestante que católico; sempre cada qual fica cristão, e é quase a mesma coisa.

RESPOSTA. — Sim, *quase;* como a moeda falsa é *quase* a mesma coisa que a verdadeira. A única diferença é, que uma é verdadeira e a outra falsa.

1.º — CATÓLICO e PROTESTANTE *quase a mesma coisa!* — Então não conheceis nem um nem outro!

Onde a Igreja Católica afirma, o Protestante nega.

O Católico tem como regra de sua fé o ensino infalível da Igreja. — O Protestante rejeita a Igreja, despreza a sua autoridade, e não conhece mais que a Bíblia, a qual interpreta como pode e como quer.

O Católico toma a vida cristã nos sete Sacramentos da Igreja, e conserva-a principalmente mediante a recepção dos Sacramentos da Penitência e Eucaristia. — O Protestante não reconhece estes Sacramentos; não conserva mais que o Baptismo, e ainda esse...

O Católico adora na Eucaristia a JESUS CRISTO, que aí está realmente presente. — O Protestante só nela vê um símbolo vazio, um fragmento de pão.

O Católico venera, invoca e ama a Bem-aventurada Virgem MARIA, Mãe de Deus, feito homem. — O Protestante nenhum caso fez dela, e muitas vezes lhe vota desprezo, e até aversão.

O Católico venera no Papa o Vigário de Jesus Cristo, o Cabeça dos Fiéis, o Pastor supremo e o Doutor infalível da Lei de Deus. — O Protestante só nele vê o Anticristo, o Vigário de Satanaz e o inimigo da verdade, etc., etc.

O Protestantismo é para o Catolicismo o mesmo que o *não* é para o *sim*, e isso nos pontos fundamentais da Religião. — Salva toda esta discordância, é absolutamente a mesma coisa.

2.º — «*É melhor*, dizeis vós, *ser Protestante que Católico*». Não. Só é *melhor*, ou antes, só é *bom* o que é *verdadeiro*. O resto não vale nada.

Parti deste princípio evidente: *Não há meio termo entre a verdade e o erro*. O que não é

verdadeiro é falso, e o que não é falso é verdadeiro.

A respeito da religião é este princípio ainda mais importante que em qualquer outra matéria. — Já vimos que só há uma religião verdadeira; é a Religião de Jesus Cristo, que abrange todos os séculos, todos os povos, todos os homens, e que, por este motivo, sempre foi chamada *católica* ou *universal*.

As seitas protestantes não são esta religião una e católica de Jesus Cristo; basta o nome para o indicar; *logo* não são a verdadeira religião; logo são um erro; uma corrupção do Cristianismo.

Já isto seria suficiente. Mas examinemos e vamos mais avante.

3.° — Só Jesus Cristo, fundador do Cristianismo, é dele Senhor. Ninguém ainda o negou.

Nenhum homem, por conseguinte, tem o direito de ensinar, de pregar esta religião, se não houver sido encarregado disso por Jesus Cristo.

Se eu viera dizer-vos: «Meu amigo, vós sois cristão? A Religião cristã ensina-vos tal ou tal doutrina, impõe-vos tal ou tal dever. Pois sabei que eu venho reformar tudo isso. Em vez de crer, como tendes feito até aqui, acreditai só o que eu vos ensino; desembaraço-vos de tal e tal de vossos deveres, que vos constrange; permito-vos o que a vossa religião vos proíbe, etc.».

Vós certamente me responderíeis: «Mas quem sois para procederdes dessa maneira? A minha Religião só tem um Senhor, é Jesus Cristo. Porventura foi ele que vos enviou? Quando e como vos enviou? Provai-me a vossa missão divina».

Quando Lutero, Calvino, Zwinglio, Henrique VIII, etc., há trezentos anos, se constituíram reformadores da Religião cristã, esta dificuldade

do mais simples bom senso bem podia suspendê-los logo no princípio.

Muitas pessoas lhes fizeram em continente esta pergunta, [1] eles porém nada responderam, e só as más paixões aceitaram a sua nova religião.

Portanto, só têm direito de ensinar a Religião os que disso foram encarregados por Jesus Cristo. Mas estes enviados, estes doutores legítimos, *únicos* legítimos da Religião, estes Pastores *legítimos* do povo cristão, quem são? como se podem reconhecer? — Por meio de duas observações mui simplices.

A primeira é um grande facto histórico, e de tal modo evidente, que os protestantes de boa fé nem mesmo pensam em o negar, a saber: que o Papa, Bispo actual de Roma, é o Cabeça da Religião Católica, e remonta, por uma sucessão não interrompida de Pontífices, até ao Apóstolo S. Pedro; e que os Bispos católicos, em todos os tempos foram olhados como sucessores dos Apóstolos.

A segunda é a explicação deste facto pela simples leitura das passagens do Evangelho, em que Nosso Senhor Jesus Cristo dá aos seus Apóstolos, *e a eles só* a missão sagrada de pregar a sua Religião a todos os homens, e escolheu entre os mesmos Apóstolos a S. Pedro,

---

(1) Todavia, Calvino quis uma vez fazer um «milagre» para resolver a dificuldade. Desgraçadamente tomou mal as suas medidas, ou antes, Deus é que lhas frustrou. — Tinha pago a um homem para se fingir morto, a fim de o «ressuscitar» depois. Quando chegou em companhia de seus amigos, já a justiça divina havia castigado o seu cúmplice: o fingido defunto estava realmente morto em seu leito.

Lutero enchia-se de cólera quando se lhe perguntava pela prova da sua missão. Respondia apelidando o indiscreto perguntador: asno, porco, cão, turco, endiabrado, etc.

para ser o Cabeça de toda a Igreja, o laço de unidade dos Pastores e dos fiéis, o fundamento imutável do edifício vivo que deve erigir.

O que há mais claro, pergunto eu, o que há mais solene que esta Missão pastoral e doutoral dos Apóstolos? — «RECEBE O ESPÍRITO SANTO, lhe diz o Filho de Deus, DO MESMO MODO QUE MEU PAI ME ENVIOU A MIM, VOS ENVIO EU A VÓS. IDE POIS; ENSINAI A TODAS AS NAÇÕES; *baptizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Pregai o Evangelho a toda a criatura.* EU ESTOU CONVOSCO ATÉ AO FIM DO MUNDO. AQUELE QUE VOS ESCUTA ESCUTA-ME A MIM; O QUE VOS DESPREZA, DESPREZA-ME A MIM». [1]

E as palavras do Senhor dirigidas a S. Pedro não trazem consigo mesmo a sua evidência?

Tu és Pedro; [2] E SOBRE ESTA PEDRA EDIFICAREI A MINHA IGREJA; *e as portas do inferno não prevalecerão contra ela;* É A TI QUE EU DAREI AS CHAVES DO REINO DOS CÉUS, *e tudo que tu desligares na terra, será desligado nos céus».* [3] Por esta razão ficou S. Pedro, como sempre o entenderam todos os séculos cristãos, constituído por Jesus Cristo, Cabeça, Fundamento imutável, Doutor infalível, Pastor de toda a Igreja, de todos os seus discípulos.

Estas palavras são tão claras que não há necessidade de arrazoar a respeito delas.

1.º — Há uma Igreja Cristã, visto que Jesus Cristo diz: *a minha* IGREJA;

2.º — Há *só uma;* porque ele não diz: AS MINHAS *Igrejas*, mas A MINHA *Igreja.*

---

(1) Evang. de S. Mat. e S. Marc., no último capítulo.

(2) Na língua hebraica, de que Nosso Senhor se serviu, são estas palavras ainda muito mais claras. Se se traduzissem literalmente, deveria dizer-se: «Tu és a pedra, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja».

(3) S. Mat. cap. 16».

3.º — E de entre todas as que dizem ser esta Igreja única, qual é a verdadeira, a única verdadeira? É a que está fundada em S. Pedro, que é governada por S. Pedro, ensinada por S. Pedro sempre vivo em seu Sucessor; logo, é a Igreja Católica Apostólica Romana de que o Papa, sucessor de S. Pedro, é o Pontífice e o Cabeça.

Que coisa mais simples que este raciocínio? Só ele me bastou para convencer um protestante (que depois se fez católico), e uma senhora russiana cismática. O Salvador, na ocasião de subir ao Céu, insistiu de novo, e confirmou o que havia dito a S. Pedro, por estas palavras: «*Sê Pastor dos meus cordeiros: sê o Pastor das minhas ovelhas*... (S. João, cap. último).

É, por conseguinte, ao Papa e aos Bipos, Pastores actuais da Igreja Católica, que são os *únicos* que remontam por uma sucessão não interrompida até S. Pedro, primeiro dos Apóstolos, e até aos Apóstolos, que se endereçam estas grandes promessas de Jesus Cristo; é a eles, *e a eles só* que está confiada a missão de ensinar, de pregar, de conservar a Religião; são eles, *e eles só* os Pastores *legítimos* do povo cristão. É com eles *e só com eles*, que Jesus Cristo permanece até à consumação dos séculos, para os preservar de todo o erro no ensino, e de todo o vício na santificação das almas. [1]

E notai aqui as imensas vantagens deste *veículo de autoridade* divina, claro e infalível, que nos apresenta a Igreja Católica. — Como é fácil a qualquer católico conhecer com certeza absoluta o que deve crer, o que deve evitar para ser cristão! Não tem mais que escutar o seu Cura,

---

(1) É isto o que se chama a infalibilidade da Igreja: é a infalibilidade de Jesus Cristo, do mesmo Deus, que lhe é comunicada.

enviado pelo seu Bispo e este unido ao Papa, que é o Vigário de Jesus Cristo, seu ministro na terra, por quem ele ensina, por quem decide soberanamente o que é preciso crer, obrar e evitar.

Como isto é belo e simultâneamente simples! Vede que *perfeita* UNIDADE decorre desta autoridade! Por toda a parte a mesma doutrina, em Roma, em Paris, na China, na América, na Ásia, na África, por toda a parte o mesmo verdadeiro ensino religioso, o do próprio Vigário de Jesus Cristo! Por toda a parte o mesmo Sacerdócio, aquele de que o Papa é o cabeça visível! Por toda a parte o mesmo Culto, os mesmos meios de santificação e de salvação!

Unidade tanto mais bela, tanto mais sobre-humana, quanto a sociedade cristã governada pelo Papa (e ela só se estende *por toda a terra)*.

Há católicos por toda a parte. O seu próprio nome o indica (e é esta a observação que já no seu tempo fazia Santo Agostinho, há quinhentos anos): *católico* quer dizer *universal*. A Igreja Católica abrange todos os tempos, todos os países, todos os povos. E o Juízo universal terá lugar, como Nosso Senhor Jesus Cristo o anunciou, quando a Igreja Católica tiver pregado o Evangelho a todos os povos da terra. (1)

A Igreja Católica difunde a *santidade* cristã por toda a parte onde penetra. Produz sempre e por toda a parte a perfeição mais sublime em todos aqueles que são dóceis ao seu ensino. Ela é a mãe dos Santos. Há dezanove séculos que não tem cessado de os produzir, e de ver Jesus Cristo, seu Deus e fundador, confirmar por milagres a santidade de seus servos.

4.º—O PROTESTANTISMO, pelo contrário (como o seu mesmo nome faz presumir), é uma *desor*-

---

(1) S. Math. cap. 24, v. 14.

ganização de toda a ordem, debaixo do pretexto de reforma. Neste termo há escândalo.

Dividido em mil pequenas seitas que se anatematizam umas às outras, e que não concordam senão em seu ódio contra a antiga Igreja: Luteranos, Calvinistas, Zwinglianos, Sacramentários, Anabaptistas, Pedobaptistas, Hernutos, Evangélicos, Anglicanos, Quakers, Pietistas, Metodistas, Tremedores, Mergulhadores, etc., etc. (contam-se mais de duzentas), é uma *anarquia religiosa*.

O protestantismo tem atacado o Cristianismo até em sua mesma essência e constituição. Rejeitou a regra fundamental da fé, que é o ensino infalível e autoridade divina do Papa e dos Bispos, únicos pastores, únicos doutores legítimos. —E por este modo, ao passo que fala em altas vozes *da fé* aniquila *a fé*, isto é, a SUBMISSÃO do espírito e do coração ao ensino divino. E, com efeito, o protestante não crê senão na sua própria interpretação da palavra de Deus, faz-se juiz das controvérsias em lugar daqueles que Jesus Cristo constituiu juízes; crê na sua razão, e não na palavra de Deus que lê na sua Bíblia; não tem *crenças*, não tem mais que *opiniões*, e essas variáveis como ele mesmo, e não crê senão em suas opiniões. Por isso, entre os protestantes, há tantas religiões quantas cabeças; e cada cabeça pode dela mudar todos os dias. Eu conheço uma família protestante mui respeitável, composta de quatro pessoas, e cada uma destas professa religião diversa!!!

O protestantismo, por esta mesma razão, navega com qualquer vento de doutrina, varia cada ano, cada dia, no símbolo da sua fé. Rejeita hoje o que ensinava ontem; não conta nem unidade, nem antiguidade, nem universalidade, nem estabilidade alguma.

Eu desafio a qualquer protestante para que me diga claramente o que todos devem crer, sob pena de não viverem na verdade cristã.

«Tu varias, dizia noutro tempo Tertuliano a Montano; logo, erras».

5.º — O protestantismo produz virtudes, porque ainda conservou uns restos da verdade no meio de suas destruições; mas estas mesmas virtudes ressentem-se da mistura. Elas são quase sempre frias e orgulhosas como as dos fariseus. — Existem, *a despeito do protestantismo;* mas, na realidade, são *católicas;* pertencem à Igreja. Os protestantes quanto mais de nós se aproximam, mais riais e vivas são suas virtudes. Com justiça se disse da Inglaterra protestante, que era, entre as outras seitas, a menos disforme, por isso que era menos *reformada.* [1]

O protestantismo respeita tudo quanto há de consolador, terno e afectuoso na Religião: a santa presença de Jesus Cristo no Sacramento do seu amor; o tribunal da misericórdia e do perdão; o amor e a invocação da Bem-aventurada Virgem Maria, essa doce Mãe do Salvador, e que o mesmo Salvador nos dera por Mãe no momento supremo da sua morte; a invocação dos Santos, nossos irmãos mais velhos; nossos amigos, já entrados na pátria, para onde nos chamam, e onde nos esperam; as orações pelos mortos, etc., etc.

---

(1) Há vinte e cinco ou trinta anos que os protestantes que ainda são cristãos tendem singularmente a aproximar-se da Igreja Católica. A religião que estes se reservam quase não tem de protestante senão o nome. Imitam-nos em muitas coisas, e alguns de seus ministros já não declamam contra a Igreja, muitos invocam a Santíssima Virgem, crêem na Missa, etc. É o bom senso e a verdade que pouco a pouco vão dominando as preocupações da infância e de seita.

Não tem *culto* religioso; porquanto, não se pode dar este nome ao que se passa numa sala nua, a que se chama templo.

Já lá entrastes? Julga-se à primeira vista que estas assembleias se acham repassadas de espírito religioso; mas não é assim. — Observem se de mais perto e, se reconhecerá que aí não há verdadeira presença de Deus; não se experimenta principalmente *o seu amor*... Importa recordar-nos de que os fariseus eram noutro tempo mais regulares que os outros no templo!

O vício fundamental do protestantismo é a revolta, é o orgulho.

Por conseguinte é estéril em Santos. Nunca pode produzir *uma* VERDADEIRA *irmã de caridade*, quero dizer, uma humilde e afectuosa serva de Deus e de seus pobres. O seu zelo é fanático; os seus adeptos fervorosos são uns visionários, uns místicos vagos, que se crêem ilustrados pelo Espírito Santo, e a quem este pretendido espírito revela muitas vezes coisas bem estranhas!

Os seus missionários são uns mercadores de bíblias... Comparai-os, pois, aos Apóstolos ou aos nossos Missionários católicos, herdeiros do zelo, da caridade e dos sofrimentos dos Apóstolos como o são da sua fé! Que diferença!

Os seus *ministros* pregam sem missão. São uns senhores, vestidos de preto, e pregando uma moral insípida, que se resume nisto: «Lede a Bíblia, e fazei o que quiserdes — com tanto, porém, que vos não façais católicos».

Com que direito ensinam eles os outros? Eles mesmos confessam que não são mais autorizados que os outros indivíduos, visto que todos os cristãos são padres, e segundo um grande número, *todas as cristãs também*... Com que direito interpretam eles a palavra de Deus a seus irmãos? Acaso são infalíveis? Visto que toda a religião

cristã consiste na leitura da Bíblia, por que motivo lhe misturam a sua palavra humana?

Estes homens casados não são os *homens de Deus*, os esposos da Igreja, os homens da dedicação, do sacrifício, da caridade, da castidade e da perfeição...

6.º — Portanto, para nos resumir, as seitas protestantes, nascidas, as mais antigas, há apenas trezentos anos, e as mais modernas, fabricadas, revistas, aumentadas e rebocadas à nossa vista, em nosso século; opostas à tradição histórica de todos os séculos passados; opostas à ideia de fixação, de unidade, de perfeição inseparável das obras de Deus, não são, nem podem ser a sociedade ou Igreja *una, santa e universal*, dos verdadeiros discípulos, de Jesus Cristo, *estabelecida e constituída* HÁ DEZOITO SÉCULOS, *pelos Apóstolos* deste divino Mestre.

Bem poderia eu ainda aduzir outras provas; mostrar a impossibilidade absoluta de provar a inspiração divina da Escritura santa, e especialmento do Evangelho, sem a infalível autoridade da Igreja; — os absurdos que os protestantes são obrigados a devorar quando querem ser consequentes e permanecer fiéis a seus princípios; — a ligação íntima e lógica que existe entre os princípios protestantes e as doutrinas anárquicas dos revolucionários, etc.; porém o que já tenho dito é suficiente. (1)

Por consequência, para ser *cristão* não basta crer que Jesus Cristo é Deus, mas é necessário, além disso, crer tudo quanto ele nos revelou.

---

(1) Uma observação notável é, que nunca se viu um bom católico, instruído em sua fé e sincero em sua piedade, fazer-se protestante para se tornar melhor; ao passo que os protestantes que se fazem católicos são ordinàriamente

Logo, *ser cristão* e *ser católico*, é uma só e mesma coisa.

Logo, fora da Igreja Católica, não há verdadeiro Cristianismo e como proclamava, *há dezasseis séculos*, S. Cipriano, Bispo e Mártir: «NINGUÉM QUE NÃO QUEIRA TER A IGREJA POR MÃE, PODE TER A DEUS POR PAI».

Logo, todo o protestante que conhecer a verdadeira Igreja, a Igreja Católica, Apostólica e Romana, governada e ensinada pelo Papa, *é obrigado a voltar para ele, sob pena de perder a sua alma.* — Em religião, muito mais que em outra qualquer coisa, é mister abandonar o erro logo que se conhece, e aderir à verdade.

Portanto, não é mais verdade dizer: «Eu posso ser católico ou protestante, ou cismático, sem deixar de ser cristão, do que dizer: eu posso ser turco, pagão, judeu ou cristão, sem deixar de possuir a verdadeira religião». [1]

---

os mais piedosos, mais ilustrados e mais probos, mesmo por confissão de seus correligionários.

Frequentemente (e em nossos dias com mais frequência do que nunca) se têm feito católicos alguns protestantes em artigos de morte; e nunca católico nenhum se fez protestante neste terrível momento, em que só a verdade se acha diante da alma para a julgar.

Esta única observação bastaria para decidir a questão que nos ocupa, e para nos fazer concluir a veracidade da Religião Católica.

(1) Não duvidamos insistir sobre o protestantismo por causa de uma espécie de recrudescência na propaganda, que certos ministros protestantes fazem em muitos países. Especialmente em Paris, dividiram toda a cidade em secções, e afadigam-se muito para fundar escolas e atrair a si os filhos das classes operárias.

Além disso, há uma ligação íntima entre os princípios protestantes e as doutrinas revolucionárias que minam a França. O pai dos nossos anarquistas, é Calvino. E o pai de Calvino é o diabo. «Vos ex patre diabolo estis». — «Não hei-de submeter-me: — Non serviam». É a divisa de todos eles.

XXI

Os Protestantes têm o mesmo Evangelho que nós temos.

RESPOSTA. — Têm dele a letra, mas não o espírito. — «Ora, a letra mata, diz o Apóstolo S. Paulo, e o espírito é que dá a vida». — A letra da Escritura santa mata os protestantes: como a das Profecias matou os judeus: Porque, como os judeus, os protestantes rejeitam o ensino sagrado daqueles que *Deus envia para explicar a letra.* Os judeus rejeitaram o ensino de Jesus Cristo e de seus Apóstolos, e perderam-se; os protestantes rejeitam o ensino dos Pastores legítimos da Igreja, e perdem-se.

A Igreja está antes da Escritura. A Igreja é a instituição divina fundada por Jesus Cristo para conservar, explicar, pregar, defender, e aplicar pràticamente a Revelação cristã, e por consequência, a Escritura santa é parte principal desta Revelação.

É a Igreja, e ùnicamente a Igreja, que nos ensina *infalìvelmente,* em nome e pela autoridade de Jesus Cristo, a inspiração divina dos Livros santos. É só ela que os distingue de uma maneira soberana dos livros não inspirados. É só ela que fixa o verdadeiro sentido das passagens obscuras ou contestadas, com a luz do próprio espírito que inspirou estes Livros. É dele, enfim, que os protestantes receberam estes mesmos Livros.

A Bíblia e o Evangelho sem a Igreja, não são mais que uma letra morta, palavras. É por isso, que o grande Santo Agostinho altamente

dizia aos herejes do quarto século, que lhe opunham textos mal compreendidos da Escritura: *Eu não daria crédito ao Evangelho, se não fora a autoridade da Igreja Católica.* (1)

XXII

O homem de bem não deve mudar de religião, mas conservar-se naquela em que nasceu.

RESPOSTA. — Sim, quando nasceu na verdadeira religião, que é a Religião católica.

Mas quando o indivíduo não teve a dita de nascer católico, e vem a descobrir a verdadeira fé, não sòmente é *permitido*, mas é *absolutamente necessário*, sob pena de pecado grave, abandonar a seita protestante (ou outra) em que foi educado.

Isto não é *apostatar*. O *apóstata* é aquele que abandona a verdade pelo erro.

Abandonar o erro para abraçar a verdade, é cumprir a vontade de Deus; é praticar um acto soberanamente razoável, legítimo, e leal; é obrar segundo a consciência; é desempenhar o mais sagrado dos deveres.

É, além disso, praticar um ACTO *de virtude heróica.* —Porque aquele que se converte tem por via de regra grande tempestade a afrontar, as exprobações, os desprezos, os insultos, as

---

(1) Evangelio non crederem nisi me cogeret Ecclesiœ Catholicœ auctoritas!

lágrimas, as súplicas da família, dos amigos, de seus correligionários, e principalmente dos ministros, despeitados, pela deserção.

Neste caso deve recordar-se das palavras memoráveis do Salvador: «EU NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A GUERRA! *Vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe. Porque muitas vezes os mais temíveis inimigos do homem são os membros de sua família.*

Aquele que ama seu pai e sua mãe, seu filho ou sua filha, mais do que a mim NÃO É DIGNO DE MIM.

«Aquele que não toma a sua cruz, e me não segue, não é digno de mim.

«VÓS SEREIS ODIADOS DE TODOS POR MINHA CAÚSA. AQUELE PORÉM QUE PERSEVERAR ATÉ O FIM, ESSE É O QUE SERÁ SALVO». (S. Mat. cap. 10).

Madame de Stael, célebre protestante em certa discussão que tinha provocado acerca da mudança de religião, resolveu recorrer a esta defesa banal: *«Eu quero viver e morrer na religião de meus pais. — E eu, senhora, na religião de meus avós»*, lhe respondeu o seu espirituoso interlocutor.

É notório o motivo de soberano bom senso que determinou Henrique IV, protestante, a fazer-se católico. Assistia ele a uma conferência entre doutores católicos e ministros protestantes. — «Então, senhores, posso eu salvar-me na Igreja católica?» perguntou ele aos ministros protestantes quando se terminou a discussão. — «Podeis, Senhor, lhe responderam eles; mas poderíeis ser salvo màcilmente conservando-vos na Reforma».

— «E vós, senhores, diz o Rei aos doutores católicos, que pensais acerca disto?» — «Nós pensamos, Senhor, e vos declaramos que tendo vós conhecido a verdadeira Igreja, sois obrigado a

nela entrar, e que não há salvação para a vossa alma no protestantismo».

«Então quero ir pelo caminho mais seguro, concluiu o Rei levantando-se; e visto que protestantes e católicos concordam em que posso salvar-me sendo católico faço-me católico».

E, com efeito, abjurou o seu erro.

XXIII

O tempo da Igreja Católica já lá vai.

RESPOSTA. — Há quase dezanove séculos que a Igreja católica existe, e pouco menos há que dela se diz isso.

Cada século, cada ímpio, cada inventor de seita ou de heresia se julga, enfim, chegado a esse famoso dia do enterro da Igreja Católica; cada um deles se crê destinado a entoar o *De Profundis* do Papado, do Sacerdócio católico, da Missa e de todas as antigas crenças da Igreja... e, não obstante, isso ainda não chegou.

No primeiro século do Cristianismo um procônsul do Imperador Trajano escrevia-lhe nestes termos: «Antes de pouco tempo, graças à perseguição, *essa seita* será destruída, e não se ouvirá mais falar desse Deus crucificado...»

E Trajano morreu, e o Deus crucificado continua a reinar no mundo!

Juliano, o Apóstata, três séculos depois, vangloriava-se de «preparar o túmulo do Galileu», isto é, de aniquilar a sua religião e a sua Igreja...

E Juliano morreu, e o Galileu e a sua Igreja vivem ainda!

No século décimo sexto, Lutero, esse monge revolucionário, que fez do orgulho e da revolta uma religião, falava do Papado como de uma antigualha que estava a ponto de acabar: «Ó Papa, dizia ele, ó Papa! se eu tenho sido uma peste para ti durante a minha vida, depois da minha morte serei a tua destruição!...»

E Lutero morreu, e o seu protestantismo dissolve-se por todas as partes! E o Papado conserva-se sempre mais vivo, mais florescente, mais venerado que nunca pelos verdadeiros católicos!

É assim que Voltaire, o inimigo pessoal de Jesus Cristo, Voltaire, que assinava as suas cartas: «*Voltaire-Crist-moque*» (Voltaire-zomba-de--Cristo), ou *Ecrasons l'infame*» (isto é: Esmaguemos Jesus e a sua Igreja); é assim, digo, que Voltaire escrevia aos seus amigos; «Já estou cansado de ouvir dizer que bastaram doze homens para fundar a Religião católica; quero mostrar que basta um só para a destruir.» — «Dentro em vinte anos, escrevia ele a outro, o Galileu haver-se-á comigo».

E, *vinte anos depois, dia por dia*, Voltaire morria num desespero de condenado, pedindo um padre, que seus amigos, os filósofos, lhe negaram...

E a Igreja vive sempre, atravessando as idades, e destruindo em sua passagem pacífica todos aqueles que a pretendiam aniquilar.

O mesmo acontecerá aos nossos grandes sistemas modernos filosóficos e sociais, que modestamente se arvoram em reformadores da Religião de Jesus Cristo, e em substitutos da Igreja Católica.

Esta pobre gente, ainda menos temível que seus antecessores, nem ao menos suspeita a sua própria fraqueza! Julga fazer coisas novas,

quando não faz senão *requentar* o antigo tema de Voltaire, Calvino, Lutero, Ario, etc.

Acaso terá esquecido as palavras do Salvador ao Primeiro Papa e aos primeiros Bispos: «*Ide, ensinai todos os povos;* EU *estarei convosco todos os dias até à consumação dos séculos*»?

Terá olvidado o que ele disse ao príncipe dos Apóstolos: *Tu és «Pedro, e sobre ti, Pedro, edificarei a minha Igreja*, E AS PORTAS DO INFERNO NÃO PREVALECERÃO CONTRA ELA»?

Porventura crê poder destruir o que Deus fundara?

Não, o tempo da Igreja Católica «inda se não foi» nem irá senão quando o mundo tiver acabado.

A Igreja não teme nada; ela bem conhece qual é o princípio divino da sua força e da sua vida; e enterrará os seus adversários presentes, mais fácil, mais pacìficamente ainda, do que enterrara seus predecessores.

XXIV

Eu quero o Evangelho puro, o Cristianismo primitivo.

RESPOSTA. — Também eu quero, e não quero outro; e com efeito o possuo se sou bom católico; e vós igualmente o podeis possuir com as mesmas condições.

Sois bom católico, praticais o Evangelho em toda a sua pureza; tendes o mesmo Cristianismo, as mesmas crenças, a mesma religião que os primitivos cristãos.

O tempo não modificou o Cristianismo senão em algumas das suas formas exteriores; a essência é a mesma, absolutamente a mesma desde o seu começo. Estas modificações, estes desenvolvimentos que fazem crer às pessoas pouco reflectidas que o Cristianismo actual é diferente do Cristianismo primitivo, provêm da mesma natureza das coisas, e deparam-se em todas as obras de Deus.

Porventura é o *homem* um ser diferente de si mesmo na idade de um, de dez ou de trinta anos? Evidentemente, não; é o *mesmo* indivíduo, desenvolvendo-se gradualmente, e adquirindo a perfeição do seu ser. O mesmo acontece às obras de Deus na ordem sobrenatural.

A Igreja Católica, no tempo dos Apóstolos, estava em seu germe; ainda se não viam todas as suas riquezas, todo o seu poder, toda a sua vida; mas tudo isto já existia prestes a desenvolver-se com o correr dos séculos.

Quanto mais se examina a antiguidade cristã, tanto mais se conhece a exactidão do que aqui dizemos. Foi este exame consciencioso que reconduziu à Religião católica grande número de sábios protestantes ou incrédulos, que encontraram nos monumentos dos três primeiros séculos da Igreja os vestígios maravilhosos e o princípio de todas as nossas instituições católicas; entre outras a supremacia espiritual do Bispo de Roma, sucessor de S. Pedro; a sua autoridade doutrinal, assim como a dos Bispos, sucessores dos Apóstolos; a pompa do culto divino; o Sacrifício da Missa, com todas as cerimónias que ainda praticamos, e que, pela maior parte, remontam ao século dos Apóstolos; o culto da Santíssima Virgem, Mãe de Deus, o culto dos Santos, das relíquias, das imagens; os sete Sacra-

mentos, entre outros o da confissão feita ao padre, etc., etc.

Encontraram-se há pouco nas catacumbas de Roma, especialmente na de Santa Inês, que data do meado do segundo século, capelas inteiras com muitos altares onde repousavam as relíquias dos Mártires, com pinturas com imagens da Santíssima Virgem com uma cadeira pontificial, com pias de água benta, e com cadeiras que serviam de confissionários, etc.

Por conseguinte, grande abuso se faz da credulidade do povo, quando se lhe prega que o verdadeiro Cristianismo, o Cristianismo dos tempos primitivos não está na crença e na prática da Religião Católica, mas que se encontra em outra parte.

Cristão e *Católico* em todos os tempos foram sinónimos, e os bons católicos do nosso tempo não diferem dos bons católicos dos primeiros séculos mais que pelos trajos; a fé, o coração, as obras são as mesmas.

Todas as heresias tiveram as pretensões que hoje ostentam os falsos reformadores da sociedade e da Religião. Estes repetem o que diziam, há três séculos, Lutero e Calvino, *seus avós*: «Nós vimos *reformar* o Cristianismo, restituindo-o à sua primitiva pureza. Vós, Igreja Católica, vós, padres católicos, não entendeis disso nada; haveis corrompido a verdade, a religião, a doutrina de Jesus Cristo. Só nós é que a possuímos, e vimos trazê-la ao mundo! Prestem-nos pois atenção: as misérias do mundo vão terminar; vai começar; vai começar uma nova era!...»

Deixá-los falar e não lhes acreditemos nem uma só palavra.

XXV

Eu cá tenho a minha religião. Cada qual pode praticar a sua religião como entende; só a mim é que isto diz respeito; e sirvo a Deus a meu modo.

RESPOSTA. — E o *vosso modo*, é não o servir de modo nenhum! Isso é como as pessoas que entendem por «liberdade de consciência» «liberdade de não ter consciência».

Não, cada qual não pode servir a Deus como entende, mas *deve* servi-lo como Ele *quere* ser servido, e não de outro modo.

«Isso diz-vos respeito» é verdade; mas há mais alguém a quem também diz respeito: é à Igreja a quem Deus *ordenou* que vos ensinasse como o deveis servir. «*Ide*, disse ele aos primeiros Bispos da sua Igreja, *ide, ensinai todos os povos; ensinai-lhes a observar todos os meus mandamentos. Quem vos escuta, escuta-me a mim, e aquele que vos despreza, despreza-me a mim; eu estarei convosco todos os dias até ao fim do mundo*».

A Religião cristã (ou católica, que é a mesma coisa) é a *única* verdadeira, já o demonstrámos; e por conseguinte é o único, verdadeiro e legítimo serviço de Deus.

Logo todo o homem:

1.º — Que não crê todas as verdades cristãs que a Igreja ensina, que resumiu no Símbolo dos Apóstolos, e que explica nos catecismos católicos;

2.º — Que não cumpre, do melhor modo que lhe é possível, os dez Mandamentos da

lei de Deus, e as leis que fazem os Pastores da Igreja;

3.º — Que não pratica as virtudes cristãs (a castidade, a humildade, a mansidão, o desapego das coisas terrenas, a obediência, etc.), e não foge dos vícios opostos a estas virtudes;

4.º — Que não emprega os meios de salvação que a Igreja propõe a seus filhos, isto é, a oração e os Sacramentos:

Todo o homem, digo, que não serve a Deus deste modo, *realmente o não serve.* Oferece a Deus um culto que Deus não quer; pretende chegar a um fim por caminho diferente daquele que lhe está traçado; mostra a aparência de religião, mas realmente não a tem.

Por conseguinte não tendes a liberdade de opção no modo de servir a Deus, em servi-lo como entenderdes, e principalmente não a tendes de o não servir.

XXVI

Os Padres são homens como os outros; o Papa e os Bispos são homens; como pode haver em homens infalibilidade? Eu quero de bom grado obedecer a Deus, mas não a uns homens como eu.

Resposta. — Isso é como se um soldado dissera: «Eu quero de bom grado obedecer ao rei; mas não ao meu general, nem ao meu coronel, nem ao meu capitão; porque eles são *súbditos* do rei como eu».

Acaso teríeis grande dificuldade em lhe responder?

Pois a minha tarefa aqui não é por certo mais dificultosa.

É verdade que a Igreja é composta de *homens;* o Papa, os Bispos, os Padres são homens.

Mas são homens que o mesmo JESUS CRISTO revestiu do poder espiritual e da autoridade divina.

E é por este motivo, que *não são homens como os outros.*

Os Apóstolos, que hão sido os primeiros Bispos da Igreja, foram enviados aos homens por Nosso Senhor Jesus Cristo como se fossem outro *Ele.* Obedecer-lhes, não é obedecer a homens, mas a Deus, a Jesus Cristo. Desobedecer-lhes, desprezar suas leis, é desobedecer a Deus, é desprezar a Jesus Cristo. *«Quem vos despreza, despreza-me a mim».*

Não é ao homem que eu me submeto, é a Deus, que por ele exerce a sua autoridade sobre mim.

A única diferença que há entre os Mandamentos da Lei de Deus e dos Mandamentos da Igreja, é que os primeiros nos foram endereçados directamente pelo Senhor, e os segundos indirectamente, por intermédio de seus enviados; porém, em todo o caso, sempre é Deus quem manda.

Também não é, para falar com rigor, o *homem,* que é infalível no Papa, é Jesus Cristo, é Deus, que o ilumina com a sua verdade para que não possa ensinar o erro aos povos Cristãos. (1)

---

(1) Convém acrescentar aqui, que a Igreja não é infalível senão nas coisas da religião, tais como a definição dos

Portanto, em matéria de obediência religiosa, não é necessário atender às qualidades pessoais do Papa, ou do Bispo, ou do Padre que nos administra as coisas santas, mas sòmente à sua autoridade legítima, ao seu carácter de Papa, ou de Bispo, ou de Padre.

É por esta razão que os defeitos, e algumas vezes mesmo os vícios de um padre (o que, Deus louvado, não é muito comum), não devem diminuir em nossos corações o respeito, a fé e o amor à Religião.

Estas fraquezas são o facto do *homem* e não do *padre*. Elas não podem alcançar o sacerdócio divino de que está revestido. O crime de Judas maculou porventura o seu ministério?

É ainda por esta mesma razão, que a Missa, a absolvição, etc., de um mau padre, são tão *válidas* como a Missa, a absolvição, etc., de um padre fiel. A consagração tem lugar tanto pelas palavras de um, como pelas de outro; porque estes actos são o facto do *padre* e não do *homem*, e porque os pecados de um padre não lhe podem arrebatar o carácter indelével do sacerdócio.

O padre prevaricador é muito culpado; mas o seu sacerdócio fica sempre intacto, é o sacerdócio de Jesus Cristo, o qual coisa alguma pode alterar ou destruir.

---

artigos de fé, a regra dos costumes, a disciplina geral à liturgia, a canonização dos Santos, etc.

Nosso Senhor Jesus Cristo assiste-lhe em tudo isto, e impede-a sempre de estatuir coisa alguma que seja contra a verdade ou contra o bem espiritual do povo cristão.

É nisto, ùnicamente, que ela é infalível.

XXVII

Fora da Igreja não há salvação! Que intolerância! Não posso admitir uma regra tão cruel.

Resposta. — Eis aí o que não podeis admitir no sentido em que o *entendeis*, a saber: Todo aquele que não é católico é condenado.

Mas eis aí também como criticam a Religião, porque não a compreendem; e como lhe fazem dizer coisas a que tem horror.

E, com efeito, estas palavras entendidas como a Igreja as ensina são as mais simples das verdades, uma verdade de bom senso. «Fora da Igreja não há salvação», quer dizer: Fora da luz, não há senão trevas; fora do claro, não há senão escuro; fora do bem, não há senão mal; fora da vida, não há senão morte; fora da verdade, não há senão erro, etc.!

Então, onde está o mistério de tudo isto? Onde a dificuldade?

«Fora da Igreja, não há salvação» significa simplesmente que «cada qual é obrigado, sob pena de pecado grave, a crer e a praticar a verdadeira Religião (que é a Religião Católica) *quando está ao seu alcance fazê-lo*». Isto significa, que «vós pecais, e por consequência perdeis a vossa alma, se rejeitais *voluntàriamente* a verdade, quando esta se vos patenteia». Acaso há nisto alguma coisa de extraordinário? Há porventura motivo para gritar intolerância, crueldade?

Um protestante, um cismático, não é *condenado* ùnicamente por ser protestante ou cismático.

Se está *de boa fé* no seu erro, quero dizer, se por esta ou aquela razão, não conhecer e abraçar a fé católica é considerado pela Igreja como fazendo parte de seus filhos: e, se houver vivido segundo essa que crê ser a verdadeira lei de Deus, tem direito à felicidade do Céu, como se tivera sido católico.

E, com efeito, há, Deus seja louvado! grande número de protestantes que vivem nesta boa fé, e mesmo entre os seus ministros muitas vezes se encontram. M. de Cheverus, Bispo de Boston, converteu dois, mui sábios e piedosos, e, depois da sua volta à Igreja Católica, ingènuamente declararam ao Bispo que, até à época em que o conheceram, nunca se lhes tinham suscitado dúvidas a respeito da veracidade da sua religião.

Além de que não nos inquietemos com o juízo que Deus fará dos protestantes ou dos incrédulos. Nós sabemos, por uma parte, que Deus é bom, que quer a salvação de todos, e, por outra, que é a mesma justiça por essência. Sirvamo-lo pois do melhor modo que nos for possível, e não nos desassosseguemos a respeito dos outros.

De ordinário confundem-se duas coisas essencialmente distintas: *a intolerância em facto de doutrina* e *a intolerância em facto de pessoas*; e, depois de haverem misturado tudo, acusam o misto de indignidade, bradam que é dureza, que é barbaridade!

Se a Igreja ensinara o que se pretende que ela ensina, então sim, ela seria dura e cruel; e grande repugnância haveria em dar-lhe crédito.

Mas não é nada disso. A Igreja não é intolerante senão em medida justa, verdadeira e *necessária*. Cheia de misericórdia para com as pessoas, *só é intolerante para com as doutrinas*.

Ela obra como o mesmo Deus, que detesta em nós o pecado e ama o pecador.

A intolerância doutrinal é o carácter essencial da verdadeira Religião. E, com efeito, a VERDADE que ela está encarregada de ensinar, é absoluta, é imutável. Todos se devem conformar com ela; esta não deve curvar-se ante pessoa alguma. Quem não a possui, engana-se. Não há transacções possíveis com ela: ou tudo, ou nada. Fora dela, não há senão erro.

Só a Igreja Católica teve sempre tal inflexibilidade no seu ensino; e é talvez esta a prova mais esplêndida da sua veracidade, e da divina missão de seus Pastores.

Indulgente para com *as fragilidades*, nunca o foi, nem jamais o será, para com os *erros*. «Se há alguém que não creia no que eu ensino, diz ela nas regras de fé formuladas por seus Concílios, *seja anátema!*», isto é, seja separado, não faça parte da sociedade cristã.

Só a verdade fala com tal segurança e com tal poderio!

As pessoas que acusam a Igreja de crueldade acerca da intolerância que lhe atribuem, leram no *Contrato Social* de Rousseau, o grande apóstolo da *tolerância*, esta máxima, que na verdade faz pasmar: «O soberano pode *banir do Estado* todo aquele que não crê nos artigos de fé contidos na religião do seu país... Se qualquer pessoa, depois de haver pùblicamente reconhecido tais dogmas, *se conduzir como não os acreditando*, SEJA PUNIDA DE MORTE!» (Livro 4.º cap. 8.º).

Que tal está a tolerância!!!

Importa confessar que a Igreja se entende melhor com isto do que aqueles que a pretendem admoestar.

XXVIII

Porém, o S. Bartolomeu?

RESPOSTA. — Então é o S. Bartolomeu que vos impede de viver bem?

Acaso tendes receio de que, tornando-vos bom Cristão, vos induzam a trucidar os vossos vizinhos, no caso que estes não sirvam a Deus?

O morticínio de então foi um desses deploráveis excessos que só a irritação das guerras civis, a astúcia da política, o furor de alguns fanáticos, e a rudeza dos costumes desse tempo podem explicar.

A Religião está bem longe de aprovar tudo quanto se faz em seu nome, e se acoberta com o seu manto sagrado.

Além de que, devemos confessar, que os seus adversários desfiguraram singularmente este crime. Representaram-no como *obra da Religião*, quando em verdade não foi senão obra do ódio e do fanatismo, que a Religião repreende.

Representaram-no como executado pelos padres, quando NEM UM só nele tomou parte. Houve até mesmo muitos, e entre outros o Bispo de Lisieux, que salvaram quantos huguenotes lhes foi possível, e que intercederam por eles ao rei Carlos IX, etc.

Se actualmente há algum facto verificado e fora de contestação, é que o S. Bartolomeu foi, antes de tudo, um *golpe de Estado político*; que a Religião foi para ele o pretexto, e não a causa; e que a astuciosa Catarina de Médicis, mãe de Carlos IX, buscou antes desembaraçar-se de um partido que cada dia mais constrangia e

inquietava o seu governo, do que procurou a glória de Deus.

Certo poeta da escola voltaireana comprazeu-se em representar o Cardial de Lorena «benzendo os punhais dos católicos». Infelizmente o Cardial estava nessa ocasião em Roma, para a eleição do Papa Gregório XIII, sucessor de Pio V, que morrera havia pouco tempo.

Mas estes senhores não olham para as coisas de tão perto. — *«Menti, menti sempre,* ousava escrever Voltaire aos seu amigos, *que ainda restará alguma coisa disso!»* (carta ao Marquês de Argens).

Há três séculos, o ódio dos protestantes, e depois o dos voltaireanos contra a Igreja, hão de tal modo alterado a história, que é extremamente difícil descobrir aí a verdade.

Arranjam-se factos, acrescenta-se, corta-se, e em casos urgentes até se inventa. Fazem-se pesar sobre a Religião as mais odiosas acusações. Desconfiai, em geral, dos factos históricos, em que a Religião representa um papel ridículo, bárbaro ou ignóbil. Pode ser que sejam verdadeiros; e nesse caso é mister lançar toda a censura à conta do homem frágil ou vicioso, que olvidara o seu carácter de Padre, de Bispo, ou mesmo de Papa, e que, devendo praticar o bem, praticou o mal; mas também pode ser (e é o mais comum) que esses factos sejam, senão completamente inventados, ao menos de tal modo desfigurados e exagerados, que com justiça, se possam taxar de mentirosos.

Na verdade, é este um modo muito cómodo de atacar a Igreja; mas será ele legítimo? será leal? será sincero?

XXIX

Inferno é coisa que não há; ainda ninguém de lá voltou.

Resposta. — Não, ninguém de lá voltou; e se vós mesmo lá entrardes, bem como os outros, não voltareis.

Se de lá se pudesse voltar, bastava só uma vez, eu vos diria: «Pois ide lá, e vereis se há ou não». Mas por isso mesmo que se não pode fazer esta experiência, é grande *insensatez* expor-se qualquer pessoa a um mal tão sem remédio, como sem termo e sem medida.

Dizeis que não há inferno? Estais bem certo disso? Desafio-vos para o afirmar sèriamente. Teríeis uma convicção que ninguém teve antes de vós, mesmo os mais profundos ímpios. A esta pergunta: Há inferno? respondia Rousseau: «*Eu não sei...*» E Voltaire escrevia a um de seus amigos, que supunha ter achado a prova da não existência do inferno: «*Sois muito feliz! Quanto a mim estou muito longe disso*».

Mas eu vou opor ao vosso *talvez não haja, pode ser que não haja*, uma terrível afirmação. Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, diz que há um inferno, e um inferno tão temeroso, que «o fogo nunca aí se extinguirá». São estas as suas próprias palavras, as quais repete seguidamente três vezes. [1]

---

[1] Nosso Senhor Jesus Cristo fala quinze vezes do fogo do inferno no seu Evangelho.

Vede entre outros os sete ou oito últimos versículos do capítulo nono de S. Marcos, onde diz, que vale mais perder

Ora, qual devo eu acreditar de preferência: um homem que nunca estudou a Religião, que ataca aquilo que não entende, que não pode ter senão *dúvidas*, e não certeza acerca deste objecto: — OU AQUELE que disse: Eu SOU A VERDADE; o céu e a terra passarão, porém a minha palavra não passará?

Acautelai-vos: é Jesus, o bom Jesus; Jesus tão misericordioso e tão benigno, que perdoa *tudo* aos pobres pecadores arrependidos; Jesus que acolhe sem uma palavra de exprobação tanto a culpada Madalena como a mulher adúltera, tanto o publicano Zacheo como o ladrão crucificado a seu lado; é Jesus que vos declara que há *um inferno de fogo eterno;* e que quinze vezes expressamente o repete em seu Evangelho!

Acaso tereis a pretenção de serdes mais entendido a respeito de misericórdia e de bondade do que Jesus Cristo?

Atendei a que, nesta matéria, mais que em outra qualquer, é ordinàriamente o *coração* do mau que fala, e não a sua razão. É a paixão criminosa que tem medo da justiça de Deus, e que brada, para aturdir a consciência: «Não há justiça de Deus, não há inferno!»

---

tudo e tudo sofrer, que ir para o inferno, para o fogo que se não extingue, onde o remorso não morre, e onde o fogo se não pode extinguir. «Porque, acrescenta ele, todo o homem que aí cair, será salgado pelo fogo», quer dizer, será simultâneamente penetrado, devorado e conservado, como o sal conserva as carnes, penetrando-as perfeitamente.

Vede ainda, em S. Mateus, o fim do capítulo vinte e cinco: «Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno, que foi preparado para o demónio e para os outros maus anjos. E estes irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna».

E em S. João, capítulo quinze: «Se algum me não for unido (pela graça) será lançado no fogo, e arderá», etc., etc.

Mas que importam à realidade estes brados e estas paixões? O cego, que nega a luz, evita acaso que a luz alumie? Ou o ímpio o negue, ou o reconheça, o certo é que existe um inferno, vingador do vício, e que este inferno é eterno.

Tal é o clamor de toda a humanidade! A certeza do inferno está de tal modo arreigada na consciência humana, que com efeito se depara este dogma *entre todos os povos* antigos e modernos, tanto entre os idólatras selvagens, como entre os cristãos civilizados. Acha-se de tal maneira ligado ao Cristianismo, que entre tantas heresias que atacaram os dogmas católicos, nenhuma delas ousou negá-lo. Só a veracidade do dogma do inferno ficou em pé, e intacta, no meio de tantas ruínas.

Os maiores filósofos, os mais remontados engenhos admitiram o inferno, e escusado é dizer, que, não só entre os cristãos, porém entre os mesmos pagãos: Virgílio, Ovídio, Horácio, Platão, Sócrates, enfim, até o ímpio Celso, esse Voltaire do terceiro século. Quem ousaria mostrar-se mais *renitente do que eles?*

Há coisa de uns vinte anos, pela quaresma, acabava o capelão da escola militar de S. Ciro de dar uma instrução aos estudantes da mesma escola acerca do inferno. Subia este, e ia já a entrar para o seu quarto, quando um capitão veterano, adido a esta escola como instrutor, e que subia a escada atrás dele, lhe disse em ar de zombaria: «Senhor capelão, podereis dizer-me se no inferno seremos assados ou cozidos?»

O capelão voltou-se, olhou-o um instante em silêncio, e respondeu-lhe com frieza: «Vê-lo-eis, capitão». — E fechou a porta.

O oficial foi-se embora, mas já sem vontade de rir, e de ali a tempo, tendo-se convertido a

Deus, declarou que devia a sua conversão à surpresa desta simples resposta e ao pensamento do inferno.

Não zombeis pois do inferno, meu querido leitor; neste objecto não há motivo para rir.

XXX

Como se pode conciliar a bondade de Deus com a eternidade das penas do inferno? Há misericórdia para todo o pecado.

RESPOSTA. — Sim, há misericórdia para todo o pecado, sem dúvida alguma, mas ùnicamente neste mundo, e não no outro.

Todas as objecções contra a eternidade das penas do inferno caem por si mesmas, logo que cada qual examina o que é a *eternidade*. A eternidade não é uma continuação de séculos que se sucedem sem fim uns aos outros, como nós somos avezados a imaginar; é um presente sem futuro e sem passado, além do da terra; uma vez que aí se tem entrado, permanece-se em uma existência absolutamente diferente da que se teve na terra; lá não há sucessão de tempo, e por causa disso não é possível mudança alguma. Porque razão posso eu neste mundo arrepender-me quando estou separado de Deus? Porque tenho *tempo;* tenho ante mim anos, dias, horas, minutos, e um só minuto me basta para me converter a Deus pelo arrependimento. Na eternidade, porém, não há anos, nem dias, nem horas, nem minutos, não há tempo, não há sucessão, e por consequência não há mudança

possível. Tal qual aí se entra, tal se permanecerá.

O inferno é portanto eterno, porque não pode deixar de ser eterno.

Meditai pois nesta explicação, e nela encontrareis a solução de todas as dificuldades contra a eternidade do inferno.

Além de que, a doutrina das penas eternas encontra, no ensino da Igreja, uma perfeita compensação na doutrina das recompensas eternas. Uma manifesta-nos a soberana e *infinita justiça* de Deus; outra, a sua soberana e *infinita bondade*. Mas tão digna é de adorar-se a justiça de Deus, como todos os seus outros atributos. Torno a repetir, quase ninguém pensaria em negar a existência do inferno, se ninguém tivesse medo dele.

Se acaso se pudessem conhecer todos os crimes que o temor da *eternidade* do inferno tem evitado, bem convencidos ficariam os homens da necessidade de tal sanção; e como Deus dá ao homem tudo quanto lhe é *necessário*, da necessidade da eternidade das penas se concluiria a sua realidade.

Eu poderia ainda mostrar que o inferno nos parece tão incompreensível, por isso que não fazemos uma ideia suficiente da grandeza do pecado, de que ele é o castigo, e da facilidade que temos de o evitar. Mas reporto-me ùnicamente às duas grandes autoridades que expus ante a vossa dúvida: a autoridade do GÊNERO HUMANO, e a, mais imponente ainda, de NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, que, em seu Evangelho, diz aos réprobos; «Apartai-vos de mim, malditos, ide para o FOGO ETERNO».

XXXI

Deus é muito bom para que haja de me condenar.

Resposta. — Também não é Deus que vos condena, *sois vós mesmo* que vos condenais.

Deus é tanto a causa do inferno, como o é do pecado que produziu o inferno, quero dizer, não é causa nem de um nem de outro.

«Então por que motivo *permite* o pecado?»

Porque tendo-vos dado o mais magnífico de todos os dons, o da *inteligência*, que vos torna semelhante a ele, e havendo-vos preparado uma ventura *eterna*, não convinha que vos tratasse como o bruto, que não tem inteligência, nem é criado se não para a terra.

Não convinha que fôsseis *constrangido* a receber os dons de Deus; era necessário que empregásseis a vossa inteligência em aceitar livremente e em adquirir vós mesmo o tesouro inexaurível de uma eterna bem-aventurança.

Eis aqui porque Deus nos deu com a inteligência, a *liberdade moral*, isto é, a faculdade de escolhermos a nosso arbítrio o bem ou o mal, de seguirmos ou não seguirmos a voz do nosso bom Pai que nos chama a si.

Esta liberdade é a maior prova de honra e de amor que podíamos receber de Deus. Se abusamos dela, a culpa é nossa, e não dele.

Se eu vos dera uma arma para defenderdes a vossa vida, não seria isto um sinal de amor, da minha parte, para com a vossa pessoa? E se, contra minha vontade, a despeito das advertências e lições que eu vos dera para bem vos

servides da mesma arma, a voltásseis contra vós próprio, seria eu a causa da vossa ferida? Não seria ùnicamente à vossa pessoa que a deveriam imputar?

Assim obra Deus a nosso respeito. Dá-nos a liberdade de praticar o bem ou o mal, porém nada omite para nos inclinar a optar pelo bem. Instruções, advertências, ternos convites, terríveis ameaças, nada poupa. Enche-nos de graças, cerca-nos de socorros; — porém não nos *força*; — isso seria destruir a sua obra. — Respeita em nós o dom com que nos criara.

Por conseguinte é o réprobo que *se perde*; não é Deus que o condena, é ele próprio que *se condena a si*. Deus não faz mais que dar a cada um o que cada um livremente escolheu, a vida ou a morte; o paraíso, fruto da virtude, ou o inferno, fruto do pecado.

Entrando um dia certo viajante no estabelecimento das diligências, em Paris, declarou que pretendia ir a Lilla, na Flandres, que fica ao norte da França. Indicaram-lhe a carruagem que estava a ponto de partir para esse destino. Estava já com o pé no degrau, quando reparou noutra carruagem que havia ali perto, pintada de novo, que lhe pareceu melhor e mais cómoda. Imediatamente mudou de ideia, e foi tomar lugar no interior da outra carruagem. Ora, esta diligência fazia o serviço de Marselha, cidade situada ao meio-dia da França e directamente oposta ao sítio, a que o viajante pretendia chegar.

O director, que o viu, logo percebeu o engano. «Que fazeis, senhor, lhe diz ele mui cortêsmente; não é a Lilla que ides?

— «Sim, senhor, é a Lilla.

— «Nesse caso, enganais-vos com a carruagem; essa em que estais, longe de ir para Lilla, vai para Marselha.

— «Mas, afinal, sempre chegarei a Lilla?

— «Como a Lilla! Chegareis a Marselha se tomais a carruagem e a estrada de Marselha.

— «Ora, eu tal não creio, responde o estólido viajante; esta carruagem é mais bonita e cómoda que a outra; e a administração das diligências é muito honrada para me fazer ir onde eu não quero ir. Estou aqui muito bem, e aqui fico, e, apesar do que me dizeis, estarei amanhã certamente em Lilla».

O sinal da partida fez-se ouvir, a carruagem pôs-se em movimento, e, dois dias depois, deu com o nosso homem... em Marselha.

Isto não era difícil de adivinhar.

Assim fazem todos aqueles que, sem tratarem de viver bem, presumem da bondade de Deus que chegarão do mesmo modo ao paraíso.

Nós temos nesta vida dois caminhos patentes, o da virtude e o do vício. O segundo é algumas vezes mais doce, mais sedutor que o primeiro, principalmente no começo; mas um conduz ao inferno, em que a doçura se converte em amargura; e o outro ao paraíso, em que o trabalho se converte em inefável repouso.

Para chegar ao paraíso, é necessário tomar pelo caminho do paraíso; isto é mui simples. O padre católico é o guia caridoso, que, da parte de Deus, mostra a todos este caminho. Ah! quantos cerram os ouvidos à sua voz! Quantos se perdem por não haverem adoptado os seus conselhos!

XXXII

Deus previu desde toda a eternidade se devo ser salvo ou condenado. Faça eu o que fizer, não poderei mudar o meu destino.

Resposta. — Se vossa mulher vos dissesse: «Meu amigo, Deus previu desde toda a eternidade se tu deves hoje jantar ou não. Faça eu o que fizer, há-de suceder o que Deus previu. Eu vou passear, e o teu jantar que se arranje como puder».

Se vosso filho vos dissera: «Meu querido papá, Deus previu desde toda a eternidade se eu devia hoje faltar ou não à escola. Faça eu o que fizer, não poderei mudar o meu destino. Então vou brincar em vez de ler e escrever».

Creio que não teríeis grande dificuldade em lhes responder, e mesmo chamá-los à razão.

Pois o que responderíeis a vossa mulher e a vosso filho, vos respondo eu a vós.

A *presciência* de Deus não destrói a nossa liberdade; e ainda que a nossa fraca razão não possa sondar a fundo este grande mistério, sabe todavia quanto basta para ficar certa da verdade.

1.º — Em primeiro lugar, nós todos temos, e a despeito de quaisquer raciocínios ou subtilezas, o sentimento íntimo de que somos livres em nossas determinações. Eu bem conheço, ao passo que escrevo estas linhas, que só depende da minha vontade introduzir aqui ou acolá uma palavra em lugar de outra, interromper ou continuar o meu trabalho, etc. Vós, que ledes, bem sabeis, e ninguém poderá persuadir-vos do contrário, que só depende de vós continuar a ler ou

fechar este livro, cantar ou estar em silêncio, levantar-vos ou ficar sentado, etc. — Logo, tanto vós como eu, somos livres.

2.°—Em segundo lugar, é por ventura, a dificuldade de conciliar a nossa liberdade moral com a presciência de Deus, tão séria como parece? Eu não o creio, e quase não vejo aí mais que uma *questão de palavras*.

Nós, neste caso, medimos a Deus pelo nosso metro, falamos dele como de nós mesmos; figuramo-lo com as nossas fraquezas, e por isso criamos embaraços quiméricos.

Falando em rigor, nem há verdadeiramente *presciência* em Deus. *Prever é ver antes*, ver *o que há-de acontecer*. *Prever* supõe necessàriamente um futuro não existente ainda. Ora, nem *futuro*, nem sucessão de tempo há para Deus; mas há um eterno e imutável *presente*. O passado e o futuro só entram em linha de conta para as criaturas finitas e mudáveis. Nós prevemos, e este prever é uma imperfeição da nossa natureza; Deus, o Ente Perfeito, *vê*, não prevê.

Ele *vê* todas as nossas acções. Ora, ninguém jamais disse, que eu saiba, que o conhecimento actual que Deus tem de nossas acções lhes constrange a liberdade. Pois, a não ser este, em Deus não há outro.

Isto parece-me bem simples e bem fácil de compreender. Não nos resta aqui mais que o mistério da eternidade, da imutabilidade de Deus, ou antes o mistério da sua existência. Mas quem haverá tão insensato que diga: Eu recuso crer em Deus, porque não posso compreender O INFINITO?

Por conseguinte usai bem da vossa liberdade ante a vista daquele Deus que tratará a cada qual segundo as suas obras.

XXXIII

Não é o que entra no corpo que mancha a alma. Deus não me há-de condenar por um bocado de carne. A carne não é mais ruim à sexta-feira e ao sábado do que nos outros dias.

RESPOSTA. — E, com efeito, tendes toda a razão: não é a carne que condena; a carne não é mais ruim em uns dias do que em outros.

O que condena, é a desobediência, que faz comer a carne.

O que é mau à sexta-feira e ao sábado, é a violação de uma lei que não existe para os outros dias: é a revolta contra a autoridade legítima dos pastores, a quem todos devemos obedecer como AQUELE que os envia: — «Ide, sou eu que vos envio. *Quem vos escuta, escuta-me a mim; quem vos despreza, despreza-me a mim*».

Assim, não se trata de carne, nem de dias, nem de estômago; trata-se do coração que peca recusando submeter-se a um mandamento obrigatório e fácil.

Além do grande e geral motivo de observar todas as leis da Igreja, podemos acrescentar que estas leis não são feitas ao acaso ou por capricho, mas fundadas em prudentes e importantíssimas razões.

A lei da abstinência, cuja aplicação vem todas as semanas, é destinada a trazer continuamente à memória dos cristãos a Paixão, os sofrimentos e a morte de seu Salvador, bem como a necessidade da penitência; ela é a prática *pública* da penitência dos cristãos, etc.

Só o homem superficial ou ignorante pode olhar esta instituição como inútil. Não se faz conceito, na prática, de quanto esta única abstinência à sexta-feira e ao sábado impede a alma de sair das ideias religiosas.

As leis da Igreja, ainda que obrigando sob pena de pecado, estão longe de serem duras e tirânicas. A Igreja é mãe, e não senhora imperiosa. Basta que, *por um momento grave e legítimo,* não possais guardar esta abstinência, para que por isso mesmo sejais dispensado. A Igreja quer fazer-vos bem e não mal. Ela quer fazer-vos expiar os vossos pecados, e não tornar-vos doente. A enfermidade, a fraqueza de temperamento, a fadiga de um pesado trabalho habitual, a extrema pobreza, a grande dificuldade de encontrar alimentos de magro, são outros tantos motivos que dispensam esta abstinência.

Para cada qual se não iludir a si mesmo, sempre é, todavia, conveniente consultar o seu Cura, Pároco ou Confessor, como intérprete da lei.

Esta observação, que abrange todas as leis da Igreja, mostra quanto é prudente e moderada a autoridade que as promulga. Respeitemo-la pois do fundo do nosso coração: deixemos rir os que nada disto entendem, e cumpramos sem murmurar mandamentos tão símplices, tão prudentes, e tão úteis a nossas almas.

XXXIV

Deus não carece das minhas rogativas. Ele bem sabe o que me é necessário sem que eu lho peça.

RESPOSTA. — Sim, decerto, ele bem o sabe; mas vós é que inteiramente claudicais em concluir daí que podeis dispensar-vos de fazer oração.

Deus não carece das vossas rogativas, é verdade. As vossas homenagens em nada alteram a sua imutável bem-aventurança... porém, *exige* de vós essas homenagens, essas adorações, essas acções de graças, essas orações; porque como sois criatura sua, e seu filho, de rigorosa justiça lhas deveis.

Ele tem direito ao emprego do vosso pensamento, de que é autor; quer que o dirijais para a sua divina majestade; tem igualmente direito ao amor desse coração, que vos dera, e quer que, mediante o amor, livremente lho ofereçais.

Deus tem conhecimento de todas as vossas necessidades, também é verdade; e não é de certo para o fazer ciente delas que é mister que lhas exponhais; mas é para que não percais de vista a vossa fraqueza, não sendo auxiliado com os seus socorros; é para que constantemente vos recordeis da vossa dependência.

É *para vós* que é ordenada a oração, e não para ele. O Senhor *quer* que oreis, primeiro, porque é de justiça que adoreis o vosso Deus, que penseis com frequência naquele que sem cessar pensa em vós, que ameis aquele que é o

bem supremo, e o vosso melhor benfeitor: segundo, porque é bom, útil e mesmo necessário para a vossa pessoa fazer oração.

Que há de melhor, mais grato, mais simples, mais fácil que fazer oração?

É esta a mais nobre ocupação do homem neste mundo: é isto o que enobrece, eleva e torna dignas de um ente racional todas as outras ocupações.

É o pensamento humano aplicando-se a Deus, seu mais digno objecto.

É o coração unindo-se ao Deus de infinita bondade, de infinita perfeição, de infinito amor, o qual é só o que plenamente o pode satisfazer.

É o filho que fala a seu amado pai.

É o amigo que conversa familiarmente com o seu amigo.

É o culpado perdoado, o qual ternamente agradece o perdão ao seu Salvador; é o pecador débil e frágil o que suplica misericórdia ao Deus que disse: «Nunca recusarei aquele que vem a mim».

A oração é o lenitivo de todas as nossas penas. É o tesouro da nossa ventura interior, que ninguém nos pode roubar; porquanto, a oração está em nós próprios, somos nós mesmos pensando em Deus, e amando a Deus.

Acontece com a oração o mesmo que com o amor de Deus. Bem agradável coisa é, que Deus, tendo-nos imposto a obrigação de orar, nisto mesmo não fizesse mais do que ordenar-nos que fôssemos felizes.

É por isso que Nosso Senhor Jesus Cristo, vindo a este mundo para nos fazer ditosos, tornando-nos bons, nada recomenda com tanta eficácia como a oração: «*Orai sem cessar*, diz ele, *e não vos enfastieis*». Isto é, habituai a vossa alma a pensar em Deus, e a amá-lo sobre todas

as coisas. A oração é o essencial da vida cristã.

Orai, pois, e de bom coração; não sòmente com a boca, mas do fundo da vossa alma. Sede exacto, no começo e fim do dia, em render a Deus a devida homenagem filial. Orai na ocasião de vossos pezares; na de vossos perigos, na de vossas tentações. Orai depois de vossas faltas, para lhes obterdes o perdão. Orai nas principais circunstâncias da vossa vida. [1]

Acompanhai da oração as vossas acções quotidianas. Com ela nada é pequeno diante de Deus; com ela nada é inútil para o Paraíso. Sereis puro e bom se fordes frequente na oração. O vosso coração permanecerá em paz. Desfrutareis, no meio das misérias da vida, esse prazer interior, que lhe adoça as amarguras; e quando o tempo da provação estiver terminado recebereis centuplicado o fruto da vossa fidelidade.

XXXV

Eu rogo, e não obtenho. Perco o meu tempo.

RESPOSTA. — Santa Mónica, mãe de Santo Agostinho, perdeu acaso o seu tempo, quando durante *dezasseis anos* de orações e de lágrimas, pedia a Deus o que finalmente obteve: a conversão de seu filho?

---

(1) Nada podeis esperar, dizia um dia S. Vicente de Paulo, do homem que não faz a sua oração pela manhã e à noite.

S. Francisco de Sales perdeu porventura o seu tempo, quando trabalhou pelo espaço de vinte e dois anos para adquirir a brandura?

A *perseverança* é uma das principais qualidades da oração.

Não prescindamos jamais de fazer oração. Deus faz-se muitas vezes surdo para nos incitar a bradar mais alto e com mais frequência. Parece esconder-se para que tenhamos pezar da sua ausência, e melhor apreciemos a doçura da sua presença.

Recordemo-nos da promessa feita pelo divino Mestre: «*Procurai* E ACHAREIS». Nós acharemos, estamos bem certos de achar. Mas não estamos certos de achar *imediatamente*. Santa Mónica, a mulher de fé e perseverança, só achou ao cabo de dezasseis anos, e foi a sua firme constância que a santificou. A Cananeia do Evangelho não obteve a vida de seu filho senão depois de haver pedido *três vezes*, e esta dilação, tão cruel para o coração de qualquer mãe, foi a provação e o triunfo da sua fé...

Não nos enfastiemos pois. O momento em que muitas vezes descoroçoamos é talvez aquele em que Deus vem para nós!

XXXVI

Que tenho feito eu a Deus para que ele me envie tantos males?

RESPOSTA.— «Homem de pouca fé» que não compreendeis os segredos de Deus! Quando ele vos visitar por meio do sofrimento, nunca

lhe dirijais essa terrível pergunta: «Que vos tenho eu feito para sofrer tanto?»

Ele, *quase sempre*, poderia reduzir-vos ao silêncio, expondo ante vossos olhos espavoridos uma longa, uma horrível série de pecados, que só a vossa indiferença religiosa subtrai à vossa própria atenção, e as eternas dores do inferno que esses pecados cem vezes mereciam.

Sempre poderia responder-vos, recordando--vos o temeroso fogo do purgatório, porque ninguém há puro a seus olhos, e quanto as penas mitigadas da presente vida são pequenas em comparação das expiações da vida futura.

Sempre, enfim, poderia responder-vos mostrando-vos o seu Paraíso, o seu presépio, a sua cruz; fazendo-vos ver que a vossa peregrinação neste mundo não é mais que uma provação transitória; lembrando-vos que foi ele quem primeiro vos deu exemplos de paciência, a fim de que, mediante um santo uso do sofrimento, santificásseis a vossa alma e acumulásseis sobre a vossa cabeça multiplicados graus de glória na eternidade.

Ele vos recordaria os oráculos saídos noutro tempo dos seus divinos lábios:

«Em verdade, em verdade vos digo, vós chorareis e padecereis, enquanto o mundo se regozijará. Mas a vossa tristeza será mudada em alegria. A mulher que concebe um filho sofre e geme quando chega a hora do parto; porém depois de parir, bem depressa esquece os seus sofrimentos à vista do filho que deu ao mundo».

«E vós também, vós também estais agora em pranto; mas eu bem depressa virei, e o vosso coração se encherá de alegria; e ninguém poderá perturbar a vossa felicidade!...»

Quem quer que vós sejais, justo ou pecador, compreendei o mistério adorável da dor! Ela

torna-se a visita mais íntima de Deus; é o derradeiro esforço do seu amor.

Deus nada encontrou de mais excelente para dar a seu Filho único, JESUS; a MARIA, sua esposa, sua mãe, sua criatura muito amada; a seus Santos, a seus Mártires, a todos os seus amigos!...

Se padeceis com Jesus Cristo, sereis com ele coroado.—É pela cruz que se chega à glória!

XXXVII

Para que serve orar à Santíssima Virgem? Isto é uma seperstição. Além de que, como pode ela ouvir-nos?

RESPOSTA.—Como podeis *vós* ouvir-me?

—Ora! com os ouvidos.

—Bem sei; não é isso o que *vos* pergunto. Eu pergunto-vos *como é* que podeis ouvir-me com os ouvidos?

Eu movo os lábios; estes agitam um pouco de ar; este ar entra nos vossos ouvidos e opera sobre um pequeno osso coberto com uma pele chamada *tímpano*... e deste modo ouvis o que vos digo.

Mas como se faz isso? Que relação há entre esse ar operando sobre o tímpano e o meu *pensamento* que se manifesta à vossa alma?—Se não fôramos todos os dias testemunhas disso, não o poderíamos crer; e, todavia, é certíssimo ser assim.

Pois então, quando me tiverdes explicado como, estando a dois passos de mim, podeis

ouvir-me, e entrar em relação comigo quando vos falo, eu vos direi como a Santíssima Virgem e os Santos, que estão no Céu, podem ouvir os meus rogos e responder-lhes.

O mesmo Deus que faz com que me ouçais, faz também com que estes me ouçam quando lhe peço que intercedam por mim ante sua divina majestade.

Como Deus se avem para isso, é o que pouco importa saber. O que sei, é que isto, é assim; é que Deus faz conhecer à Bem-aventurada Virgem, que, entre todas as criaturas, elevou à prodigiosa dignidade de SUA MÃE, aquela que ele nos deixara por *mãe*, por *advogada*, por *protectora*, quando expirava na Cruz, faz conhecer, digo, à Santíssima Virgem Maria os rogos, as necessidades de seus filhos; é que ele atende sempre Aquela a quem ama muito mais que a todas as outras obras de suas mãos; é que ele vem ainda a nós por Ela; como noutro tempo viera, no dia da sua Incarnação; é que o meio mais seguro de chegar a Jesus, é ir a Maria, que nos introduz junto de seu Filho e nosso Deus, cobrindo assim com a sua protecção a nossa indignidade e as nossas disposições imperfeitas.

O que sei, é que nada há tão grato, tão ameno e consolador como é o amarmos a Santíssima Virgem, confiar-lhe as nossas aflições e oferecer-lhe o nosso coração.

O que sei, é que o seu culto torna melhor, torna casto, puro, modesto e humilde todo aquele que o exercita, inclina à oração, e derrama na alma a paz e alegria...

O que sei é que, amando e servindo MARIA, não faço senão imitar, ainda que imperfeitamente, o meu Salvador JESUS CRISTO.

Ele foi o primeiro que amou sua Mãe, tão santa e tão pura, sobre todas as criaturas; o pri-

meiro que a serviu, e lhe rendeu toda a casta de honras, de deveres e de obediência.

E como ele me disse, na véspera de sua morte: »Eu dei-vos o exemplo, *a fim de que façais o que eu tenho feito*» trato de amar e honrar perfeitamente a Santíssima Virgem Maria, a quem ele tão perfeitamente amou e honrou. [1]

Não é aqui o lugar próprio de fazer um tratado sobre o culto da Santíssima Virgem; mas é todavia lugar adequado para dizer que a aversão contra este culto sempre foi o selo universal de todas as heresias, de todas as sublevações religiosas; que nunca se abandona Maria sem que bem depressa se abandone Jesus; que até mesmo nunca ninguém diminui este culto para se tornar melhor.

O que importa dizer, é que os pobres protestantes são bem para lastimar em não conhecerem, não amarem sua Mãe!... em não acolherem Aquela que Jesus Cristo escolheu, amou e inseparàvelmente uniu ao mistério da sua incarnação, ao mistério do seu presépio, aos mistérios da sua infância, da sua vida oculta, da vida pública, ao mistério de suas dores e da nossa redenção; Aquela que ele associa, no Céu, aos mistérios adoráveis da sua glória e da sua realeza.

Eles devem tremer quando, alongando a vista por todos os séculos cristãos, não encontrem um só que não condene o seu silêncio, e que não haja realizado as palavras proféticas da mesma

---

(1) Os protestantes opõem à nossa piedade para com a Santíssima Virgem alguns textos da Escritura mal compreendidos. A dar-lhes crédito, Nosso Senhor não amara sua Mãe, e violara durante toda a sua vida o quarto mandamento da lei de Deus, seu Pai. Mas quem prova de mais, não prova nada; ninguém jamais me persuadirá que Jesus haja sido mau filho.

Santíssima Virgem: *«Todas as gerações me chamarão Bem-aventurada»*. (S. Luc. Cap. 1.º).

Em parte nenhuma se depara com esse Cristo solitário, sonhado por Lutero, Calvino e seus discípulos; mas em seu lugar se encontra o mesmo Cristo tal qual se mostrara aos olhos dos Profetas, tal qual aparece no Evangelho, Filho da Santíssima Virgem, formado de sua carne e de seu sangue, transportado por muito tempo em seu seio e em seus braços, desempenhando para com ela pelo espaço de trinta anos os deveres de filho o mais submisso, expirando à sua vista, e repousando ainda em seus braços antes de passar da cruz ao sepulcro...

Eles receiam tirar a JESUS CRISTO o que dão a MARIA. — Mas acaso não é ignorado o comum sentir do coração humano, formado à imagem do de Deus, o temer escandalizar um amigo, testemunhando, *por sua causa*, grande amor a sua Mãe? Não revertem para Jesus Cristo todas estas honras, todas estas homenagens?

Bem sabemos que tem havido alguns abusos algumas indiscrições entre as pessoas ignorantes relativamente ao culto da Santíssima Virgem: quem o nega? Qual é a coisa de que se não abusa? Mas a Igreja reprova estes abusos. Os Bispos e os Padres desviam deles os fiéis, logo que estes chegam ao seu conhecimento.

Pelo que respeita ao culto de MARIA, o excesso mais comum, acreditai-me, não está *em muito*, está *em muito pouco*. Porque, em se não *adorando* a Santíssima Virgem (e não se deve adorar; a adoração é devida ùnicamente a Deus), sempre se fica aquém de seus merecimentos. Nós nunca a poderemos honrar tanto como Deus a honrou fazendo-a SUA MÃE; nunca a poderemos amar tanto como a amou JESUS CRISTO, nosso mestre e nosso modelo.

Católicos, nós somos a grande família de Jesus Cristo, acaso é para extranhar que amemos sua mãe?

XXXVIII

Porque não há já milagres?

Resposta. — *Milagre* é um facto sensível, que evidentemente excede as forças da natureza.

É um acto que só Deus pode obrar, e que manifesta a sua intervenção de uma maneira extraordinária nas coisas deste mundo.

Pergunta-se: «porque já os não há?» A isto dou duas respostas:

1.ª Ainda os há e muitos. 2.ª É mui natural que haja menos que nos primeiros séculos do Cristianismo.

1.º — *Ainda os há:* — Eu, que vos falo neste livrinho, poderia dizer-vos que os tenho visto, e que, além disso, tenho visto muitas pessoas sobre quem se haviam operado *milagres autênticos*, tais como a cura instantânea de moléstias incuráveis.

Mas tenho por melhor citar-vos um facto de mais geral alcance.

No pontificado de Papa Bento xiv, achava-se em Roma um Inglês protestante. Conversava ele com um Cardial acerca da Religião católica, atacando-a enèrgicamente e, sobretudo, rejeitando como falsos os milagres operados pela intercessão dos Santos.

Pouco tempo depois, foi este Cardial encarregado de examinar os documentos relativos à beatificação de um servo de Deus. Um dia

entregou-os ao protestante, recomendando-lhe que os examinasse com todo o cuidado, e que lhe dissesse a sua opinião sobre o grau de fé que mereciam estes testemunhos.

O Inglês, passados alguns dias, restituiu-lhe o processo verbal. «Então, senhor, lhe disse o Prelado, qual é o vosso sentimento acerca destes documentos?

— «Com efeito, Eminentíssimo, confesso-vos que nada tenho a dizer; e se todos os milagres dos Santos que a vossa Igreja canoniza fossem tão certos como estes, isto me faria pensar que...

— «Deveras? replicou o Cardeal sorrindo-se; pois bem, nós cá em Roma somos mais difíceis de contentar do que vós; porque estes documentos não nos pareceram tão convincentes, e por esse motivo foi a causa rejeitada».

O Inglês ficou tão impressionado com este procedimento, que tratou de se instruir mais a fundo na fé católica; e abjurou o protestantismo antes de sair de Roma.

Ora, esta severidade extraordinária ainda existe nos processos da canonização dos Santos. E como em nossos dias se canonizam Santos, bem como se fizera em todos os séculos, [1] e por outra parte, não se canoniza *algum* sem um exame rigoroso, vericando *ao menos* CINCO *milagres* operados por sua intercessão, temos por conseguinte todo o direito de afirmar que *ainda há milagres*.

2.º — Respondo em segundo lugar: que há *menos* milagres presentemente do que no começo do Cristianismo, e assim deve ser.

Por três razões:

---

[1] A última canonização teve lugar em 1839; o Papa Gregório XVI declarou santos o Beato Afonso de Liguori e quatro outros Servos de Deus.

1.º — Porque o verdadeiro fim a que se dirigiam os milagres já se conseguiu, a saber: a conversão do mundo e o estabelecimento da Religião cristã;

2.º — Porque esse fim conseguido, não o tendo podido ser sem milagres, e milagres imensos, atesta para sempre o próprio facto destes milagres.

Só a evidência da divindade da Religião cristã, manifestada *por grandes prodígios*, pode convencer os pagãos tão sensuais e os judeus tão obstinados; 1.º da divindade de Jesus Cristo pobre e crucificado; 2.º da veracidade da sua doutrina, inteiramente oposta a suas ideias mais inveteradas; 3.º da divina missão dos Apóstolos e de seus sucessores.

O mundo, convertido ao Cristianismo, sem milagre, fora decerto o milagre mais pasmoso, o mais incompreensível dos milagres.

3.º — Porque temos hoje diante dos olhos uma palavra tão inequívoca da divindade da nossa fé, como os milagres o foram para os primeiros cristãos: quero dizer, as profecias do Evangelho e o seu complemento do mundo.

Há dois factos naturais e divinos que provam a divindade do Cristianismo: 1.º os milagres de Jesus Cristo e de seus enviados, 2.º o complemento das profecias do Evangelho.

Os primeiros cristãos viam os milagres, mas não viam o complemento das profecias que fazia seu divino mestre; eram todavia impelidos a crê-las com firmeza, [1] e fàcilmente as acreditavam em virtude dos milagres que viam.

Nós, porém, não vemos os milagres que viram nossos pais; mas *vemos* o complemento

---

[1] Crer, é admitir a verdade de uma coisa mediante o testemunho de outrem.

das profecias do Evangelho: e isto que *vemos* nos faz razoàvelmente admitir os milagres que não pudemos ver.

Os milagres evidentes faziam admitir aos primeiros cristãos a certeza do complemento das profecias; o complemento evidente das profecias faz-nos admitir a certeza da realidade dos milagres.

O milagre era a prova dos primeiros cristãos; a profecia, ao revés, é a nossa prova, pela evidência do facto divino do complemento.

E advirtamos que esta prova, tirada do complemento das profecias, é talvez mais peremptória ainda do que a tirada dos milagres, visto que o tempo, de dia para dia, lhe aumenta a força.

Assim, a estabilidade da Cadeira de S. Pedro, a premanência da dispersão, e, simultâneamente, da conservação dos Judeus, durante dezanove séculos, etc., são factos muito mais admiráveis do que se subsistissem apenas há três ou quatro séculos. E se o mundo durar mais alguns milhares de anos, esta prova da divindade da Religião será ainda muito mais pasmosa daqui a três ou quatro mil anos do que o é em nossos dias.

Por conseguinte não é de admirar que presentemente haja menos milagres do que nos primeiros séculos do Cristianismo.

XXXIX

Porque se há-de falar latim? Porque motivo servir-nos de uma língua desconhecida?

Resposta. — Porque, a dogmas imutáveis, compete uma língua igualmente imutável, que preserve de toda a alteração a mesma fórmula desses dogmas.

Porque a uma sociedade universal é mister uma língua universal, que mantenha, estreite, e altamente proclame a unanimidade da fé, e a fraternidade universal da verdadeira Religião.

Os protestantes e todos os inimigos da Igreja católica sempre lhe censuraram o uso do latim. Eles conhecem que a imobilidade desta couraça defende maravilhosamente de qualquer alteração essas antigas tradições cristãs, cujo testemunho os esmaga. Bem quiseram eles destruir a forma para chegarem à essência. — O erro quase sempre se aveza a falar uma linguagem variável e inconstante.

Além de que, esta censura, se se examina de mais perto, não tem fundamento algum. Acaso não há uma multidão de pessoas que sabem latim? Porventura não é pregação, quero dizer, a parte do culto divino que directamente se encaminha aos fiéis, em língua vulgar? E quanto ao mais dos ofícios divinos, não existe um número infinito de traduções das rezas da Igreja? Qual é o cristão, a quem a língua misteriosa do altar impede de acompanhar o ofício divino? Não são os assistentes advertidos por certos sinais, certas cerimónias, de tudo que se faz e se diz? Se estão distraídos, a culpa é sua.

Demais, nada iguala a dignidade, a grandeza, a perspicuidade e a beleza da língua latina. É a língua dos conquistadores do universo, dos Romanos; é a língua da civilização; é a língua da ciência. Esta língua é a rainha das línguas; ela merecia ser a língua da Religião.

Além das grandes mudanças a que estão sujeitas as línguas vivas, há outras mais pequenas que parecem pouco importantes, mas que o não são. Assim, o uso quotidianamente muda o sentido dos vocábulos, e com frequência os corrompe por mero capricho. Se a Igreja falasse a nossa língua, poderia depender ùnicamente de um espírito desaforado, tornar o vocábulo mais sagrado da liturgia ou ridículo ou indecente.

A língua religiosa, a todos os respeitos imagináveis deve ser colocada fora do domínio do homem.

Eis aqui porque a Igreja católica fala latim.

XL

Os Padres sempre andam a pedir dinheiro!

Resposta.—Sim, mas esse dinheiro é para eles? Estes só o pedem para os pobres e para as despesas do culto divino. Porventura são dignos de censura por isso? Não são eles os fornecedores dos pobres e os pais dos indigentes? Não são os ministros de Deus os encarregados da honra do seu culto e do cuidado de seus templos?

Pedem-vo-lo com frequência, é verdade, mas acaso não acontece isto por vossa culpa? Por

que motivo, sendo vós tão pródigos para com os vossos prazeres, sois tão mesquinhos quando se trata de praticar o bem? Porque lhes dais tão pouco quando vos pedem a esmola? Não é a vossa intempestiva economia que, a seu pezar, os obriga a repetir o peditório?

Acreditais que seja possível ocorrer a grandes despesas sem grandes recursos? Figurai-vos por um momento em lugar do vosso Cura, com o encargo de socorrer todos os pobres da paróquia, com a obrigação de promover e conservar meios para os urgentes actos de beneficência, com a obrigação, mais dispendiosa do que ordinàriamente se crê, de manter em um estado de limpeza decente a Igreja e toda a sua mobília, e então vereis se não é necessário dinheiro para tudo isso. Não vos admireis pois se vos pedem dinheiro tantas vezes. Esta despesa, ficai bem convencidos disto, nem vos deixará remorsos, nem vos arruinará. A esmola nunca arruinou ninguém. Se tiverdes muito, dai muito, se tiverdes pouco, dai pouco; mas o pouco que derdes dai-o de boa vontade.

Os Padres são os homens da fé e da caridade. Tenhamos nós mais fé e mais caridade, e para logo compreenderemos por que razão sempre andam a pedir!

XLI

Foram os Padres que inventaram a confissão.

Resposta. — Eis aí uma grande questão.

Compreendeis a sua transcendência, amigo leitor? Se foi Deus que a ordenou, cumpre que

nos submetamos, porque seria loucura resistir a Deus. Porém, senão foi ele, mas um homem como vós e eu, é melhor (permiti-me a expressão) mandá-lo passear, a ele e à sua invenção; por quanto, é a invenção mais desagradável que se pode imaginar.

Confessar-nos é descobrir os nossos pecados, é dizer ao Padre todo o mal que fizemos, por mais vergonhoso que este seja. — Que coisa há mais desagradável, pergunto eu? Que maior sacrifício se poderia pedir ao orgulho do homem?

Mas será forçoso fazer este sacrifício? Serei eu obrigado, em consciência, sob pena de rebelião contra Deus, a confessar-me?

Sim.

Porque a confissão dos pecados, feita ao Sacerdote, foi instituída pelo próprio JESUS CRISTO, Filho de Deus vivo, descido do Céu à terra, e feito homem para nos salvar.

E, com efeito, abra-se o Evangelho.

Nós aí encontramos duas palavras deste divino Mestre, relativas à confissão dos pecados e ao poder por ele dado a seus ministros de perdoar em seu nome as culpas aos pecadores.

A primeira destas palavras é a *promessa* feita por Jesus Cristo a seus apóstolos de lhes dar este poder. A segunda é o cumprimento da mesma promessa.

1.° — *A promessa.* Encontra-se ela no Evangelho de S. Mateus, cap. 18: — «*Tudo o que vós ligardes sobre a terra, será ligado também no Céu,* e TUDO O QUE VÓS DESATARDES SOBRE A TERRA, SERÁ DESATADO TAMBÉM NO CÉU».

2.° — *A realização da promessa.* (S. João, cap. 20). Era no dia de Páscoa, no mesmo dia da Ressurreição. (E, com efeito, que outra coisa é o divino poder que Jesus Cristo vai con-

ferir a seus Apóstolos, senão o poder de ressuscitar as almas, mortas pelo pecado?).

Os Apóstolos estavam reunidos, tremendo de susto, na sala do Cenáculo. Tinham as portas fechadas por causa dos Judeus, que haviam crucificado seu Mestre na ante-véspera... De repente, sem se abrirem as portas, aparece Jesus no meio deles. «Paz seja convosco lhe diz: sou eu, não temais». Estes assustaram-se, não queriam dar crédito a seus próprios olhos! Mas tocaram o corpo sagrado, as chagas das mãos, dos pés, do lado. Ajoelharam enfim aos pés do Salvador ressuscitado e adoraram-no.

JESUS assoprou então sobre eles: «*Recebei o Espírito Santo*, lhe diz ele; *do mesmo modo que meu Pai me enviou a mim, vos envio eu a vós*. Do mesmo modo que meu Pai me enviou como Salvador dos homens, eu, igual a meu Pai, Deus eterno e todo poderoso como ele, vos envio também a vós. Envio-vos como salvadores de vossos irmãos; envio-vos como depositários dos tesouros da salvação que ajuntei para os derramar sobre os homens, como depositários e dispensadores dos meus Sacramentos, onde encerrei todos os merecimentos da minha Paixão e da minha Morte. *Como meu Pai me enviou a mim, vos envio eu a vós*. RECEBEI O ESPÍRITO SANTO. OS PECADOS SERÃO PERDOADOS ÀQUELES A QUEM VÓS OS PERDOARDES, E SERÃO RETIDOS ÀQUELES A QUEM OS RETIVERDES».

Acaso haverá necessidade de arrazoar sobre semelhantes palavras? Quem ousará negar que Jesus Cristo dá aqui a seus Apóstolos, primeiros padres, primeiros pastores da sua Igreja, o poder de perdoar os pecados ou de os reter, segundo julgarem conveniente? Quem poderá negar que os constitui aqui juizes das consciências, juizes

com plenos poderes de perdoar os pecados ou de os reter?

Logo, é ele, é Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, que quis, que ordenou que todo o homem que cometesse pecado e que quisesse obter o perdão dele, recorresse ao ministério de seus Padres, os quais estão encarregados de julgar a sua alma e de pronunciar, em nome de Deus, a sua sentença. Logo, é ele e só ele, que instituiu, ordenou e impôs ao mundo a confissão.

E, com efeito, de que serviria ao Padre de Jesus Cristo esse poder de perdoar ou de reter os pecados, se houvesse outro meio de lhes obter a remissão? Que sentido poderiam ter as palavras do Senhor? De que serviria dar as chaves de uma porta a uma guarda, tendo a casa outros lugares por onde podia ser entrada?

E, depois, que meio teria o Padre para razoàvelmente dar a sua sentença, se o culpado não viesse pessoalmente confessar pecados de que ordinàriamente só ele possui o segredo?

Os cristãos são portanto obrigados a *confessar* suas culpas aos seus Padres, se quiserem obter o perdão de Deus. A confissão é, por direito divino, o caminho para o perdão; quem quer o fim, quer igualmente o meio; quem não emprega o meio, não conseguirá o fim.

Em todos os séculos houve a confissão feita aos Padres.

A história conservou-nos o nome do confessor de Carlos Magno, em o nono século.

No quarto século, vê-se o grande Santo Ambrósio, Bispo de Milão, aplicado a ouvir as confissões dos penitentes; e o autor contemporâneo da sua vida acrescenta: — «que este chorava de tal modo sobre os pecados que se lhe confessavam, que os pecadores eram obrigados a chorar com ele».

Pela mesma época, ouve Santo Agostinho exprobar aos herejes de África a pretenção, depois renovada pelos Protestantes, de não quererem confessar-se senão a Deus sòmente. «Então foi em vão, exclama ele, que o Senhor entregou as chaves do Céu à sua Igreja? Foi em vão que disse: *Tudo o que vós desatardes sobre a terra, será também desatado no Céu?*—Vós zombais do Evangelho! vós prometeis o que ele recusa!»

No terceiro e segundo séculos ainda se encontram, nos livros que nos foram conservados dos antigos doutores, testemunhos mui notáveis sobre a necessidade da confissão feita aos Padres para obter de Deus o perdão.

Nas Catacumbas descobriram-se muitas cadeiras que, por sua forma e posição nas capelas, etc., evidentemente mostram que serviam de confessionários.

Enfim, no mesmo livro dos Actos dos Apóstolos, se observam os pagãos convertidos de Efeso, dóceis à voz do Apóstolo S. Paulo, «*chegarem em multidão* PARA MANIFESTAREM E CONFESSAREM AS SUAS ACÇÕES». [1]

Acaso se confessa outra coisa, que não seja as acções culposas, os pecados? E que significa esta passagem do livro dos Actos, a não ser a confissão dos pecados?

Portanto, bem vedes, foi Deus, nosso Salvador, que nos deu a *confissão* como remédio dos males da nossa alma, como meio de entrarmos na graça do nosso Pai celeste.

É uma invenção de misericórdia, de amor e de ternura. Custa alguma coisa é verdade; especialmente quando uma longa negligência

---

(1) Confitentes et annuntiantes actus suos. Act. dos Apóst. cap. 19, v. 18 e 19.

deixara acumular muitas faltas, e faltas graves. Mas este primeiro momento passa depressa, e depois, que alegria! que paz! que ventura não encontra cada qual em se ver de novo, como noutro tempo, filho de Deus, e amigo de Jesus Cristo! Se a confissão é um jugo, é *«esse jugo suave e fardo leve»* de que fala o Salvador. *Tomai-o,* acrescenta o divino Mestre, *sòmente nele encontrareis o repouso de vossas almas».*

Ide pois confessar-vos, e vereis.

XLII

Para que serve a confissão?

Resposta. — Primeiro, é mister que sirva para alguma coisa boa, visto que é uma instituição divina, porque Deus não faz coisa alguma sem motivo.

Mas, além disso, perguntais para que serve a confissão? *Confessai-vos e vereis para o que ela serve.*

Serve para cada qual, de mau que era, se tornar bom; serve para cada qual emendar seus vícios e transitar a passas largos pelo caminho das virtudes mais heróicas.

Para que serve a confissão? Perguntai-o a esse pobre mancebo, a quem aviltam os maus costumes, e cujo ferrete se imprimia já em seu rosto... Ei-lo inteiramente mudado tanto no físico, como no moral. Então que é o que ele fez para obter tal transformação? Confessou-se e continua a confessar-se... Antes dela não se confessava.

Para que serve a confissão? Perguntai-o a esse operário ainda há pouco tão libertino e apaixonado pela taberna; actualmente tão sóbrio, tão aplicado e económico, e convertido em pouco tempo em modelo de seus colegas. Sua mulher e seus filhos hão-de por certo achar que a confissão serve para alguma coisa.

Para que serve a confissão? Perguntai-o a essa pobre mulher acabrunhada pela miséria, carregada de filhos, maltratada por seu marido... A desgraçada muitas vezes se lembrou de ir terminar a existência lançando-se ao rio... mas o pensamento de Deus e de seus filhos deteve-a. Vai confessar-se... Eu não sei o que o confessor lhe disse; mas o caso é que entra em sua casa com a paz no coração, e quase a alegria no rosto. Leva as suas penas com paciência; sofre, sem se queixar, os maus tratamentos de seu marido... Este pasma da repentina mudança, depois admira-a, depois ama-a, e, ciente da causa de tal transformação imita-a. Contai agora: um suicídio de menos; a conservação da mãe e seus seis ou sete filhos; uma família virtuosa de mais.

Após esta pobre mulher, vem talvez um criado que havia muitos anos fazia *certas economias*, um pouco arriscadas, à custa de seu amo... Os remorsos inquietavam-no... Vai procurar um padre... Se o amo examinasse minuciosamente os seus negócios, bem depressa conheceria que diminuira a despesa sem que baixassem os encargos de sua casa... e daí a uns dias recebe, de mão desconhecida, uns quatrocentos ou quintos francos. [1]

---

(1) O mesmo João Jaques Rousseau, apesar de seu ódio religioso, reconhece a utilidade da confissão: «Quantas restituições, diz ele no seu Emílio, quantas reparações não tem produzido a confissão entre os católicos! — Um padre

Contai agora: um ladrão de menos; um opróbrio talvez evitado a uma família honrada; um fiel criado de mais.

Para que serve a confissão? Perguntai-o aos indigentes de certa comuna. O opulento proprietário dela deixava-os a braços com a miséria, e gastava grosso cabedal em seus divertimentos... Há algum tempo porém que se confessa... ei-lo aí já constituído pai dos desgraçados: ele mesmo vai procurar os necessitados, e os socorre em suas privações... Ora, toda esta pobre gente acha, e com razão, que a confissão serve para alguma coisa!

A confissão *é a égide da perseverança e da virtude.* — É a casca, áspera e grosseira, eu o confesso, mas a casca protectora que conserva intacto esse fruto maravilhoso que se chama *a consciência.*

É a confissão que restitui, que conserva a paz do coração, sem a qual não há ventura possível.

É ela que evita uma infinidade de crimes e de desgraças.

É ela que levanta o pobre pecador, cuja fragilidade o apartara de Deus! É ela principalmente que consola o moribundo prestes a comparecer ante o seu Deus e seu Juiz! [1]

---

entregou um dia a um ministro protestante, costumado a meter a ridículo a confissão e comunhão dos católicos, uma soma considerável que lhe fora roubada. Este tão sensível argumento fez grande abalo no coração do ministro. Devemos concordar, repetiu ele depois, que a confissão é muito boa coisa».

(1) M. Tissot, célebre médico genebrez, protestante como quase todos os habitantes daquela desventurada Genebra, citava com admiração a cura inesperada de uma dama católica, já moribunda, operada pela confissão. Esta dama achava-se com tal tranquilidade, com tão grande alegria, depois da recepção dos Sacramentos da Igreja, que imedia-

Que mudança se não viria em toda a parte se todos se confessassem sincera e devidamente, como este acto requer!

As leis e a polícia quase que não teriam que fazer. Só nesta lei da Igreja: «Confessar-te-ás ao menos uma vez cada ano», haveria com que regenerar todo o mundo e suspender todas as revoluções.

Julgai pois das árvores pelos frutos.

A confissão, bem como todos os outros pontos da Religião, não tem por inimigos senão a ignorância, os preconceitos e as paixões.

XLIII

Eu não tenho precisão de me confessar. Não tenho nada a exprobrar-me; não matei, não roubei, não fiz injustiça a ninguém. Não teria nada que dizer.

RESPOSTA. — E é esse o resultado do vosso exame de consciência! Meu querido amigo, de duas uma: ou vós sois um homem excepcional, ou não vedes bem o que se passa na vossa consciência.

---

tamente começou a sentir melhoras. A febre baixou, os sintomas assustadores desapareceram, e a enferma restabeleceu-se. «Que tal é pois, exclamava M. Tissot, o poder da confissão entre os católicos!»

Outro médico protestante, M. Badel, faz a mesma observação, e prova por multiplicados exemplos «que a confissão é útil, não só aos indivíduos, mas à sociedade em geral, e que bem merece fixar a atenção de todo aquele que procurar a prosperidade do género humano».

Querereis, porém, que vos fale com franqueza? *Estou certo* de que sois um homem como os outros, e que só a segunda hipótese é verdadeira.

Não tendes nada a exprobrar-vos? — Examinemos pois. — Seria coisa singular que eu visse melhor em vossa consciência do que vós mesmo.

1.º — Antes de tudo, em que situação vos achais a respeito de Deus? Decerto convireis que lhe deveis *alguma coisa!* Sendo vosso Criador, vosso Senhor, Vosso Pai e vosso derradeiro fim, tem direitos a vosso respeito...

Rendeis-lhe a devida adoração? — Fazeis-lhe adoração *todos os dias?* — Agradeceis-lhe os seus benefícios?

Pedis-lhe perdão das faltas que cometeis contra a sua lei? — Obedeceis a essa lei?

Aquele que devia ser a primeira ocupação da vossa vida, tem nela, ao menos, alguma parte? Os pobres selvagens idólatras honram os seus falsos deuses. E vós, conhecendo o Deus vivo e verdadeiro, não viveis acaso como se tal Deus não existisse?

Eis aqui portanto um ponto que examinastes muito mal, quando há pouco me dizíeis que nada tínheis a exprobrar-vos, e que ficaríeis embaraçado não tendo nada que dizer ao vosso Cura.

2.º — Sois acaso mais fiel pelo que diz respeito ao cumprimento dos vossos deveres para com o próximo? Ora, metei a mão na conciência, e vereis que ainda lá achais misérias!

Caridade fraternal, eficaz e sincera; dedicação para com o próximo; misericórdia para com os pobres; indulgência para com as faltas de vossos irmãos; respeito para com a sua reputação; perdão das injúrias; amparo mútuo; bom exemplo; deveres de cidadão; deveres

para com a família; deveres de bom filho e de bom pai; deveres de bom esposo; deveres de bom amo e de bom criado; deveres de bom e fiel amigo; deveres de operários conscienciosos ou de proprietários justos e humanos, etc.; a lista é um pouco longa. Dizei, desempenhais vós TODOS estes deveres?

Aí tendes ainda bem abundante matéria para a vossa próxima confissão.

3.º—Quanto aos vossos deveres para convosco mesmo, creio poder-vos afiançar que, se não praticais a Religião, haverá nisso muito mais que dizer. Ora vede:

Vós tendes alma; que cuidado, que atenções tendes com ela? Viveis quase como se não a tivésseis.

Quando fazeis bem, que motivos vos determinam? Bem sabeis que, como diz o provérbio, é a intenção que faz a acção. Uma intenção má torna más as melhores acções na aparência. É a ideia do dever que vos faz obrar? É o desejo de cumprir a vontade de Deus, de agradar a Deus, ou é antes o interesse pessoal, a ostentação, e desejo de ser estimado e considerado no mundo?...

Em que estado vos achais a respeito de sobriedade e temperança?

Como ides, principalmente, a respeito *de castidade?*... Se vossos filhos fizessem em vossa presença o que vós praticais diante de Deus, de certo o expulsaríeis de vossa casa como um infame?... Se outro homem dissesse a vossa mulher, a vossa irmã, a vossa filha, o que tantas vezes tendes dito a mulheres, a donzelas, o que pensaríeis dele, não o julgaríeis bem culpado?

Acaso não estareis manchado com aquilo mesmo que mancha os outros?...

Bem poderíamos levar muito além este exame de vossa consciência; a mina, acreditai-me, ainda não está exaurida.

É isto porém suficiente para vos convencer, se acaso quereis ser convencido, de que, apesar de vossa perfeita inocência, tendes praticado tudo quanto basta para fazerdes uma excelente, longa e sólida confissão. Vós, por uma parte, tendes pecados; eu acabo de vos exibir os mais graves; por outra, creio que tendes boa vontade. Ide pois ter com algum bom Padre, que muito estimará receber-vos e perdoar-vos em nome de Deus misericordioso.

O primeiro passo é o que custa; a pena passa depressa e a alegria permanece.

— «Mas há tanto tempo que me não confesso!»

— Por isso mesmo, maior é a vossa necessidade.

— «Mas tenho muito que dizer».

— Não importa; os peixes grandes são os melhores; os Confessores gostam mais dos grandes pecadores que dos pequenos, logo que se arrependem.

— «Mas não me será possível recordar-me de tudo».

— Então que tem isso? Dizei tudo de que vos lembrardes: arrependei-vos de tudo, e Deus, que não pede mais que a boa vontade, vos perdoará tudo. O principal na confissão é o arrependimento.

Crede-me, ide confessar-vos, e vereis a paz interior e a ventura que desfrutais, quando tiverdes concluído este acto.

A verdadeira ventura sobre a terra é a paz do coração, fruto da boa consciência.

XLIV

A confissão é coisa fastidiosa

Resposta. — Também eu não vos aconselho a confissão como divertimento!

O que é bom e útil nem sempre é divertido. — Tomar um medicamento quando cada qual está enfermo não é nada *divertido*. Todavia toma-se para se efectuar a cura. — Trabalhar desde pela manhã até à noite, para ganhar a vida, para sustentar a família, para fazer algumas economias, a que cada um se socorra na velhice, não é nada *divertido*; mas é útil, mas é necessário; e o operário trabalha, *ainda que* a obra seja árdua, desagradável e penosa.

No mesmo caso se acha a confissão. É um remédio, um remédio desagradável, e tanto mais desagradável quando mais dele se carece; mas é um remédio NECESSÁRIO. Não é para me divertir que eu me confesso, é para me curar e para me preservar.

Tende pois mais energia. Não vos deixeis atacar pela grande enfermidade do nosso século, que é o *enfraquecimento da estima do* DEVER. O DEVER, esta grande e sublime palavra, já nada significa para muitas almas. Elas não compreendem senão o PRAZER.

Guardai-vos desta deplorável fraqueza, e tende presente na memória o Juízo de Deus!

XLV

Ir confessar-me era bom quando eu andava na escola; mas agora!...

RESPOSTA. — *Mas agora* que tinha dez vezes mais necessidade disso, já não vou!

Mas agora que as minhas paixões se desenvolvem, que os perigos do mundo me cercam, que por todos os lados estou exposto ao mal, para que serve tomar precauções?...

Em toda a idade se carece da confissão, porque em toda a idade é mister cumprir a lei de Deus, promulgada pela Igreja católica. Ora, a lei de Deus ordena a *todo o homem* capaz de pecar, sem excepção alguma, que se confesse ao menos uma vez cada ano.

Em toda a idade se carece da confissão, porque em toda a idade se peca, porque em toda a idade se pode morrer, e só a confissão é o remédio divino que dissipa o pecado e conserva a alma disposta para comparecer diante de Deus.

Ao passo que o homem mais se adianta na vida, tanto mais violentos se tornam os combates, tanto mais frequentes e temerosos os ataques, tanto mais crescido o número de inimigos... E seria esta a ocasião oportuna de depor as armas?

XLVI

Conheço devotos que não são melhores do que os outros homens. Um tal Fulano, que se confessa, nem por isso é melhor.

RESPOSTA. — Isso prova, 1.º ou que esse *tal Fulano* se confessa muito mal e não é sèriamente cristão;

2.º — Ou que a sua natureza é singularmente rebelde, visto que tão poderosa influência não o torna melhor que o comum dos homens;

3.º — Ou então (o que é mais provável) enganais-vos a seu respeito e *sois injustos para com ele.*

Os cristãos (notai isto bem) não deixam de ser homens por serem cristãos. Eles conservam a fraqueza, a fragilidade, a inconsequência da nossa miserável natureza humana, que o pecado tanto corrompera, e por essa razão o seu procedimento nem sempre está de acordo com os seus desejos, com as suas resoluções.

Mas se a religião não corrige *todos* os defeitos de carácter, se ela não destrói *inteiramente* e *de repente* todas as imperfeições, ao menos vai-as diminuindo e destrói-as pouco a pouco. Ordena ela que sem cessar as combatamos; oferece-nos meios mui símplices e mui poderosos para nos tornarmos não só bons, mas tão perfeitos quanto a humanidade o comporta. Vede os Santos; vede S. Francisco de Sales, S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo; estes eram *verdadeiros cristãos* e nada mais!

Por onde, as almas rectas e corajosas, que usam destes meios, emendam-se prontamente e

terminam por se tornar melhores, depois boas, e enfim excelentes.

O que é certo, é que a maior parte dos que gritam contra os devotos são, os três quartos do tempo, dez vezes piores que eles; vêem o argueiro no olho alheio e não enxergam a trave no seu.

A Religião não pode deixar de melhorar o homem. Aquele que tem defeitos, sendo cristão, teria esses mesmos defeitos e ainda maiores, se o não fosse.

E, além disso, teria o grave e capital defeito que vós tendes, vós que o censurais por ser religioso: o defeito de não render a Deus o culto de adoração, de súplica e de obediência, que ele exige geralmente de todos os homens.

XLVII

Como pode o corpo de Jesus Cristo estar realmente presente na Eucaristia? Isso é impossível.

Resposta. — Não tenho mais que uma coisa a responder-vos, mas essa basta.

Está; *logo, é possível.*

Está; *logo, assim o deveis crer,* bem que não compreendais como isto se possa obrar.

Digo pois que *está*, que Jesus Cristo está verdadeira e substancialmente presente na Santa Eucaristia e que depois da consagração da Missa, não há já pão sobre o altar, nem entre as mãos do Sacerdote, mas o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo vivo, oculto debaixo das símplices *aparências* do pão e do vinho.

Não mostrarei, para vos convencer, todos os séculos cristãos, desde os Apóstolos até aos nossos dias, crendo, adorando e proclamando altamente esta presença real de Jesus Cristo no Sacramento da Eucaristia. Por certo, não seria de pouco vulto ver os maiores engenhos, os mais profundos e sábios doutores adorar com a mais inteira fé o sagrado mistério do altar...

Mas, além disto nos levar a mui longos desenvolvimentos, não desejo fazer desta matéria mais que um negócio de boa fé; é pois a ela só que eu me dirijo, e não quero senão citar-vos aqui textualmente e quase sem comentários, as próprias palavras de Jesus Cristo, que declara que a Eucaristia é Ele mesmo, o seu Corpo, a sua Carne e o seu Sangue.

Fala duas vezes da Eucaristia no Evangelho: a primeira vez, para a prometer (coisa de um ano antes da sua Paixão); a segunda vez (véspera da sua Paixão) para a instituir e cumprir deste modo a sua promessa.

1.º — As primeiras palavras acham-se em S. João, capítulo 6.º; ei-las aqui; proponho-as ao vosso bom senso:

«*Em verdade vos digo, que aquele que* CRÊ *em mim tem a vida eterna*». Primeiro exige a fé para a sua palavra; porque o que vai dizer é o mistério mais profundo da fé.

«*Eu sou o pão da vida*».

«*Eu sou o pão descido do céu. Se alguém comer deste pão, viverá eternamente; é o pão, que eu hei-de dar.* [1] É A MINHA CARNE PARA A VIDA DO MUNDO».

---

(1) Observai estas palavras: Jesus Cristo promete este pão misterioso: mas ainda o não dá; ele o dará mais tarde: «o pão que eu hei-de dar». Logo não é, como

Os Judeus, a quem ele falava, diziam então uns aos outros o mesmo que vós agora dizeis: Como pode ele dar a sua carne a comer? Como se pode isso fazer? — E não queriam acreditar.

«EM VERDADE, EM VERDADE, EU VOS DECLARO: se não COMERDES A CARNE DO FILHO DO HOMEM, *e se não* BEBERDES O SEU SANGUE, *não tereis a vida em vós.*

«*Aquele que come* A MINHA CARNE *e bebe* O MEU SANGUE *tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia.*

PORQUE A MINHA CARNE É VERDADEIRAMENTE UM ALIMENTO e O MEU SANGUE VERDADEIRAMENTE UMA BEBIDA.

«*Aquele que* COME O MEU CORPO *e bebe* O MEU SANGUE, *fica em mim e eu fico nele. Aquele que come este pão viverá eternamente*».

Que dizeis a isto? Não dais credito à própria palavra de Jesus Cristo, afirmando-vos pessoalmente qûe a Eucaristia é o seu corpo e o seu sangue, com uma clareza de expressão tal, que os Protestantes se torcem e tornam a torcer em vão há trezentos anos e põem o espírito a tratos para se subtraírem à evidência?

2.º — Pois se as primeiras palavras de Jesus Cristo são claras como a mesma verdade, as segundas, que são as da própria instituição da Eucaristia não têm menos clareza.

Nosso Senhor na véspera da sua Paixão, depois da Ceia, toma o pão entre suas mãos divinas e veneráveis, benze-o e apresenta-o aos seus Apóstolos, dizendo-lhes: *Tomai e comei todos: porque* ESTE É O MEU CORPO».

---

dizem os protestantes, uma maneira figurada de falar da doutrina que pregava; por quanto ele dava essa doutrina; não se pode prometer aquilo que já se deu ou que actualmente se dá.

Não é isto bem claro? — ESTE, este que eu tenho nas mãos e que vos apresento, É, o quê? O MEU CORPO.

Depois dá aos seus Apóstolos, que foram os primeiros padres, a ordem e o poder de praticar o que ele próprio acaba de fazer, acrescentando estas palavras: *«E todas as vezes que fizerdes estas coisas, fazei-as em minha memória»*, isto é, como eu mesmo, como eu acabo de as fazer.

Homem de boa fé, ouvi e julgai: ESTE É O MEU CORPO!...

Quanto, a mim, declaro, que só estas palavras me bastam; e, não sòmente acho nelas uma prova brilhante da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, mas provam-me de uma maneira irrefragável a sua divindade. Nunca homem nenhum disse, *nunca pôde dizer*, coisa semelhante!...

Uma observação mui simples vos facilitará, quanto ao mais, a crença do mistério eucarístico:

A natureza oferece-nos numerosos exemplos desta mudança, taxada de *impossível*, de uma substância em outra.

O mais notável de todos é o da nutrição corporal. O pão que eu como é transformado, pelo acto misterioso da digestão, no meu corpo, em minha própria carne e em meu próprio sangue. A substância do pão *muda-se* na do meu corpo.

Ora, porque não poderá Deus operar sobrenaturalmente no mistério da Eucaristia, o que opera em nós mesmos todos os dias naturalmente?

Bem vedes portanto que não é IMPOSSÍVEL que, pela omnipotência divina, o pão e o vinho sejam mudados, em nossos altares, na substância do corpo e sangue de Nosso Senhor JESUS

CRISTO; e que a Igreja ensinando a sua presença real no Santíssimo Sacramento, não diz, como pretendem os ignorantes e inconsiderados, um absurdo, uma coisa impossível e de escândalo para a razão.

Agora, COMO esse prodígio admirável se opera, *é o que eu não sei* e os maiores doutores não o sabem melhor que os outros homens. É o mistério da fé, é o segredo de Deus. O que nós sabemos com certeza é que ali existe e isto nos basta.

Jesus Cristo, por esta admirável presença, o rei das almas, a vida dos cristãos, o Cabeça da Igreja, o refúgio dos pecadores, o bom e doce Salvador, o consolador de todas as dores, está constantemente entre seus filhos... Deus e Homem simultâneamente é o laço vivo que nos une a seu Pai e a nosso Pai. Ele adora a seu Pai perfeitamente e supre a imperfeição de nossas homenagens. Pede-lhe misericórdia para os continuados pecados do mundo.

Está presente a todas as gerações humanas, que ama e que igualmente salvara, para receber de cada uma delas, até ao fim do mundo, a homenagem da sua fé, da sua adoração, do seu culto e de suas orações.

Se o Santíssimo Sacramento é o mistério da Fé, também o é, e mais ainda, o mistério do Amor...

Creamos pois, amemos e adoremos.

XLVIII

Eu escuso de ir à Missa; posso muito bem fazer oração a Deus em minha casa.

RESPOSTA. — E não vos dispensais vós da oração feita *em vossa casa?* Perdoai-me se me engano; mas desconfio que nem orais em vossa casa, nem tão pouco na Igreja.

A questão não é saber se fazeis oração tão bem em vossa casa como na Igreja, à Missa: mas é saber se Deus *quer* que, aos domingos e festas de guarda, oreis à Missa e não em vossa casa.

Ora, ele assim o quer.

Estareis lembrado de que já ambos conversámos acerca disto e nessa ocasião assentámos em que as leis religiosas dos Pastores da Igreja católica são obrigatórias em consciência, porque eles promulgam estas leis pela própria autoridade de Jesus Cristo: *«Quem vos escuta, escuta-me a mim; e quem vos despreza, despreza-me a mim»*.

A Igreja ordena-nos que assistamos à Missa aos domingos e festas de guarda, e por conseguinte é desobedecer a Nosso Senhor Jesus Cristo e desobedecer ao mesmo Deus, deixar de ir à Missa.

A razão que fez promulgar essa lei é importantíssima; e por isso igualmente o é a mesma lei. É a necessidade do culto público que importa render a Deus.

Nós não vivemos só individualmente como homens, como cristãos; vivemos também, *como sociedade religiosa:* e esta sociedade de que

somos membros, constituída pelo mesmo Deus, tem para com ele deveres tão urgentes a desempenhar, quanto cada um de nós em particular.

Ora, o culto público da sociedade cristã (ou Igreja) é precisamente *a assistência ao Sacrifício da Missa*, que a todos nos reúne na presença de Deus, em seu templo, em dias determinados para este efeito, uns pelo mesmo Deus [1] tanto antes como depois da sua incarnação e outros pelos Apóstolos ou seus sucessores.

Não nos reunirmos, nestas ocasiões solenes, ao resto da família cristã, é, de algum modo, renunciarmos ao título de cristãos, de filhos de Deus, de discípulos de Jesus Cristo, de membros da Igreja católica.

Por onde, é *pecado grave* deixar de assistir à Missa aos domingos e festas de guarda, sem verdadeira impossibilidade.

A gravidade desta negligência tanto mais se compreende, quanto melhor se conhecem a grandeza, a santidade, excelência divina do Sacrifício da Missa.

A MISSA *é o centro de toda a Religião.*

É a continuação incruenta, através dos séculos e das gerações do Sacrifício cruento de Jesus Cristo.

Não há diferença alguma essencial entre o sacrifício da Cruz e o sacrifício da Missa. É *o mesmo e único sacrifício, oferecido debaixo de uma forma diferente.*

---

(1) Foi Deus que instituiu, desde a origem do mundo, o repouso do sétimo dia, em memória perpétua da criação e da eternidade. O domingo é o dia de Deus, o dia em que especialmente nos importa ocuparmo-nos dele e prepararmo-nos para a nossa eternidade, que será o repouso eterno e o eterno domingo.

O *Sacerdote* é o mesmo; é Jesus Cristo; visível no Calvário, invisível e oculto em o Padre, no altar. A *Vítima* é a mesma: Jesus Cristo; cruento no Calvário, incruento e oculto sob o Sacramento no altar. As diferenças são puramente exteriores e aparentes; a essência, o sacrifício é o mesmo.

Pelas palavras misteriosas e divinas do Padre, ou antes, do próprio Jesus Cristo que fala pelo seu ministro, renova-se todos os dias em nossos altares o mesmo milagre de amor que se operara na Ceia de Quinta-feira Santa. O pão e o vinho são mudados no corpo e sangue de Jesus Cristo, e só conservam a simples aparência do pão e do vinho; de sorte que, depois da Consagração, não há no altar senão o corpo e o sangue de Jesus Cristo; senão Jesus Cristo vivo, resumindo assim no Santíssimo Sacramento todos os mistérios da sua vida mortal, e de sua vida gloriosa.

Compreendei pois as grandezas da vossa fé e mudai de lingnagem.

Vinde com todos os vossos irmãos, vinde ao vosso Salvador; é por vós que ele desce, que se imola neste grande mistério. Sem ele não poderíeis salvar a vossa alma e, todavia, descuidais-vos do seu culto, mostrais-vos indiferente, preferis-lhe ocupações talvez fúteis, bagatelas, necessidades.

Crede-me, entrai em vós mesmo. Desempenhai um dever tão fácil quanto grave e necessário.

Ide aos domingos aos pés do Senhor, fazei a vossa revista da semana passada e a vossa provisão para a semana seguinte. Deus vos abençoará e sereis feliz.

XLIX

Não tenho tempo

Resposta.—Tendes vós tempo para comer?
— Sem dúvida.
— E para que comeis?
— Boa pergunta! para me alimentar. O alimento é a vida do corpo.
—E qual vale mais, a vossa alma ou o vosso corpo?
— Pois bem, fazei a pró de vossa alma ao menos tanto quanto fazeis em benefício do vosso corpo. Tendes tempo, achais tempo para fazer viver o corpo e não o tendes para fazer viver a alma!

Se o vosso patrão pretendesse tirar-vos o tempo necessário para a comida, certamente o deixaríeis, tanto a ele, como à sua loja, e diríeis: *antes de tudo*, é mister viver.

Pois eu digo-vos de uma maneira mais urgente ainda: *Antes de tudo*, mesmo antes da vida do vosso corpo, *antes de* TUDO, não deixeis morrer a vossa alma, que é a parte principal de vós mesmo, a vossa alma, que vos constitui homem; porque, quanto ao corpo não somos mais que animais; é a alma que faz o homem e o distingue do bruto.

Pois a Religião dá-vos a vida da alma, unindo--vos a Deus e ainda dizeis: Não tenho tempo de praticar a Religião? Tomai, tomai a todo o transe esse tempo tão *necessário*. Tomai-o, custe ele o que custar, não importa onde, não importa a despeito de quem.

Ninguém no mundo tem o direito de vos privar desse tempo, nem o vosso patrão, nem os vossos mestres, nem vosso pai, nem vossa mãe; em uma palavra, *pessoa nenhuma*, sem excepção.

A salvação eterna da vossa alma não pode ser-vos arrebatada por criatura alguma; e se alguém ousasse atentar contra o mais sagrado dos vossos direitos, seria essa a ocasião de praticar a grande regra dos Apóstolos; «*Vale mais obedecer a Deus do que aos homens*». «Mas a ocupação que tenho, direis vós, obsta a que eu trabalhe para a minha salvação».

É isso verdade? Dai atenção à resposta: porquanto, se me responderdes: *Sim*, depois de haverdes reflectido nisso maduramente, eu vos direi: Então é necessário largar essa ocupação e tomar outra.

E, com efeito, a vida passa prontamente: mas a eternidade permanece. De que vos serviria ganhar o mundo inteiro, se viésseis a perder a vossa alma?

Mas falemos com franqueza. Será verdade que não podeis salvar-vos, não podeis viver cristãmente na vossa ocupação?

Acaso é a vossa ocupação que vos impede de fazer uma pequena oração pela manhã e à noite? É a vossa ocupação que vos priva de elevardes de tempo a tempo o vosso coração a Deus durante o dia, de oferecer-lhe os vossos rogos, o vosso trabalho, as vossas privações?

Creio que não é ela que vos faz jurar, blasfemar o nome de Deus, frequentar os maus teatros, os bailes, as tabernas, as casas de prostituição... Ah! que se empregásseis o tempo, que assim desperdiçais em trabalhar para a vossa salvação, isto seria cem vezes suficiente para fazer de vós um bom cristão!

Não é ainda a vossa ocupação que vos priva de ir, nas vésperas das principais festas e depois de terminado o vosso trabalho, procurar um confessor e de receber dele com o perdão de vossos pecados, conselhos salutares e animosos estímulos para melhor viver no futuro.

Acerca de consciência, reparai bem nisto, *sempre cada qual tem tempo de fazer aquilo que quer;* Mas é mister querer deveras, enèrgicamente, com perseverança.

Não digais pois: «Não tenho tempo de viver cristâmente», porque vos enganais a vós mesmo.

Dizei antes, se assim o quereis: «Não tenho tanto tempo, tanta facilidade como quisera ter». — Seja; mas, ao cabo de tudo, é o *coração* que Deus pede e a boa vontade; e, além disso, decerto que não é preciso muito tempo para amarmos a Deus, evitarmos o pecado e arrependermo-nos de nossas culpas; não é preciso muito tempo para fazermos as nossas orações todos os dias; até nem é preciso muito tempo para assistir a uma Missa rezada ao domingo, que de ordinário apenas ocupa meia hora e para ir à confissão quatro ou cinco vezes por ano.

Há pessoas que fazem tudo isso e mais ainda. Conheço algumas que jamais deixam passar um mês sem que recebam os Sacramentos; e nem por isso experimentam prejuízo em suas ocupações. Como é que essas pessoas praticam? Tende vós boa vontade como elas e, como elas, vivereis cristâmente; e como elas, tereis em partilha o paraíso em vez de ter o inferno.

Todo aquele que nega a Deus o seu *tempo*, também o mesmo Deus lhe negará a sua *eternidade*.

L

Não posso! É muito difícil!

RESPOSTA. — Dizei antes que *não quereis!* O homem pode tudo quanto quer, no tocante à consciência e à salvação.

Não é certamente o poder que falta, é a coragem. *Receia-se* o trabalho e por isso se recua. O verdadeiro cristão é um bravo; semelhante ao bom soldado a quem os esforços do inimigo não fazem mais que incitar ao combate, não receia coisa alguma. Animado por Jesus Cristo, toma dele toda a sua força. Se cai, logo se levanta, para recomeçar a peleja com mais bravura do que antes.

«Não posso». O preguiçoso, que pela manhã boceja e se volta em seu leito, que se estira e torna a adormecer, em vez de trabalhar, também diz: *«Não posso!»*

Um dia virá em que conhecereis que podíeis. Mas então já não será tempo: a ocasião do trabalho terá passado.

Estareis ante o tribunal de Jesus Cristo, e ouvireis as suas terríveis palavras: «Apartai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno, que fora preparado para o demónio». [1] Neste dia compreendereis que *podíeis!*

Todavia, sempre há alguma coisa de verdade no que dizeis. Não, vós não podeis vencer as vossas paixões e praticar as virtudes heróicas do cristão, se não fordes buscar, aonde ela existe, a força necessária para isso.

---

(1) S. Mat. cap. 25.

Não, vós não podeis evitar os pecados a que estais habituados, se não empregardes os meios que Jesus Cristo, vosso salvador, para esse efeito depositou nas mãos da sua Igreja.

Bem conheceis quais sejam estes meios; em tempos mais felizes, quando éreis bom, puro, modesto, porque éreis cristão, vós os empregastes e por experiência própria reconhecestes toda a sua doçura, todo o seu poder.

É a oração;

É a santificação do domingo;

É a instrução religiosa.

É principalmente a frequência da confissão e da sagrada comunhão.

É fugir das ocasiões perigosas, dos prazeres pecaminosos, das más companhias e das leituras ruins.

Não, sem estes meios, não podeis ser bom. Com eles, não só o podeis ser, mas nada há mais fácil nem mais agradável.

Quantos mancebos, quantos homens de toda a idade e de toda a condição têm paixões mais violentas que as vossas e não obstante as vencem, tornando-se dominadores delas? Muitos destes estão expostos a mais perigos e têm obstáculos de todo o género a superar. Acaso não pedereis fazer o que eles fazem?

Eu conheci um militar velho, que estava habituado desde a infância a jurar em nome de Deus. Não podia dizer duas únicas frases sem jurar. Persuadido, enfim, por uma enérgica exortação, resolveu-se deveras a desempenhar os seus deveres de cristão e a vencer o seu antigo defeito. Cada vez que o nome de Deus lhe escapava, dizia em seu coração. *«Meu Deus, perdoai-me, seja o vosso nome bendito!»* — Igualmente quando ouvia os seus camaradas cometer o mesmo pecado: — «Sou obrigado, me dizia

ele, a conter-me a custo; reprimo-me mais de cinquenta vezes por dia».

Com frequência se tem visto homens, avezados à terrível paixão da embriaguez, obterem vitoria ainda mais difícil, com uma coragem semelhante. O célebre general Cambronne, quando era simples soldado e depois cabo de esquadra, tinha este detestável hábito. Um dia, no estado de embriaguez, pôs mãos violentas num oficial, e foi condenado à morte. O coronel do corpo, que o estimava muito por sua bravura e lealdade, tanto trabalhou que conseguiu obter-lhe o perdão, mas com a condição de que nunca mais beberia vinho.— O cabo de esquadra Cambronne, vinte e cinco anos depois fora promovido a general, tendo-se imortalizado por sua heróica retirada de Waterloo. — Vivia tranquilamente na companhia de sua família, em Paris, amado e estimado de todos. O seu antigo coronel convidou-o um dia para jantar em sua casa com alguns veteranos companheiros de armas. Já se sabe, o lugar de honra foi para Cambronne, à direita do dono da casa. Trouxeram os vinhos generosos, reservados para as ocasiões solenes: «Agora, general, lhe diz o velho coronel, dir-me-eis que tal vos parece este»; e vai para encher o copo de Cambronne. Este recusa imediatamente; o outro insiste; Cambronne enfada-se: «Mas, general, afianço-vos que é excelente!» — «Não se trata disso, lhe responde Cambronne. Trata-se da minha honra! É a minha promessa, a minha promessa de cabo de esquadra, coronel, já a olvidastes!... Desde esse dia nunca mais uma gota de vinho tocou os meus lábios. A minha palavra e a minha consciência valem mais que o vosso vinho!»

Isto é que é **energia!** Isto é que são homens!

Coragem pois; é esta que falta. Todo o HOMEM É CRISTÃO LOGO QUE DEVERAS O QUER SER.

LI

Zombariam de mim! O homem não se deve singularizar, deve fazer como os outros.

RESPOSTA. — Isso é raciocínio de cabra, meu amigo. As cabras seguem umas às outras: se a primeira se lança numa cova, a segunda segue-a, a terceira segue a segunda, a quarta a terceira e assim por diante; deitam-se aí porque as suas companheiras aí se deitaram; *fazem como as outras.*

Mas porventura devem os homens obrar de tão estúpida maneira?

Ah! quantos são cabras neste ponto! quantos vão para o inferno, só porque os outros para lá vão!

Diz-me: «O homem não se deve singularizar». Pelo contrário é mister singularizar-se, não por orgulho ou porque despreze os outros, mas porque *é mister* ser bom no meio de um mundo que é mau.

O mal abunda, e o bem é raro; há muitos maus, e poucos bons; muitos pagãos e poucos cristãos. Os maus formam a maioria, e é a maioria que faz a moda e o costume. Aquele que quer seguir o outro caminho, que é bom, é por conseguinte forçado a singularizar-se.

Ora, importa muito ter esta singularidade. Ela é o sinal, a condição necessária da vossa salvação eterna.

Nosso Senhor Jesus Cristo declarou-o em termos formais: «*Entrai*, diz ele, [1] *pela porta estreita, porque a porta que conduz à morte é larga, o caminho que para ela dá é espaçosa, e há um grande número que para lá entram. Quanto é estreito o caminho que conduz à vida eterna, e quão poucos há que o sigam!*»

«*Não temais*, acrescenta ele em outro lugar do Evangelho, *não temais aqueles que não podem matar senão o corpo, e que depois disso, nada mais podem sobre vós. Vou dizer-vos a quem deveis temer: Temei aquele que pode matar o corpo, e perder a alma no inferno. Ah! digo-vos que temais esse!* [2] — *Aquele que se envergonhar de mim e da minha religião diante dos homens, eu me envergonharei dele diante de meu Pai e diante de todo o universo no dia de Juízo.* AQUELE PORÉM QUE PRESERVERAR ATÉ O FIM, apesar de todos os obstáculos, apesar das zombarias, dos exemplos e dos esforços dos libertinos, ESSE É QUE SERÁ SALVO» (S. Mat. 24, 13).

Não é bem clara a advertência? É o eterno *Juiz* que no-lo declara. É aquele que não fala em vão, e por sua própria boca nos assegura de que «o céu e a terra passarão», mas que «a sua palavra não passará».

É preciso pois, sob pena de condenação eterna, viver no mundo de um modo diferente daquele com que o mesmo mundo costuma viver.

Longe de temermos esta singularidade, e de nos envergonharmos dela, importa tomá-la como nossa glória. É ela que nos faz cristãos.

«Mas zombarão de mim?» Pois bem, deixai que os parvos zombem; vós nem por isso

---

(1) S. Mat. cap. 7.
(2) S. Mat. cap. 10 e 28.

morreis! Zombai daqueles que zombam de vós; eles é que são os ridículos e vós o assisado. Quem é que costuma zombar: o louco do assisado, ou o assisado do louco?

Se zombassem de vós porque comeis, ou porque caminhais com os pés e não com a cabeça, deixaríeis por isso de comer, e começaríeis a andar com as mãos? Não. E, porquê? Porque o que fazeis é bem feito, é razoável, e o que se pretendia que fizésseis é aburdo.

Quanto mais absurdo não é perder a vossa alma para agradar a alguns inconsiderados cuja libertinagem desprezais no fundo do coração! O que deve causar verdadeira vergonha são os louvores de semelhante gente; os seus vitupérios são um bem. É o sinal de que o vituperado não se lhe assemelha.

Porém não exagereis as coisas. Vós não sereis o único do vosso partido. Conquanto o número dos maus seja maior que o dos bons, estes não são tão poucos quanto à primeira vista parece; principalmente em nossos dias, em que a religião vai reassumindo gradualmente o seu benéfico império. — Entre as classes ilustradas da sociedade, principalmente, é hoje uma recomendação honrosa o ser cristão.

Há alguns anos, o jovem C. . . . um dos alunos mais distintos da Escola Politécnica, perdeu o seu rosário. Achou-o um seu colega, e este à hora do recreio, chamou todos os alunos, pendurou o rosário em uma das árvores do pátio, e com ar de desafio exclamou: «Aquele a quem pertence este rosário venha buscá-lo». «Fui eu que o perdi, disse tranquilamente o jovem C. . . . escaminhando-se para o centro de seus colegas; esse rosário é uma lembrança de minha mãe, estimo-o muito e rezo-o todos os dias».—«Bravo», exclamou uma voz grossa. Todos se voltaram:

era o general comandante da Escola. «Bravo, meu amigo, diz ele apertando a mão ao jovem cristão; sois um homem cordato e de energia. Continuai assim, que sereis venturoso!» — C. ... foi o primeiro que saiu da Escola, e, durante todo o tempo que lá se conservou, era o mais estimado e amado de todos

Sede urbano e oficioso para com todos; ride com os outros de tudo aquilo de que se pode rir sem ofender a Deus; e eles, acaso que vos hajam atacado, bem depressa vos deixarão tranquilo acerca de Religião.

Eu conheço um Alsaciano, mui bom cristão, que, no seu regresso ao regimento, foi escarnenecido por muitos dos seus camaradas.

Chamavam-lhe *carola*, *hipócrita*, *tartufo*, etc., etc. Um dia em que estes apodos eram mais profusos e acalorados que de costume, pediu o nosso camarada licença ao seu capitão para reunir a companhia na ocasião do rancho. Subiu a um banco, e dirigiu-lhe este discurso: «Desenganai-vos que por mais que façais não conseguireis que eu mude de procedimento. Deus vale mais do que vós outros, não é assim? Pois bem, eu quero antes agradar a Deus do que a vós. Ide-vos deitar, se não estais satisfeitos. Ainda que todo o regimento aqui estivesse, eu não recuaria nem uma polegada». Os camaradas começaram a rir e a aplaudir, e desde essa ocasião nunca mais se disse uma palavra ofensiva a este digno mancebo.

Chegando certo viajante a uma hospedaria em um sábado, pediu alimentos de peixe. Alguns comensais dos não escrupulosos começaram logo a motejar. Um deles, que era mais atrevido, dirigiu-lhe a palavra: «O senhor come de peixe?» lhe diz em ar de chacota. — «Sim, senhor, lhe responde o viajante no mesmo tom: e o

senhor come de carne?» — «Sim, senhor», lhe torna o outro um pouco despeitado por ver que também zombava dele. «Tanto pior para o senhor, prossegue o viajante. O senhor assenta acaso que o homem honrado deva preferir uma costeleta à sua consciência? Pois eu prefiro a consciência à costeleta». — Os joviais convivas puseram-se logo do seu lado. E ainda mais, um deles dirigindo-lhe a palavra, felicitou-o pela firmeza que mostrava no cumprimento do seu dever: — «Não quero, senhor, ajuntou ele, que vós sejais o único aqui; aproveitarei a vossa estimável lição, porque igualmente sou católico. Ó rapaz, traze-me também peixe».

Não afrouxeis pois ante uma palavra, ante um volver de olhos, ante um sorriso...

Deixai perder *aqueles* que se querem perder; vós, que sabeis o que isso é, salvai a vossa alma. Deixai rir quem quiser rir. *Bem rirá quem for o último que rir!*

LII

O homem não deve ser beato. [1]

Resposta. — Sem dúvida, o homem não deve ser beato. Quem vos fala disso?

A beatice não é a religião, é o abuso dela.

---

[1] Como os vocábulos franceses «bigot», «bigoterie», se tomam sempre à má parte, e os portugueses, «beato», «beatice», pelos quais os traspasso, visto não haver outros pròpriamente vernáculos, que com mais precisão os representem, nem sempre se tomam em mau sentido, convém

Os defeitos das pessoas que assim abusam da religião, de ordinário por ignorância, não devem ser-lhe imputados.

Abusa-se dela, bem como se abusa de todas as coisas boas. É mister rejeitar o abuso, e conservar o uso.

É necessário ser piedoso, sem todavia ser beato. Deus, que ama a piedade, não ama a beatice. Ele quer ver em nosso coração a *devoção*, isto é, a *dedicação* ao seu serviço, a dedicação para com os deveres que nos manda cumprir e o amor para com a sua lei; mas não quer ver a beatice, quero dizer, essas pequenas manias, esses hábitos mesquinhos ou supersticiosos de religião, que com frequência fazem substituir o principal pelo acessório e tomar os meios pelo fim.

Todavia, importa dizê-lo, esses abusos da religião não são nem tão grandes, nem tão odiosos como nos querem persuadir.

Ordinàriamente não fazem mal a ninguém, e só prejudicam aqueles que os cometem. Os que

---

advertir, que a «beatice» de que aqui se trata e que é a censurável como bem se depreende do contexto da Resposta, não é a do homem dado à vida acética, espiritual, devota: mas sim a daquelas pessoas que, por ignorância ou mal entendido zelo, associam aos actos religiosos práticas ridículas ou supersticiosas, que a Igreja reprova. Em rigor ainda não é a definida por Bluteau — vanæ pietatis simulatio, — nem tão pouco a de Bento Pereira — fucata santimonia, — porquanto, a simulação prepressupõe a intenção deliberada de enganar, e quem ou afecta santidade, ou simula a piedade, é hipócrita.

Estas pessoas, porém, carecem da intenção de enganar; não querem enganar os outros enganam-se a si, até sem o suspeitarem. Além de que, acresce que hoje basta que qualquer indivíduo seja exacto no cumprimeuto de seus deveres religiosos, para que irònicamente o apelidem beato.

(Nota do Tradutor).

caem nesses abusos são pessoas, comumente mulheres, os homens são menos atreitos a tais defeitos, são pessoas, digo, pouco ilustradas, que se fatigam, que se confundem com práticas exteriores, boas em si mesmas, porém muito multiplicadas; que têm maneiras singulares; que atormentam a consciência com receio de fazer mal; que se inflamam, por um zelo mal entendido, quando antes seria muito melhor calarem-se, etc.

Eis aqui o que é a beatice. Isto é certamente um defeito, mas oxalá que sobre a terra jamais houvessem outros abusos! Todos aqueles que vociferam contra a beatice, todos aqueles que se indignam com as suas ridicularias, fazem-me lembrar um homem que, condenado a trabalhos forçados perpètuamente por causa de um horrível *assassínio*, indignava-se porque lhe tinham dado por companheiro na calceta... um ladrão!

Estes são muito mais dignos de vitupério do que aqueles a quem atacam.

A sua libertinagem, o seu mau procedimento, o esquecimento de seus mais sagrados deveres, a sua ignorância em matéria de religião, as suas conversações impúdicas, os seus maus exemplos, etc., etc., não são porventura *abusos?* Não são muitas vezes até *crimes?*

Toda a sua vida é um *abuso;* e o abuso da devoção, segundo julgo, é o único de que não são culpados. Ora, não seria preferível que eles os trocassem pelo outro?

Não sejais pois beato, mas cristão e bom cristão. Amai a Deus, servi-o fielmente, observai os seus mandamentos; preenchei, para agradar a Deus, todos os vossos deveres, e sede dócil ao ensino dos ministros de Jesus Cristo.

LIII

A vida cristã é muito fastidiosa; é muito triste. Privar-se a gente de tudo, ter medo de tudo. Que vida!

RESPOSTA. — Mais devagar, meu amigo! mais devagar! Não vos assusteis tão depressa! A vida cristã não vos obriga a «ter medo de tudo, a privar-vos de tudo». Vós exagerais as coisas: se a lei do Evangelho é um jugo, Nosso Senhor Jesus Cristo, que no-la impôs, pessoalmente nos declara «que este jugo é suave e este fardo leve».

Provàvelmente conhecereis alguns bons cristãos. Achais-lhe acaso ar triste, desconsolado e tedioso?

Pelo contrário, a todos os que eu conheço, nota-se-lhes no rosto o sossego, a paz e o contentamento que a sua alma disfruta; só a presença deles dá prazer.

Não nego que seja necessário, para ser verdadeiro cristão, velar cada qual a si mesmo e evitar certos prazeres maus e perigosos. Também não nego que a luta da vontade contra as paixões não seja algumas vezes difícil.

Ide, porém, encontrar uma condição sem lutas e sem sacrifícios! Para aprender a vossa ocupação, para ganhar a vossa vida, não é preciso que vos incomodeis, e às vezes que vos incomodeis muito?

Mesmo para cada um *se divertir*, é de ordinário mister fazer alguns sacrifícios...

E pretende-se que a maior, a mais importante, a mais necessária de todas as coisas, que é o

negócio da salvação eterna, não custe nada! Isso é impossível.

O mundo vê os cristãos orar, fazer penitência, imporem-se constrangimentos, dar o que podem aos pobres, reprimir suas paixões, privar-se dos prazeres sensuais, e praticar tais ou tais coisas, que lhe fazem parecer esta vida desagradável e rigorosa.

Mas isto não é senão o exterior. Olhai para dentro, e vereis corações generosos e alegres, que tornam fáceis, e até mesmo agradáveis, estes sacrifícios em aparência tão penosos.

O bom filho, que se priva a pró de sua mãe, não encontra acaso uma dita nas mesmas privações que se impõe?

Bem como as abelhas, que mudam em mel o suco amargoso que colhem nas flores do tomilho, a piedade cristã troca em doce quanto há de amargo na prática do dever.

Experimentai e vereis. É preciso sentir estas coisas para deveras as apreciar; as palavras não bastam a fazê-las compreender a quem delas não tem experiência.

Para isso, talvez não haveis mister mais que reportar-vos aos dias da vossa infância. Há poucos homens que não tenham experimentado essa ventura do amor de Deus no grande e solene momento da sua primeira comunhão... Então éreis bem ditoso!... E porquê? Porque éreis puro, casto, aplicado ao bem, em uma palavra, porque éreis cristão.

Tornai-o pois a ser, e ainda sereis venturoso. O Deus da vossa infância não mudou... ah!... como vós mudastes! Ele ainda vos ama, e espera a volta de seu filho pródigo. Não tenhais receio; ele é o bondoso Salvador, é o refúgio dos pecadores arrependidos. «*Nunca*, nos diz ele, *nunca recusarei aquele que vem a mim!*»

Tomai pois este jugo suave e leve da vida cristã, e encontrareis o repouso, a paz do coração, verdadeira alegria neste mundo, e depois da vossa morte, as eternas alegrias do Paraíso.

LIV

Eu não sou digno de me aproximar dos Sacramentos. O homem não deve abusar das coisas santas.

Resposta. — Não; mas deve usar delas. Depois do sacrilégio, a maior injúria que se pode fazer a Jesus Cristo, é o abandono.

Há duas espécies de pessoas que se devem aproximar dos Sacramentos: os bons que se querem conservar bons, e os pecadores que se querem tornar bons.

Abstendo-vos deles, renunciais a vida. Quando se quer conservar água quente, retira-se esta porventura do fogo? Para curar um enfermo priva-se acaso este dos remédios?

Os Sacramentos são remédios. Ide recebê-los, não porque sejais digno deles (ninguém há digno de Deus) mas para que vos torneis menos indignos: não porque estejais forte, mas para curar a vossa fraqueza.

Ide ter com Jesus Cristo; sem ele não podereis salvar-vos. Ide procurá-lo onde ele está: na confissão, onde purifica o seu templo, que é o vosso coração, e na sagrada Comunhão, por meio da qual entra em pessoa na habitação que prèviamente preparara.

Fazei tudo o que depende de vós, e não temais. Tende ao menos *boa vontade*, e cada vez vos tornareis melhor.

LV

Eu tenho feito grandes pecados, é impossível que Deus me perdoe.

RESPOSTA. — Impossível? Pobre alma, que não conhece o coração de JESUS CRISTO.

Dizei-me, tendes mais do que a Madalena? Madalena, a mulher de má vida. Madalena, a pecadora pública. Madalena, que cada qual repelia como se só o seu contacto fosse uma mancha! — Já vos não recordais da sua história?

Fora o bom Jesus convidado a jantar em casa de Simão o Fariseu. Estava à mesa, estendido segundo o uso dos Judeus. Uma mulher entra na sala, lança-se aos pés do Salvador, e sem dizer coisa alguma, mas chorando, abraça seus pés sagrados, banha-os com suas lágrimas, e oscula-os repetidas vezes... O Fariseu reconhece-a, é Madalena, a pecadora! «Se este homem fora o Filho de Deus, diz ele em seu coração, conheceria que esta mulher é uma miserável!...» Jesus, ciente de seus pensamentos: «Simão lhe diz, tenho que dizer-te». — «Mestre, responde o Fariseu, falai». — «Um homem tinha dois devedores; um devia-lhe quinhentas moedas de ouro, e outro cinquenta óbulos. Ele perdoou a dívida a ambos. Qual pensas tu que o deve amar mais?» — «Sem dúvida aquele, res-

ponde Simão, a quem perdoou a maior dívida». — «Tens razão, diz Jesus Cristo». E, voltando-se para Madalena: «Vês esta mulher? Quando entrei em tua casa, não me deste o ósculo de paz; e ela, desde que aqui entrara, não cessou de beijar os meus pés. Tu não me ofereceste água para me purificar, segundo o uso; e ela tem-me coberto de suas lágrimas... Em verdade, em verdade te declaro, que muitos pecados lhe são perdoados porque me amou muito». — Depois, sem mais se inquietar com os murmúrios do orgulhoso Fariseu: «Mulher, diz ele à Santa Madalena, vai em paz e não peques mais».

E, depois deste exemplo, ainda desesperais da bondade de Deus?... Oh! não; o coração do vosso Salvador é sempre o mesmo! Ele espera-vos com maravilhosa afabilidade. Ide, ide lançar-vos a seus pés; ide chorar as vossas culpas. Elas são grandes, é verdade; porém ainda maior é a sua bondade. O mesmo Senhor o declarou por seus divinos lábios. «Nunca *recusarei aquele que vem a mim*».

Lembrai-lhe os padecimentos que por vós suportou; recordai-lhe o seu presépio, a sua pobreza e sua agonia, a sua paixão, a sua coroa de espinhos, a sua flagelação, a sua cruz e sua morte... Lembrai-lhe sua Mãe, essa Mãe que precisamente vos dera para ser junto dEle a vossa advogada, o vosso refúgio e a vossa esperança...

Depois, com o arrependimento no coração, ide ter com o ministro do perdão, o juiz de misericórdia, o confessor... Pedi-lhe indulgência e socorro. Ele vo-los dará, estai certo disso: porque Deus quer que ele os dê sempre e a todos. Então, em breve ouvireis, no meio de vosso pranto, as grandes palavras da vida eterna que ressuscitaram a Madalena, e que de Mada-

lena pecadora fizeram a admirável *santa Maria Madalena!* «Os teus pecados te são perdoados; levanta-te e não peques mais».

LVI

Convém que a mocidade se passe.

RESPOSTA. — Fazendo o quê? asneiras? pecados? perdendo a alma, a honra, a saúde, o dinheiro com os libertinos? praticando o que Deus proíbe praticar? É essa, certamente, bem estranha moral! Não sei de que lugar do Evangelho é tirada!

Sim, convém que a mocidade se passe; mas importa que se passe, bem como toda a vida, na prática do bem, e na abstenção do mal; no cumprimento do dever.

A única diferença entre ela e a velhice, é que a juventude tem mais vivacidade e mais forças, e que por isso deve praticar o bem com mais zelo, mais ardor e mais dedicação.

Sim, convém que a mocidade se passe desta sorte, para ser honrosa diante de Deus e diante dos homens: para ser o prelúdio de uma velhice respeitável e abençoada de Deus; para preparar com antecedência a colheita que a alma deve receber, no dia da sua partida, nos umbrais da eternidade.

Não há no mundo coisa mais encantadora do que uma juventude santa e pura. Não há nada mais belo, mais interessante, mais amável do que um mancebo casto, modesto, laborioso e fiel a seus deveres!

Ah! se os mancebos cristãos soubessem o que são! por coisa alguma do mundo quereriam perder a sua glória!

Esta, uma vez perdida, não pode voltar. O arrependimento tem seus atractivos; mas este já não é a *inocência!*

Se a mocidade soubera! se a velhice pudera!

LVII

A Extrema-Unção faz morrer os enfermos. Só isso basta para os matar. Não se deve chamar o Padre senão quando o doente já não está em seus sentidos.

RESPOSTA. — É isso, não se deve chamar o confessor senão quando o enfermo se não pode já confessar; não se deve chamar o Padre senão quando a sua presença se tornou já inútil! — Alguma coisa há ainda mais simples do que isso; seria mesmo não o chamar e deixar morrer a gente como os cães...

Acaso é JESUS CRISTO o Deus dos mortos? foi para cadáveres que ele constituiu os seus Padres?

É incalculável o número de desventuradas almas a quem esta fatal preocupação perdera eternamente. A experiência quotidiana o confirma: vêem-se muitas vezes os enfermos chorar de alegria depois de receberem os últimos socorros da Religião; mas isto não é bastante a determinar os parentes: vêem-se famílias inteiras, que se dizem cristãs, ligarem-se, de algum modo, contra o Padre, para o impedir de

salvar a alma de um pai, ou mãe, de um filho ou de um amigo, a ponto de comparecer ante o tribunal de Deus!

E depois, quando já é tarde, quando o Padre dirige algumas exprobrações a qualquer dessas famílias insensatas, diz: «O defunto era tão bom! era homem tão honrado! A finada era tão boa mulher! tão arranjada! Amava tanto seus filhos!... Não há motivo para recear...» E muitas vezes havia dez, vinte ou mais anos, que estes desgraçados tinham esquecido a Jesus Cristo, deixando de cumprir os deveres essenciais da vida cristã!!

Não, não é assim, ficai-o sabendo de uma vez para sempre, os pobres moribundos não têm medo do Padre! não, a sua visita não os mata! Ao contrário, salva-os, consola-os, fortifica-os, alivia-os, e algumas vezes até fìsicamente. Os médicos passam a vida a verificar os resultados, não menos inesperados que enternecèdores, do cumprimento que os enfermos dão aos seus deveres religiosos.

Há alguns anos, vi disto um exemplo que jamais esquecerei em toda a minha vida. Fui chamado em dia de entrudo do ano de 1850 para assistir a um rapazinho doente, já condenado pelo seu médico. À pobre mãe já não restava esperança alguma. Dei a este menino os últimos Sacramentos dos cristãos, confessei-o, administrei-lhe, como viático, a sua primeira Comunhão... ou antes, a última! O pequeno teve as mãos postas enquanto se executou esta triste e piedosa cerimónia. E pouco depois quando lhe perguntei se estava contente, deligenciou reunir alentos para me responder com um sorriso: «Sim, meu padre, estou mui contente». Despedi-me, pois, bem dissuadido de o tornar a ver.

O médico, no outro dia pela manhã, ficou pasmado de o encontrar ainda vivo. Mas o seu pasmo ainda mais aumentou quando o examinou de perto. Já não tinha febre; os sintomas mortais haviam desaparecido. O doutor não sabia como esta melhora repentina se tinha podido operar.

O menino ressuscitado, três dias depois já estava brincando com seu irmão!

A Extrema Unção deu-lhe porventura a morte?

Não tenhais pois receio do Padre. Quando estiverdes gravemente doente, mandai-o logo chamar. Pedi-lhe as consolações da Religião. Aparelhai-vos para qualquer eventualidade, e ponde-vos em paz com Deus. O ter cada qual o seu passaporte pronto, nem por isso obriga a partir por força.

LVIII

Eu desempenharei os deveres religiosos mais tarde, quando não tiver tantos negócios. Confessar-me-ei mais tarde, à hora da morte. Certamente não hei-de morrer sem Sacramentos.

Resposta. — Mais tarde?

— Certamente.

— Sim, isso é se houver um *mais tarde* para vós e se tiverdes os meios necessários na ocasião da vossa morte, o que, *certamente*, é duvidoso.

Quantos e quantos não têm dito, bem como vós: «Amanhã, mais tarde», para os quais não tem havido senão o juízo e a eternidade!...

Quantos têm deixado de se confessar quando fàcilmente o podiam fazer, e não tiveram a mesma possibilidade quando o quiseram executar.

Confessar-vos-eis *à hora da morte?* Mas se Deus pusesse a morte antes da confissão?

— «Oh! respondeis vós, ele é misericordioso!» — Sim, e é por isso que certamente vos oferece hoje um perdão que não mereceis.

Aquele que prometeu o perdão ao pecador penitente, não lho prometeu para o dia de amanhã.

Pelo contrário, ele adverte-o para que esteja sempre acautelado, porque a morte lhe será enviada de improviso.

Que loucura não é, pois, arriscar uma eternidade por um *talvez!*

Há pouco tempo que um mancebo de 17 anos de idade, encarcerado na prisão celular de *la Roquette*, em Paris, tinha recusado ao Capelão ir ter com ele para desempenhar o seu dever pela Páscoa. *Todos*, excepto ele, haviam acolhido os conselhos do Padre.

«Mais tarde respondera ele, agora não; para o ano que vem, este ano não!»

O Capelão, no dia seguinte ao da sua infrutuosa visita, desceu aos cárceres da enfermaria e viu em uma das portas o *número* do seu preso da véspera. Entra e encontra-o deitado, adormecido e muito pálido. Chama a irmã da Caridade que cuidava da enfermaria e pergunta-lhe que havia de novo a respeito do recém-chegado. «Não é grande coisa, responde ela; uma dor de cabeça, talvez alguma indigestão». Entram ambos; e a irmã chega-se e fala ao doente, o qual lhe não responde: «Mas, irmã, diz o Padre assustado, este rapaz está muito mal. Mandai chamar o médico». — Passados alguns minutos chegou o doutor... O doente estava com efeito

sem sentidos. O médico toma-lhe o pulso põe-lhe a mão sobre o coração... «Ah! meu Deus!... exclama com ar de estupefacção. — Então que é?» pergunta o Padre. — O doutor examina-o de novo: «O que é?»... lhe torna ele. É que este rapaz está morto!»

E olhava-lhe para os lábios ainda abertos, que havia pouco tinham repelido a Deus, dizendo: *Mais tarde, para o ano que vem!*

Em um cárcere próximo estava outro preso e também de 17 anos. Sacramentado já, havia alguns dias, aguardava os seus últimos momentos. «Ó meu pai, meu bom pai, murmurava ele quando viu entrar o Padre, quanto sou ditoso!... vou ver a Deus... e será breve?...» E como o Capelão lhe dirigisse algumas palavras de esperança acerca da sua cura: «Não me digais isso, respondia ele com um sorriso. Estimo mais morrer; se a saúde viesse outra vez, poderia esquecer-me de Deus, e pecar novamente... Antes quero morrer para entrar dentro em breve no paraíso!...»

E essa mesma noite expirava este mancebo sossegadamente, acompanhando o seu derradeiro suspiro com o sagrado nome de Jesus!...

Os exemplos de mortes súbitas, inteiramente imprevistas, são quotidianos. Há pouco tempo que um operário, pai de família, caiu da altura de alguns pés na rua de Vaugirard, em Paris. Morreu imediatamente; até nem pôde soltar um grito! Mas este trazia bem presente a advertência do Evangelho... Confessava-se e comungava *todos os oito dias*.

Se esta mesma noite vos acontecera outro tanto, estaríeis acaso preparado, como ele, para entrar na eternidade?

Mais recentemente ainda passava um homem pela rua de... Vacila e cai instantâneamente.

Chegam-se logo a ele; levam-no para uma loja próxima. É chamado um médico; este examina-o e declara que a morte havia sido instantânea, antes mesmo que o infeliz tivesse inteiramente caído no chão. Este, porém, não estava preparado.

À vista disto, ide lá contar *com o dia de amanhã* para vos salvar!

À vista disto falai-me de *mais tarde!* À vista disto, ide dormir tranquilo com o pensamento de: Eu *certamente* me confessarei à hora da morte!

Um pobre aprendiz tivera a sua primeira comunhão havia alguns meses. Ele tinha tomado uma única resolução, mas esta sèriamente: *«Se eu vier a cair em algum pecado mortal, irei no mesmo dia, antes de me recolher, confessar-me».*

Esta desgraça aconteceu. Era um sábado, e estava muito mau tempo. O Padre achava-se longe. O rapaz disse consigo: «Ir-me-ei confessar daqui a alguns dias». Porém a sua promessa vinha-lhe à memória, e alguma coisa lhe dizia: Faze o que prometeste: vai confessar-te.

Ele hesitava. Neste combate interior, pôs-se de joelhos e rezou uma *Avé-Maria* para obter a graça de conhecer a vontade de Deus... A oração é a salvação da alma...

Levantou-se e pôs-se a caminho.

Na volta encontrou sua madrinha que lhe perguntou de onde vinha; e ele com a alegria no rosto lho contou, dizendo-lhe que ia dormir descansado porque havia recobrado a amizade de Deus.

Sua mãe costumava deixá-lo dormir mais tempo ao domingo que nos outros dias.

Segundo pois o seu uso, não o foi acordar senão às sete horas, batendo-lhe à porta do quarto, e chamando-o.

Um quarto de hora depois, Paulo ainda dormia. A mãe chamou-o de novo e impacientada por não ter resposta, entrou na câmara: «Vamos, preguiçoso! são quase sete horas e meia, e não tens vergonha?...

Chega-se ao filho, que não bulia... pega-lhe na mão, que acha fria... olha-o assustada... e, soltando um grito doloroso, cai sem sentidos... O rapaz estava morto, e o seu cadáver já frio!

Feliz ele, por não haver guardado para *mais tarde!* por não haver guardado mesmo para o outro dia!

Oxalá que vós, que isto ledes, sejais tão prudentes como ele, e pratiqueis do mesmo modo!

CONCLUSÃO

Bem o vedes, meu querido leitor, todas estas respostas são a voz do bom senso, e não outra coisa. Aqui não há delicadezas de espírito, nem subtilezas de retórica. A verdade prova-se mostrando-se. No mundo, sem dúvida, ainda existem outras preocupações contra a Religião. Os erros, bem como as loucuras, não têm limites. — Julgo todavia haver reunido, neste pequeno volume, as objecções mais vulgares.

As outras, eu vo-lo afianço, não são certamente mais bem fundadas do que estas. Quaisquer que elas sejam, são sofismas, quero dizer, raciocínios que têm aparência de verdadeiros, mas que pecam por algum ponto. — Ninguém pode ter razão contra a verdade.

Se alguma dessas objecções vos embaraçar, ide ter com qualquer bom e ilustrado Eclesiástico (Deus louvado, estes não faltam entre nós), e ficai antecipadamente certo de que vos acolherá com benevolência. Exponde-lhe francamente a vossa dificuldade, que ele para logo vos mostrará a sua resolução.

Tratai de vos instruir na religião; quanto mais se ama, mais se pratica. Muitos atacam-na porque a não conhecem. Figuram-na mui diferente do que na realidade é, e desde logo acham pretexto para zombar dela.

Estimarei que as minhas conversações convosco sejam úteis à vossa alma. — Tornai a ler e

meditai os pontos que mais vos embaraçavam. Se as razões que vos dou vos parecerem insuficientes, ficai bem persuadido que a culpa é só minha, e não da santa causa da verdade que procurarei defender. A necessidade de ser mui breve nas minhas respostas, e o meu pouco talento, são os únicos motivos da frouxidão da defesa.

Oxalá que eu possa alcançar o meu fim! Praza a Deus que consiga aumentar em vosso coração o respeito para com a fé, o amor para com a virtude, o zelo para com a vossa salvação! É esta toda a minha pretensão na pequena obra que vos apresento!... Nesse caso teria trabalhado para a vossa *ventura*, e a oferta do meu livro seria uma boa acção.

Rogo a Deus que o abençoe, que vos abençoe a vós, e que me abençoe a mim também. E com isto, meu querido leitor, me despeço da vossa pessoa; até mais ver, segundo espero, no Paraíso.

G. S.

ÍNDICE

CAPÍTULOS

CAPÍTULOS

CAPÍTULOS

CAPÍTULOS

CAPÍTULOS

CAPÍTULOS

LV

LVI

LVII

LVIII